

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

THAYS ASSUNÇÃO REIS

A CULTURA NOS DIÁRIOS MARANHENSES: UMA ANÁLISE EDITORIAL DOS JORNAIS O
ESTADO DO MARANHÃO, O IMPARCIAL, PEQUENO E O PROGRESSO

PONTA GROSSA
2017

THAYS ASSUNÇÃO REIS

A CULTURA NOS DIÁRIOS MARANHENSES: UMA ANÁLISE EDITORIAL DOS JORNAIS O
ESTADO DO MARANHÃO, O IMPARCIAL, PEQUENO E O PROGRESSO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Jornalismo para obtenção do título de Mestre pela
Universidade Estadual de Ponta Grossa.

Área de concentração: Processos jornalísticos e práticas
sociais

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Luiz Gadini.

PONTA GROSSA
2017

Ficha Catalográfica
Elaborada pelo Setor de Tratamento da Informação BICEN/UEPG

Reis, Thays Assunção
R375 A Cultura nos Diários Maranhenses: uma
análise editorial dos jornais o Estado do
Maranhão, o imparcial, pequeno e o
progresso/ Thays Assunção Reis. Ponta
Grossa, 2017.
143f.

Dissertação (Mestrado em Jornalismo -
Área de Concentração: Processos
Jornalísticos), Universidade Estadual de
Ponta Grossa.

Orientador: Prof. Dr. Sérgio Luiz
Gadini.

1.Jornalismo cultural. 2.Agendamento
editorial. 3.Campo cultural. 4.Jornalismo
no Maranhão. I.Gadini, Sérgio Luiz. II.
Universidade Estadual de Ponta Grossa.
Mestrado em Jornalismo. III. T.

CDD: 070.143

THAYS ASSUNÇÃO REIS

A CULTURA NOS DIÁRIOS MARANHENSES: UMA ANÁLISE EDITORIAL DOS JORNAIS O
ESTADO DO MARANHÃO, O IMPARCIAL, PEQUENO E O PROGRESSO

Dissertação apresentada para obtenção do título de mestre na Universidade Estadual de Ponta
Grossa. Área de concentração: Processos jornalísticos e práticas sociais.

Ponta Grossa, 22 de fevereiro de 2017.

Prof. Sérgio Luiz Gadini - Orientador
Doutor em Comunicação
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Prof^a Karina Janz Woitowicz
Doutora em Ciências Humanas
Universidade Estadual de Ponta Grossa

Álvaro Nunes Larangeira
Doutor em Comunicação
Universidade Tuiuti do Paraná



Universidade Estadual de Ponta Grossa
Setor de Ciências Sociais Aplicadas
Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Jornalismo

TERMO DE RESPONSABILIDADE

Declaração de Compromisso Ético com a Originalidade Científico-Intelectual

Eu, **Thays Assunção Reis**, CPF número 032.512.083.81, RG número 19346512001-3, responsabilizo-me pela redação do trabalho intitulado, “A cultura nos diários maranhenses: uma análise editorial dos jornais O Estado do Maranhão, O Imparcial, Pequeno e O Progresso”, atestando que todos os trechos que tenham sido transcritos de outros documentos (publicados ou não), e que não sejam de minha exclusiva autoria, estão citados entre aspas, com a devida indicação de fonte (autor e data) e a página de que foram extraídos (se transcrito literalmente) ou somente indicados fonte e ano (se utilizada a ideia do autor citado), conforme normas e padrões da ABNT vigentes. Declaro, ainda, ter pleno conhecimento de que posso ser responsabilizada legalmente caso infrinja tais disposições.

Ponta Grossa, 22 de fevereiro de 2017.

Thays Assunção Reis
Número do RA: 3100115003018

Dedico este trabalho aos meus pais, Ediberto e Conceição, por sempre priorizarem meus estudos, mesmo nas situações mais adversas da vida. Amo vocês!

AGRADECIMENTOS

Dizem que concluir uma dissertação é encerrar uma etapa da vida. E é! Mas antes de chegar neste estágio, muitas pessoas, histórias e lugares atravessam nosso caminho. Por isso, agradeço a cada um que, direta ou indiretamente, cooperou com esta pesquisa.

A Deus, que sempre cercou minha vida de carinho e proteção. E nesses anos no Paraná, em específico, me surpreendeu diariamente com seu amor e misericórdia. Senhor, se não fosse por tua vontade, nada disso teria sido possível! A ti meu louvor e gratidão.

Aos meus pais, Ediberto e Conceição, por me apoiarem a deixar minha terra natal – Maranhão - para voar e realizar meus sonhos. Ao longo desses dois anos, mesmo distantes fisicamente, nunca deixaram de se preocupar comigo, de me apoiar e torcer para que conseguisse superar os desafios.

Agradeço de forma especial ao meu marido Rodrigo Reis, por estar ao meu lado em todos os momentos, sempre disposto a ouvir meus desabafos, me animar, revisar meus textos e me criticar, quando necessário. Obrigada, meu amor, por ter tornado o percurso até aqui mais leve e feliz.

Aos meus irmãos (Thiago e Thassio), sogros (Wilson e Helena) e cunhados (Poliana, Leonardo, Heleilson e Helenilson), por torcerem pelos meus projetos, oferecerem carinho, bons conselhos, compreensão e bom humor nos momentos de convivência familiar.

Ao meu orientador Sérgio Luiz Gadini, por me encorajar a desbravar a produção jornalística cultural do Maranhão e me conferir autonomia necessária no desenvolvimento desse processo. Os diálogos durante as orientações deixam boas recordações de uma convivência amigável.

Meu agradecimento a todos os professores do Mestrado em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), pelos ensinamentos e interlocuções que tanto contribuíram para a realização deste trabalho.

Aos colegas de turma: Mariana Noronha, Elaine Schmitt, Matheus Lara, Afonso Verner, Andréa Moraes, Rodrigo Reis e Nayane Brito, por compartilharem comigo momentos de devaneio, angústia, desespero com prazos, alegrias e descontração nesses dois anos de estudo.

Agradeço aos amigos que fiz em Ponta Grossa, em especial, à Ana Paula Prado, pela compreensão diante minhas ausências, pelas súplicas a Deus por mim, pelas partilhas sobre família, sonhos, amor, profissão e amigos. O seu sorriso espontâneo e abraço apertado muitas vezes foram o que aplacaram minha saudade do Maranhão.

À Comunidade Católica Shalom de Ponta Grossa, pelos momentos de oração, formação, convivência e evangelização. As amizades construídas por intermédio desse “carisma” serão sempre lembradas com muita estima e afeto.

Aos amigos da Comunidade de Aliança Sagrada Família, pelos abraços, “brincadeiras”, conversas reconfortantes e orações durante minhas estadias no Maranhão.

À Virgínia Diniz e Nayana Cavalcante (família), por me acolherem e me ajudarem nas minhas “andanças” pela capital maranhense. Deus as abençoe!

À Fundação Araucária e à Capes, pelo apoio financeiro por meio da bolsa de pesquisa que foi imprescindível para minha permanência no Paraná e desenvolvimento deste trabalho.

Aos editores dos jornais *O Estado do Maranhão*, *O Imparcial*, *Jornal Pequeno* e *O Progresso*, por me receberem nas redações e dedicarem um tempo precioso das suas atividades diárias para conversar comigo.

À professora Letícia Cardoso, Francisca Ester Marques, por me fornecerem informações sobre os espaços, atividades culturais, projetos, festividades, grupos e atores culturais que integram o cenário de São Luís.

Meus sinceros agradecimentos aos produtores culturais, artistas e profissionais da imprensa de São Luís e Imperatriz, que se dispuseram a colaborar com dados e relatos pessoais acerca do campo cultural dos municípios investigados.

Aos amigos de Imperatriz que, mesmo de longe, torceram por mim e vibraram com cada conquista. Obrigada, meus queridos!

Por fim agradeço à Ponta Grossa (PR), que me recebeu durante o mestrado e me cativou enquanto estive na cidade.

RESUMO

A presente pesquisa investiga a tematização da cultura nos diários maranhenses, *O Estado do Maranhão*, *O Imparcial*, *Jornal Pequeno* e *O Progresso* à luz dos conceitos da teoria dos campos sociais, trabalhada por Pierre Bourdieu (1997), João Pissara (2003) e Adriano Rodrigues (1999); do agendamento temático (McCombs, 2009) e do jornalismo cultural (Gadini, 2009), Piza (2011) e (Ballerini, 2015). O estudo adotou os recursos metodológicos de “pesquisa da pesquisa”; roteiro exploratório; levantamento quantitativo do produto cultural jornalístico (que considera 224 edições dos jornais entre março e abril de 2016); entrevistas com jornalistas, produtores culturais e pesquisadores. O resultado aponta que a tematização e agendamento da cultura no conteúdo jornalístico de cada um dos diários, em geral, é caracterizada pelo uso do gênero informativo, representado por notícias e notas. São textos curtos (6 parágrafos no máximo) sem fontes identificadas ou com poucas fontes diversas, capazes de transmitir uma maior pluralidade ao olhar jornalístico veiculado pelos textos. Os dados levantados no estudo também indicam a presença de uma cultura enraizada nas realidades das cidades sede dos veículos (São Luís e Imperatriz) e distante das tradições e manifestações populares. Além disso, a produção jornalística cultural é visível e frequentemente norteadas pela lógica da ‘agenda’ de eventos e pela utilização de material das assessorias de imprensa.

Palavras-chaves: Jornalismo cultural; Agendamento editorial; Campo cultural; Jornalismo no Maranhão.

ABSTRACT

The present research investigates the thematization of culture in the Maranhão newspapers, *O Estado do Maranhão*, *O Imparcial*, *Jornal Pequeno* and *O Progresso* in the light of the concepts of social field theory, worked by Pierre Bourdieu (1997), João Pissara (2003) and Adriano Rodrigues (1999); thematic scheduling (McCombs, 2009) and cultural journalism (Gadini, 2009), Piza (2011) and (Ballerini, 2015). The study adopted methodological resources of "research of the research"; exploratory itinerary; quantitative survey of the journalistic cultural product (which considers 224 newspaper editions between March and April 2016), interviews with Journalists, cultural producers and researchers. The result points out that the thematization and scheduling of the culture in the journalistic content of each newspaper, in general, is characterized by the use of the informative genre, represented by news and notes. They are short texts (6 paragraphs maximum) without identified sources or with few diverse sources, capable of transmitting a greater plurality to the journalistic view conveyed by the texts. The data collected in the study also indicate the presence of a culture rooted in the realities of the host cities of the vehicles (São Luís and Imperatriz) and distant from popular traditions and manifestations. Besides that, cultural journalistic production is visible and often guided by the logic of the 'agenda' of events and the use of press office materials.

Keywords: Cultural journalism; Editorial scheduling; Cultural field; Journalism in Maranhão.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Mapa com a localização das cidades-sedes dos jornais estudados	19
FIGURA 2 – Desenho das etapas e técnicas da pesquisa	19
GRÁFICO 1 – Meios de Comunicação em São Luís e Imperatriz (MA)	49
FIGURA 3 – Suplementos do Jornal <i>O Estado</i>	73
FIGURA 4 - Capa e contracapa do caderno ‘Alternativo’	74
GRÁFICO 2 – Formatos encontrados na capa do jornal <i>O Estado</i>	75
GRÁFICO 3 – Distribuição das matérias de cultura por editoria no jornal <i>O Estado</i>	76
GRÁFICO 4 – Formato das matérias do jornal <i>O Estado</i>	77
GRÁFICO 5 – Temas das matérias de cultura do jornal <i>O Estado</i>	78
GRÁFICO 6 – Distribuição das matérias conforme a abrangência do conteúdo	80
GRÁFICO 7 – Fontes citadas nos textos do jornal <i>O Estado</i>	81
GRÁFICO 8 - Recursos visuais das matérias do jornal <i>O Estado</i>	82
FIGURA 5 – Páginas do ‘Impar’	83
FIGURA 6 – Suplementos do jornal <i>O Imparcial</i>	84
GRÁFICO 9 – Formatos encontrados na capa do jornal <i>O Imparcial</i>	85
GRÁFICO 10 – Distribuição das matérias de cultura por editoria no jornal <i>O Imparcial</i>	86
GRÁFICO 11 - Formatos das matérias do jornal <i>O Imparcial</i>	87
GRÁFICO 12 – Temas das matérias de cultura do jornal <i>O Imparcial</i>	88
GRÁFICO 13 – Distribuição das matérias conforme a abrangência do conteúdo	89
GRÁFICO 14 – Fontes citadas nos textos do jornal <i>O Imparcial</i>	90
GRÁFICO 15 - Recursos visuais das matérias do jornal <i>O Imparcial</i>	91
FIGURA 7 – Página de cultura ‘Conexão Pop’	92
FIGURA 8 – Suplementos do JP.....	93
GRÁFICO 16 - Distribuição das matérias de cultura por editoria no JP	94
GRÁFICO 17 - Formatos das matérias de cultura do JP	95
GRÁFICO 18 – Temas das matérias de cultura do JP	96
GRÁFICO 19 - Distribuição das matérias conforme a abrangência do conteúdo	97
GRÁFICO 20 - Fontes citadas nos textos sobre cultura do JP.....	98
GRÁFICO 21 – Recursos visuais presentes nas matérias de cultura do JP.....	99
FIGURA 9 – Suplementos do Jornal <i>O Progresso</i>	100
GRÁFICO 22 - Distribuição das matérias de cultura por editoria no Jornal <i>O Progresso</i>	101
GRÁFICO 23 – Temas das matérias de cultura do Jornal <i>O Progresso</i>	102
GRÁFICO 24 - Distribuição das matérias conforme a abrangência do conteúdo	103

GRÁFICO 25- Fontes citadas nos textos sobre cultura do Jornal <i>O Progresso</i>	104
GRÁFICO 26 – Presença da cultura na capa dos diários do Maranhão	105
GRÁFICO 27 – Principais temas pautados pelos diários maranhenses	107
GRÁFICO 28 - Distribuição das matérias conforme a abrangência do conteúdo	108
FIGURA 13 – Release publicado no jornal <i>O Progresso</i>	110
FIGURA 14 – Release publicado na página Conexão Pop e site O Itaqui.....	111

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Dissertações e teses sobre Jornalismo cultural.....	23
defendidas no período de 2002 a 2016 na BDTD.....	23
TABELA 2 - Produção de artigos em eventos sobre o Maranhão	25
TABELA 3 - Aspectos da pesquisa quantitativa em jornalismo	28
TABELA 4- Resumo das variáveis do levantamento quantitativo	31
TABELA 5 – Espaços de cultura e memória do Centro Histórico de São Luís	41
TABELA 6 – Espaços de cultura e memória de Imperatriz.....	45
TABELA 7 - Veículos com produção cultural em São Luís (MA).....	53
TABELA 8 - Veículos com produção cultural em Imperatriz (MA)	53

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
CAPÍTULO 1 - DESENHO METODOLÓGICO	17
1.1. Pesquisa da pesquisa	20
1.2. Roteiro exploratório	26
1.3. Levantamento quantitativo do produto cultural jornalístico	27
1.4. Entrevistas	32
1.5. Tratamento dos dados.....	33
CAPÍTULO 2 - CENÁRIO CULTURAL E MIDIÁTICO DO MARANHÃO	34
2.1. Em torno de um conceito de cultura	34
2.2. Caracterização do campo social.....	37
2.3. De que campo cultural se fala?	40
2.3.1. A cena cultural de Imperatriz	44
2.4. Diálogos entre campos: mídia, cultura e jornalismo	48
CAPÍTULO 3 - JORNALISMO CULTURAL: DA HISTÓRIA ÀS TENDÊNCIAS NA CONTEMPORANEIDADE	55
3.1. Em busca de um conceito de jornalismo cultural.....	55
3.2. A trajetória da cultura como notícia	57
3.3. Experiências culturais em São Luís e Imperatriz	60
3.4. Tendências do Jornalismo cultural contemporâneo	65
CAPÍTULO 4 - O LUGAR DA CULTURA NOS DIÁRIOS MARANHENSES.....	71
4.1 O Estado do Maranhão	71
4.1.1 Caderno Alternativo	73
4.1.2 A “agenda” como referência da produção cultural	75
4.2 O Imparcial	82
4.2.1 A cultura como sinônimo dos setores da elite.....	84
4.3 Jornal Pequeno	91
4.3.1 A produção cultural como espaço informativo e de agenda.....	93
4.4. O Progresso	99
4.4.1 Cultura em fragmentos	100
4.5 Agendamento e tematização da cultura nos diários maranhenses	104
4.6 De onde vem à pauta?	109
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	113
REFERÊNCIAS	117
APÊNDICE A – Livro de códigos para coleta de dados	123

APÊNDICE B – Termos de autorização do uso das entrevistas	128
APÊNDICE C - Roteiro prévio das entrevistas realizadas com editores dos diários	136
ANEXO A – Capas dos diários maranhenses	139

INTRODUÇÃO

A cultura do Maranhão é constituída por manifestações, costumes, tradições e comportamentos diversos, oriundos das camadas populares presentes nos 217 municípios que compõem o território do estado. No entanto, os elementos culturais apresentados pela mídia nacional, geralmente, são resumidos ao Bumba Meu Boi de São Luís. Ao observar esta realidade, surge o interesse de verificar como os próprios jornais maranhenses tematizam e informam as expressões e produções da cultura regional. Assim, nasce a inquietação que origina o presente estudo.

Como o jornalismo do Maranhão tematiza a cultura? Esta foi a principal preocupação - traduzida em questionamento de pesquisa - que norteia o desenvolvimento da dissertação. O trabalho lança um olhar sobre a produção jornalística cultural dos diários maranhenses, buscando perceber como eles abordam a cultura e que concepção tentam compartilhar com setores do público de abrangência editorial.

O estudo analisa o espaço que os diários abrem para a cultura em suas páginas, com o intuito de identificar as principais “marcas” estruturais que perpassam os jornais maranhenses, e que, de certo modo, indicam a percepção que o segmento tem na produção cotidiana dos impressos.

A escolha pelo jornal impresso como meio (e produto) investigado deve-se ao seu consumo equitativo na capital e no interior do Maranhão, 50% em cada, segundo informações da “Pesquisa Brasileira de Mídia 2016”. E, ainda, por considerar o índice de confiança depositado pela população nos periódicos (30% dos entrevistados confiam sempre nas notícias que circulam nos jornais), que colabora para que os diários mantenham influência editorial no cenário regional.

O objetivo da pesquisa é compreender, a partir da produção de quatro diários, o modo como a cultura é tematizada pelo jornalismo maranhense. A investigação foi desenvolvida no período de março a abril de 2016 com três impressos de São Luís (*O Estado do Maranhão*, *O Imparcial*, *Pequeno*) e um de Imperatriz¹ (*O Progresso*). A intenção de ter um jornal do interior do Maranhão na amostra advém da necessidade de não focar apenas na produção jornalística da capital do Estado.

¹ Além do jornal *O Progresso*, Imperatriz conta atualmente com o diário *Correio Popular*. O impresso voltou a circular no município em maio de 2016, período posterior a realização deste estudo. Por isso, na amostra da pesquisa há a presença apenas do *Progresso*.

Junto com a análise dos periódicos, foram realizadas entrevistas com os profissionais diretamente responsáveis pelas páginas e cadernos culturais para compreender o modo de produzir o material de cultura, bem como mapear as orientações editoriais, rotinas produtivas e critérios de seleção do que entra nos referidos espaços jornalísticos. O estudo ouviu ainda pesquisadores e produtores culturais das cidades sedes dos impressos com o objetivo de adquirir informações do campo cultural na região.

Trata-se de uma perspectiva de estudo que busca evidenciar que os produtos e serviços do jornalismo cultural resultam de processos de produção simbólica que são cotidianamente instituídos, negociados e forjados na interação entre diversos atores sociais, como os editores, repórteres, artistas, produtores culturais, leitores, agências e assessorias comunicacionais, entre outros (GADINI, 2009).

Decorrem do objetivo geral os seguintes objetivos específicos: a) conhecer quais são os temas da cultura mais amplamente retratados pelos diários; b) verificar a abrangência das matérias tematizadas; c) identificar os gêneros e formatos jornalísticos que as coberturas de cultura mais encontram espaço; d) descobrir e sistematizar os espaços que a cultura assume nas páginas dos jornais analisados; e) averiguar os tipos de fontes utilizadas nos textos; e f) entender o papel das assessorias na produção jornalística de cultura.

A investigação entende a cultura como um campo de mediações singulares, concretizado nas práticas artísticas, folclóricas e nas identidades coletivas dos atores sociais. Ele também está incluso no complexo das indústrias culturais. E é com esse campo cultural que o jornalismo estabelece relações, em uma interface das atividades jornalísticas materializadas em veículos, cadernos, editorias, suplementos e gêneros especializados (GADINI, 2009).

Igualmente oportuno, nesta apresentação, é considerar que o tema da pesquisa foi assim delimitado numa referência ao jornalismo cultural (JC), setor do jornalismo que se caracteriza não apenas por informar, mas por interpretar e opinar sobre a elaboração e circulação de produtos culturais na sociedade.

A justificativa ao estudo está em seu caráter regional. Sabe-se que trabalhos sobre jornalismo cultural já existem no Brasil há anos, inclusive com pesquisas e investigações de casos sobre o tema envolvendo, principalmente, publicações culturais do Sul e Sudeste do país. No entanto, o foco aqui apresentado propõe uma abordagem com os diários maranhenses.

A partir de um levantamento das teses e dissertações em comunicação, trabalhos de conclusão de curso e em anais dos principais eventos da área, observa-se que os estudos sobre

o jornalismo cultural no Maranhão ainda são incipientes. E, por isso, o desenvolvimento de trabalhos como este é importante para incrementar e contribuir com a produção acadêmica em nível regional.

Deve-se destacar a pertinência deste trabalho para os estudos sobre Jornalismo, na medida em que a pesquisa aqui apresentada reúne bases teóricas e conceituais específicas da área aliada a referências culturais do Maranhão. Assim, é forjado um estudo jornalístico atento à realidade social a qual a prática está inserida e se desenvolve.

A dissertação está dividida em quatro capítulos, além desta introdução e das considerações finais. O primeiro capítulo apresenta o percurso metodológico desenvolvido em toda a pesquisa, subdividido em cinco etapas: 1) pesquisa da pesquisa; 2) roteiro exploratório; 3) levantamento quantitativo do produto cultural jornalístico; 4) entrevistas; e 5) tratamento dos dados da coleta, tensionado com os conceitos das principais referências bibliográficas da área.

O segundo capítulo aborda a noção de cultura e de campo social, formulada por Pierre Bourdieu (1997), discute a relação entre os campos cultural, midiático e jornalístico, considerando indicadores e informações do Maranhão, em especial, de São Luís e Imperatriz. O terceiro capítulo apresenta reflexões sobre o conceito e tendências do jornalismo cultural (JC), além de um breve histórico sobre a produção jornalística da cultura no mundo, no Brasil e no Maranhão, em específico nas cidades de São Luís e Imperatriz.

Por fim, o quarto capítulo apresenta o resultado do levantamento quantitativo do produto cultural jornalístico, dialogando com as entrevistas realizadas com profissionais dos jornais analisados. Ainda neste espaço são detalhados aspectos estruturais de cada um dos periódicos maranhenses da amostra do estudo.

CAPÍTULO 1

DESENHO METODOLÓGICO

Quando se fala em metodologia, alguns pesquisadores, sobretudo os mais jovens no ambiente da pesquisa, pressupõem um ato de enquadrar o objeto a um método pronto e consagrado, como análise do discurso, do conteúdo, comparativa, estudo de caso, entre outros. No entanto, a dimensão metodológica não se resume a uma simples escolha de um método de pesquisa para análise do material empírico. A metodologia transcende o método e relaciona-se diretamente com as questões do objeto de estudo, ou seja, com o ponto de partida.

O texto parte, portanto, do pressuposto de que mesmo as pesquisas em Jornalismo utilizando procedimentos metodológicos de outras áreas, o ponto de partida ou lugar de fala empregado é diferente das outras áreas das Ciências Sociais Aplicadas, daí a necessidade e o esforço que muitos pesquisadores têm feito em pensar metodologias específicas para o campo jornalístico.

Um método construído a partir de questões e da realidade própria do jornalismo é o que confere às pesquisas o status de “originalidade”. Gadini (2005) explica que as referências bibliográficas na área da Comunicação abordam, genericamente, as “metodologias” de pesquisa em Comunicação e, poucas vezes, discutem ou mesmo propõem as bases metodológicas aos estudos em Jornalismo. Para ele, é necessário pensar em estratégias metodológicas capazes de nortear e, acima de tudo, desafiar outros estudos em torno da produção e do campo jornalístico.

Daí porque buscar formas de melhor compreender o que temos e o que podemos, e talvez precisamos, consolidar em termos de orientações conceituais e metodológicas constitui um desafio atual e, ao que tudo indica, fundamental para garantir o necessário fortalecimento e autonomização do campo de produção jornalística (GADINI, 2005, p. 09).

Nesse sentido, construir um arcabouço metodológico para estudar o jornalismo significa considerar, em primeiro lugar, as especificidades próprias da produção jornalística. Em segundo, utilizar alguns conceitos das teorias do jornalismo que podem fornecer pressupostos operacionais para pensar os objetos. E, em terceiro, estabelecer um diálogo entre as pesquisas em jornalismo e o mercado jornalístico profissional, de modo a superar a referência de uma formação ‘descolada’ da realidade social.

Os dilemas enfrentados pelas pesquisas em jornalismo no Brasil também têm reflexo nos estudos que discutem os jornalismo especializados, como o jornalismo cultural. Segundo Gadini (2008), o país é marcado por uma (quase) inexistência de referências metodológicas para compreender e analisar produtos e processos jornalísticos desenvolvidos no campo cultural. Dessa maneira, motivado a preencher parte das lacunas sobre metodologias destinadas à compreensão dos processos editoriais no campo cultural, o autor propõe as seguintes estratégias metodológicas e contextuais: a) considerar os interesses e estratégias das indústrias culturais, e de empresas de outros ramos de produção que investem em cultura no Brasil e no mundo; b) analisar táticas de agendamentos de temas e serviços por parte das instituições e sujeitos do campo cultural como forma de visibilidade e legitimação; c) levar em conta o ângulo de envolvimento dos profissionais do campo cultural (agentes, produtores, críticos, atores, músicos, cineastas, escritores); d) observar a dimensão histórica do problema ou objeto de pesquisa, que tende a tipificar o jornalismo cultural; e) identificar como os usuários se apropriam dos produtos culturais; f) localizar os espaços de circulação, frequência e interação cotidiana; g) conhecer calendário, rotinas e hábitos da circulação cultural; h) realizar análise de produto cultural jornalístico, considerando as características e mecanismos de produção editorial habitualmente utilizados na área.

Observando este cenário e os desafios de ter como objeto de pesquisa um produto jornalístico, e, neste caso, um produto cultural jornalístico, o estudo recorre a alguns procedimentos metodológicos que permitem “cercar” e melhor compreender as especificidades da tematização da cultura nos diários maranhenses.

De início são definidos os veículos maranhenses para compor o universo de amostragem da investigação. A ideia original era estudar a produção cultural presente em jornais diários produzidos nas cidades-polos de cada região do Maranhão – Norte, Sul, Leste, Oeste e Central. No entanto, devido à ausência de impressos na maioria dos municípios do interior maranhense, selecionaram-se apenas periódicos de São Luís e Imperatriz.

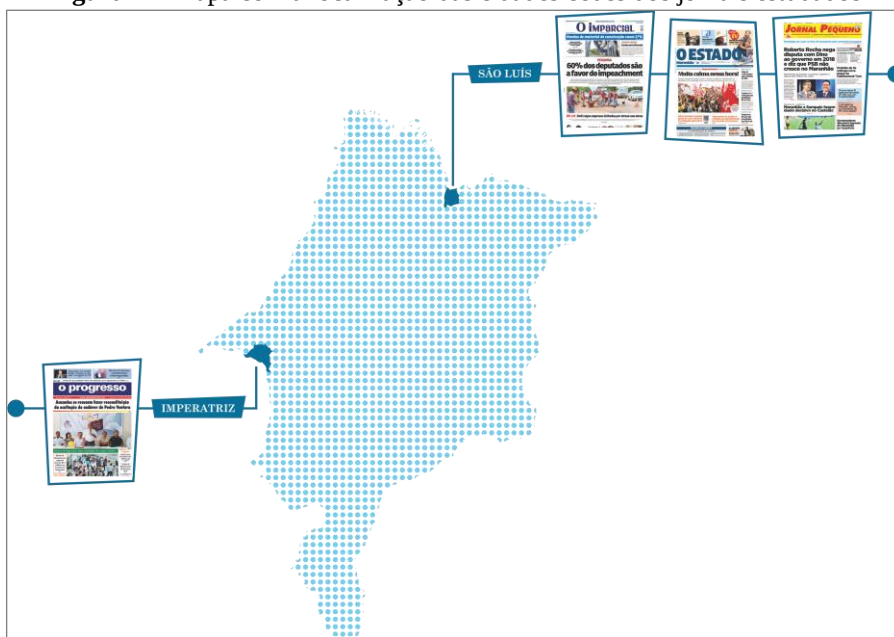
A opção por três jornais de São Luís – *Estado do Maranhão*, *O Imparcial*, *Pequeno* – e um de Imperatriz – *O Progresso* – deve-se ao fato deles serem os mais antigos diários em circulação no estado, ao seu alcance regional, bem como a tiragem² apresentada.

Os quatro jornais são observados e analisados nos meses de março e abril de 2016. A escolha do período justifica-se por ser um momento em que não há destaques ou centralidades

² Conforme informações obtidas junto aos quatro impressos, *O Estado do Maranhão* possui uma tiragem média de 10 mil exemplares diários (16 mil aos domingos), *O Imparcial* circula com uma média de 8 mil unidades na semana e 11 mil aos domingos; *Jornal Pequeno* tem 5.600 mil exemplares até sábado e 7.800 mil aos domingos; *O Progresso* apresenta 4.500 mil/dia.

temáticas no agendamento midiático – seja por férias ou datas festivas presentes no calendário cultural dos municípios que compõem o universo da pesquisa. Conforme Gadini (2008, p. 10), “a escolha de um determinado período (mês, semana, dias ou horário, dependendo do produto/serviço) pode influenciar diretamente na caracterização do estudo”.

Figura 1 – Mapa com a localização das cidades-sedes dos jornais estudados



Fonte: A autora (2017)

Após estas escolhas, os passos investigativos percorridos são: pesquisa da pesquisa; roteiro exploratório; levantamento quantitativo do produto cultural jornalístico; entrevistas e tratamento dos dados. O desenho a seguir apresenta as etapas e técnicas de pesquisa usadas e pontualmente revisitadas no decorrer do capítulo.

Figura 2 – Desenho das etapas e técnicas da pesquisa



Fonte: A autora (2017)

1.1. Pesquisa da pesquisa

No início de um trabalho acadêmico, seja ele dissertação ou tese, um dos primeiros movimentos de aproximação do pesquisador com seu objeto, geralmente, é a revisão das produções e obras sobre o tema investigado. É neste momento que se conhecem os avanços teóricos e metodológicos produzidos naquele campo e relacionados ao problema/objeto de estudo. Além disso, segundo Bonin (2011), este processo permite ao pesquisador empreender apropriações, reformulações e alargamentos das propostas apresentadas por outras pesquisas.

A partir do sentido deste movimento e da busca por produções com aportes interessantes para a pesquisa em desenvolvimento, opta-se por mapear em um primeiro momento os livros publicados sobre a produção cultural no jornalismo brasileiro e maranhense.

Uma das obras clássicas sobre o tema é a do jornalista Daniel Piza - *Jornalismo Cultural*. O livro é publicado pela primeira vez em 2003 e traz informações da história do segmento no Brasil e no mundo, suas principais transformações, além de direcionamentos de como escrever um bom texto crítico, reportagem e entrevista voltadas ao campo cultural.

No ano de 2007, o Itaú Cultural publica, em parceria com a editora Summus, a obra *Rumos (do) Jornalismo Cultural*. Nas páginas da publicação é possível encontrar reflexões a respeito da formação e contextos do jornalismo cultural, as práticas profissionais e a economia da cultura no Brasil e exterior. E não se pode deixar de mencionar as análises elaboradas pelo Observatório Itaú Cultural, que tratam da produção cultural brasileira, como a pesquisa divulgada em 2013 sobre as capas dos cadernos de cultura dos principais jornais diários do país.

Outra publicação na área é *Interesses Cruzados: A produção da cultura no jornalismo brasileiro*. A obra é produzida pelo professor Sérgio Luiz Gadini (2009) a partir de um estudo com 20 diários brasileiros, e revela o modo como o jornalismo produzido pelos cadernos de cultura participa dos processos de instauração e legitimação da realidade cultural cotidiana.

No mesmo ano é lançado no Brasil o livro *Sete propostas para o Jornalismo Cultural*, que reúne ensaios escritos por Adriana Pessatte Azzolino, Cida Golin, Geane Alzamora, Isabelle Anchieta, Margareth Assis Marinho, Marina de Magalhães Souza e Nísio Teixeira. Os textos abordam múltiplas visões da importância do jornalismo cultural, sua abrangência, limites éticos e possibilidade de amadurecimento dos jovens jornalistas e escritores.

Em 2014 chega ao mercado editorial brasileiro o livro *Apontamentos sobre Jornalismo e Cultura*, do professor José Salvador Faro. A obra reúne 11 artigos já publicados em

periódicos científicos que versam acerca das definições, objetos e as condições de produção do Jornalismo Cultural (JC).

Acrescente-se a estas referências, a recente obra “*Jornalismo cultural no século XXI*”, publicada pelo jornalista Frantjesco Ballerini, em 2015. O livro parte de um histórico do surgimento e da consolidação do jornalismo cultural no Brasil e no mundo, mostrando como o segmento se consolidou ao longo dos anos. Em seguida, o autor se debruça sobre as principais áreas cobertas pelo Jornalismo cultural: literatura, artes visuais, teatro e cinema. Por último, o livro traz discussões acerca dos novos universos e plataformas de atuação do JC.

Quanto aos livros relacionados à produção cultural no jornalismo maranhense, localiza-se uma importante referência. Trata-se do título *Jornalismo cultural: da memória ao conhecimento*, organizado pela professora Francisca Ester de Sá Marques e publicado pela editora da Universidade Federal do Maranhão, em 2005. O livro reúne 16 textos produzidos pelos alunos do I Curso de Especialização em Jornalismo Cultural da UFMA, campus de São Luís.

A coletânea de textos divide-se em três partes: Análise Crítica da Cultura Popular, Cultura e Memória e Produção do Jornalismo Cultural. A primeira traz reflexões dos novos problemas enfrentados pelo campo cultural contemporâneo, tais como a emergência de uma indústria cultural no Maranhão; a esteticização da cultura popular maranhense pela política; a reelaboração do mercado publicitário para inclusão do *merchandising* cultural; a relação do sagrado e espetacular a partir do tambor de crioula e, por fim, uma análise dos mecanismos de sobrevivência das classes sociais populares em meio à cultura tecnológica da atual sociedade.

O segundo grupo apresenta artigos que articulam aspectos culturais das cidades maranhenses com a história daquele local. Assim, temos textos da história da fotografia em São Luís no início do século XX; a trajetória da imagem na contemporaneidade; as representações iconográficas da Rua Grande ao longo da história; as memórias do rádio AM em São Luís; a construção da identidade cultural de Imperatriz a partir de sua matriz religiosa e o jornalismo opinativo de vanguarda instaurado por Aluísio de Azevedo no século XIX.

Já o último bloco de textos agrega propostas a respeito da música antiga no contexto contemporâneo; a permanência do mito da indústria cultural; o papel da rádio Universidade na constituição do cenário cultural de São Luís; a credibilidade da internet como fonte para o jornalista e uma análise discursiva dos cadernos de cultura da capital maranhense.

Em meio a este universo de abordagens não é possível verificar muitas similaridades com a presente pesquisa. O artigo “A cultura maranhense nas páginas dos jornais: a produção dos discursos que resultam no jornalismo cultural” é o único que mais se aproxima da

investigação, pois trabalha com os mesmos jornais estudados nesta dissertação – *O Estado do Maranhão* e *O Imparcial*. No entanto, o texto, como o próprio autor assume, apresenta um olhar resumido do jornalismo cultural praticado pelos veículos, pois centraliza sua análise na fabricação do carnaval como mercadoria patrocinada pelo governo e amplamente divulgada nos cadernos de cultura.

Após localizar referências nacionais e maranhenses do jornalismo cultural, opta-se por verificar as pesquisas presentes na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) que pudessem apresentar aportes para a investigação em desenvolvimento. Em seguida, são visitadas as bibliotecas digitais da UESP, UFRGS, PUC-RS e PUC-SP por disponibilizarem o acesso na íntegra dos trabalhos e pelo fato dos programas em comunicação destes estabelecimentos de ensino terem sido os que mais apareceram nas buscas da BDTD. Importante salientar que não se recorreu ao banco de dados da Capes, pois o mesmo estava em fase de reforma/atualização no período do mapeamento dos trabalhos.

No momento da procura nas bibliotecas e na plataforma da BDTD, selecionam-se algumas palavras relacionadas ao problema/objeto construído para direcionar a localização das pesquisas. Elas são: cultura maranhense – jornalismo maranhense – jornalismo cultural – Maranhão – jornais do Maranhão. A busca trouxe vários trabalhos de outras áreas (ciências sociais, história, políticas públicas, cultura e sociedade, artes e letras) que apresentavam uma das palavras selecionadas em seus títulos, resumos ou palavras-chaves. Assim, é feita uma leitura mais detalhada apenas nas dissertações e teses pertencentes aos programas de Comunicação, Estudos de Mídia e Jornalismo, visto que eles são os que mais aproximam da temática estudada.

A partir do mapeamento das teses e dissertações nas plataformas mencionadas, nota-se uma ausência de estudos sobre jornalismo cultural no Maranhão. Das 40 dissertações e 13 teses de jornalismo cultural localizadas na BDTD, entre os anos de 2002 e 2016, nenhuma dedica-se ao estudo de produtos jornalísticos culturais maranhenses. Os trabalhos ocupam-se, especialmente, de analisar os jornais *Folha de S. Paulo*, *Zero Hora*, *Correio do Povo*, *Estado de São Paulo* e, em menor quantidade, veículos regionais de outros estados brasileiros.

Nas pesquisas identificadas, percebe-se ainda que o jornalismo cultural aparece, principalmente, como pano de fundo para identificar representações ou construções da cultura, identidade cultural ou até mesmo da cidade. Alguns exemplos destes casos são as dissertações *A cultura underground nas páginas do jornalismo cultural* (2014) e *Um mapa da vida cultural no Rio Grande do Sul: análise do caderno Cultura, de Zero Hora* (2012). Estas

abordagens são relevantes para este estudo à medida que também recorre-se a levantamentos quantitativos para identificar como a cultura é agendada pelo jornalismo.

Tabela 1: Dissertações e teses sobre Jornalismo cultural defendidas no período de 2002 a 2016 na BDTD

ANO	DISSERTAÇÃO	TESE
2002	1	-
2003	1	-
2004	-	-
2005	2	2
2006	5	2
2007	2	2
2008	4	-
2009	2	-
2010	1	2
2011	4	-
2012	5	3
2013	3	-
2014	3	-
2015	5	1
2016	2	1
TOTAL	40	13

Fonte: A autora (2017)

A pesquisa junto às bibliotecas digitais das instituições de ensino (UMESP, UFRGS, PUC-RS e PUC-SP) não apresenta muitos avanços quanto ao jornalismo cultural maranhense. Porém, é possível encontrar nestes espaços algumas produções sobre cultura e jornalismo no Maranhão. É o caso da tese *As mediações no bumba meu boi do Maranhão: uma proposta metodológica de estudo das culturas populares*, de Letícia Cardoso, defendida em 2016 no programa de comunicação da PUC-RS. Nessa investigação, apesar da autora não trazer elementos relacionados diretamente ao foco central desta pesquisa, encontram-se alguns indicadores sobre o cenário cultural maranhense e o Bumba Meu Boi – uma das principais manifestações culturais do estado.

Na mesma instituição de ensino registra-se a tese *O Conciliador e o jornalismo maranhense no início do século XIX*, apresentada por Roseane Arcanjo Pinheiro, em 2016. Nela, a pesquisadora faz reflexões da presença do campo cultural no primeiro jornal impresso do Maranhão apresentando informações pertinentes para entender a dimensão histórica do problema/objeto estudado. Associada a este trabalho, a dissertação da mesma autora - *Gênese*

da *Imprensa no Maranhão nos séculos XIX e XX* – defendida no programa de comunicação da UMESP em 2007, também traz elementos históricos sobre o jornalismo maranhense.

Em outro momento da “*pesquisa da pesquisa*” são visitadas as bibliotecas e acervos das instituições de ensino de São Luís e Imperatriz (MA) que oferecem o curso de jornalismo para mapear as monografias já produzidas sobre jornalismo cultural. Os locais pesquisados em São Luís são: hemeroteca do Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Maranhão, biblioteca da Faculdade Estácio São Luís e da Universidade Ceuma. Em Imperatriz, conferem-se os trabalhos do acervo do curso de Jornalismo da UFMA.

Na hemeroteca da UFMA em São Luís são encontrados trabalhos que abordam, principalmente, o Bumba Meu Boi, tambor de crioula e o reggae operados pela mídia ou política. Além destes, destaca-se a monografia *Jornalismo cultural no Maranhão: Uma análise dos cadernos “Alternativo” e “Impar”*, defendida por Tássia Valente Viana Arouche em 2005. Na produção, a autora verifica a relação entre os campos cultural e midiático a partir dos cadernos de cultura „Alternativo“, de *O Estado do Maranhão*, e „Impar“ de *O Imparcial*. O estudo é importante para a pesquisa por apontar algumas informações da estrutura dos cadernos.

Ao buscar as produções na Faculdade Estácio, identifica-se a monografia *Jornalismo cultural e agendamento: análise dos cadernos de cultura dos jornais O Imparcial e o Estado do Maranhão*, apresentada em 2011 por Glauber John Dias e Rosana Carneiro. Os autores realizam uma análise das matérias publicadas em quatro domingos do mês de junho a partir da teoria da agenda. No entanto, o tensionamento e reflexão com o agendamento não são contemplados, ficando o estudo limitado à descrição das matérias selecionadas. Mesmo assim, a investigação contribui por oferecer elementos acerca de outras publicações culturais divulgadas pelos jornais.

A biblioteca do Ceuma não apresenta nenhuma monografia sobre Jornalismo cultural. No acervo do curso de Jornalismo da UFMA em Imperatriz, há três propostas de produtos jornalísticos culturais – *Jornal O Progresso e os dilemas do jornalismo cultural em Imperatriz: mapeamento e proposta de um caderno cultural para o veículo mais antigo da cidade* (2011); *Jornalismo e literatura: um novo caderno literário para a Academia Imperatrizense de Letras* (2013); e *Lamparina Cultural: Proposta de site de notícias sobre cultura da cidade de Imperatriz-MA* (2015). O primeiro colabora com esta pesquisa por discutir o cenário cultural de Imperatriz e a ausência de um caderno ou espaço fixo para notícias culturais no jornal *O Progresso*. O segundo possibilita conhecer mais detalhes da trajetória do caderno da Academia de Letras, presente até hoje no impresso. E o terceiro não

traz colaborações relevantes para esta pesquisa por se tratar de um produto para o meio digital.

Depois desta etapa, realiza-se ainda um movimento para mapear os artigos de jornalismo cultural maranhense nos principais eventos de comunicação e jornalismo do país – Alcar, Sbpjor, Intercom e Compós. São consultados os anais das dez edições do Alcar Nacional (2003-2015) e das duas edições da região Nordeste (2012 e 2014), presentes no site da Associação Brasileira de Pesquisadores em História da Mídia e as 13 edições do Sbpjor, sendo as nove primeiras encontradas em CDs do evento e as demais acessadas na plataforma da entidade. No site da Compós são conferidos todos os anais disponíveis para consulta e no portal do Intercom é empreendida uma busca baseada nas mesmas palavras utilizadas nas teses e dissertações, já que se trata de um evento nacional na sua 39ª edição e na 18ª em nível de Nordeste.

Os dados coletados revelam a baixa produção de artigos sobre jornalismo cultural no Maranhão. Dos 135 artigos que estudam a comunicação no estado, apenas cinco são dedicados ao estudo do jornalismo cultural³, sendo um registrado no Alcar Nacional, um no Intercom nacional, um na Sbpjor e dois no Intercom Nordeste, como mostra a tabela seguinte.

Tabela 2: Produção de artigos em eventos sobre o Maranhão

EVENTO	COMUNICAÇÃO NO MARANHÃO	JORNALISMO CULTURAL MARANHENSE
Alcar Nacional	42	1
Alcar Nordeste	16	-
Sbpjor	14	1
Intercom Nacional	34	1
Intercom nordeste	28	2
Compós	1	-
Total	135	5

Fonte: A autora (2017)

Dentre os textos de JC maranhense revelados pelo mapeamento, três deles são artigos da autora desta dissertação. O primeiro, *Em busca de uma História do Jornalismo Cultural no Maranhão*, é apresentado em 2015 durante o Alcar Nacional e traz pistas da emergência do campo cultural no estado a partir dos jornais literários do século XIX. O segundo, *Jornalismo, campo cultural e poder: notas sobre um jornal regional*, discute na 13ª edição do Sbpjor a

³ A quantidade real pode ser ainda maior, pois aqui se faz referência apenas aos artigos da Compós de 2000 a 2016 e os textos localizados na plataforma do Intercom referem-se somente aos anos 2000.

constituição do jornalismo cultural em Imperatriz-MA, através da análise discursiva do jornal *O Progresso*. Já o artigo *A lógica do colunismo social no caderno de cultura do jornal O Estado do Maranhão*, presente nos anais do Intercom nacional de 2015, reflete sobre o colunismo social praticado no caderno de cultura do impresso a partir da análise de duas principais colunas.

Os dois artigos no Intercom Nordeste – *Interfaces entre mídia e cultura em Imperatriz-MA: a produção noticiosa do Jornal O Progresso (2010)* e *A cultura noticiosa do Jornal O Progresso no agendamento da cultura em Imperatriz (2011)* – integram a pesquisa de iniciação científica “Identidades e Mediações: interfaces entre a mídia e a cultura em Imperatriz – MA”, orientada pela professora Letícia Cardoso. O objetivo da pesquisa é identificar o tratamento dado pelo jornal *O Progresso* às manifestações culturais locais, buscando compreender tais representações e entender de que forma a mídia interage com o campo cultural. As duas produções partem da perspectiva do *Newsmaking* para analisar o impresso e apresentam dados quantitativos e declarações do diretor do veículo a respeito da ausência da editoria de cultura no diário, o que é pertinente para a pesquisa.

Fora estes trabalhos, observa-se a presença de vários textos sobre a construção e representação das manifestações culturais de São Luís (Bumba Meu Boi e reggae) nos meios de comunicação, além de discussões a respeito das relações entre o campo cultural e político no estado.

Os dados levantados reforçam a percepção do início desta dissertação – as pesquisas em jornalismo cultural no Maranhão ainda possuem poucas investidas da academia, e a produção cultural nos veículos, enquanto objeto/problema de estudo, carece, em geral, de uma proposição teórico-metodológica em profundidade. Neste sentido, acredita-se que este trabalho oferece uma contribuição para o avanço nas discussões acerca do jornalismo cultural praticado no estado.

1.2. Roteiro exploratório

Muitas vezes, é necessário olhar para a dinâmica cultural da localidade para compreender o jornalismo praticado. Destaca-se assim na construção desta dissertação um estudo exploratório com o intuito de levantar dados da história, dos espaços sociais de circulação, frequência e consumo cultural, do calendário, dos veículos de comunicação, das manifestações populares e outras referências da realidade cultural que cercam o objeto/problema investigado.

De acordo com Lopes (2006), as aproximações empíricas exploratórias são necessárias para que as abordagens deem conta dos objetos de comunicação ou mais especificamente de jornalismo, classificados pela autora como “móveis, nômades e de contornos difusos”.

Bonin (2011) explica que as ações de pesquisa exploratória abrangem planejamento, construção e realização de sucessivas aproximações ao objeto empírico a partir de várias angulações possíveis e de interesse da pesquisa, sendo que as mais comuns apontadas pela autora são:

Imersão direta no “campo”, que pode se dar, por exemplo, através de observação direta de produtos midiáticos a serem investigados, de entrevistas com informantes-chave e/ou de procedimentos mais intensivos e estruturados, como a aplicação de entrevistas ou de questionários a um grupo de interesse da pesquisa (BONIN, 2011, p.39).

No caso deste estudo, as atividades exploratórias constituem-se de visitas - realizadas em fevereiro de 2016 - à Secretaria Estadual de Cultura e Turismo (Sectur), Secretaria Municipal de Cultura de São Luís (Secult), Superintendência do Iphan no Maranhão e Fundação Cultural de Imperatriz (FCI) para obter informações dos campos culturais investigados. Nesse momento constata-se a inexistência de um cadastro sistematizado de agentes culturais nos órgãos procurados, o que implica na presença de poucos dados sobre este aspecto na pesquisa. Porém, são mapeados os principais espaços/casas culturais, pontos turísticos, eventos das cidades.

Associado a estes elementos, acrescentam-se após o exame de qualificação, referências do cenário cultural para além do calendário oficial planejado pelas secretarias estaduais e municipais. Os dados, explicitados mais à frente, são oriundos de conversas com pesquisadores em cultura maranhense, artistas e produtores dos municípios estudados.

1.3. Levantamento quantitativo do produto cultural jornalístico

Os métodos quantitativos constituem-se instrumentos ricos para o trabalho investigativo com produtos jornalísticos, pois possibilitam identificar como determinado fenômeno aparece nos jornais a partir de características que podem ser medidas e contabilizadas.

Segundo Cervi (2009), os métodos quantitativos incluem uma série de técnicas de pesquisa que tem como principal finalidade a medição de quantidades e a quantificação de qualidades. Além disso, eles são apropriados para estudar características já existentes do objeto de pesquisa.

Os métodos quantitativos são apropriados para estudar características do objeto de pesquisa que, sabe-se, existem, ao passo que os métodos qualitativos devem ser usados quando a pesquisa busca entender características do objeto que não se sabe se existem (CERVI, 2009, p. 127).

Por sua vez, os métodos quantitativos são muito aplicados quando se quer pesquisar um universo grande analisando poucas características do objeto com o intuito de identificar tendências, enquadramentos ou agendamentos. Ao mesmo tempo, eles oferecem a possibilidade de relacionar as variáveis coletadas e tencionar com teorias existentes.

Referente ao que há de específico na pesquisa quantitativa em jornalismo, Cervi e Hedler (2009) agrupam em cinco eixos (finalidades, técnicas de pesquisa, coleta de dados, objeto e resultados) os elementos básicos do assunto.

Tabela 3 - Aspectos da pesquisa quantitativa em jornalismo

Finalidades	Técnicas de pesquisa	Coleta de dados	Objeto	Resultados
- Explicar causas; - Identificar o que não explica os fenômenos; - Generalizar resultados; - Transformar conceitos teóricos em variáveis.	- Experimento de Campo; - Pesquisa descritiva; - Pesquisa exploratória.	- Entrevistas; - Análise de conteúdo.	- Produtores (jornalistas e fontes); - Meios (conteúdos em diferentes mídias); - Público (consumo e (re)produção de mensagens).	- Identificar padrões de comportamento e anomalias; - Testar a aplicabilidade de teorias já existentes; - Avançar em novas teorias.

Fonte: Cervi e Hedler (2009)

Atentos às orientações sobre o uso deste tipo de método e ao objetivo principal da pesquisa, é construído um levantamento quantitativo do produto cultural jornalístico que ajuda a responder ao questionamento acerca do modo como os jornais maranhenses tematizam a cultura em suas páginas. Trata-se de uma proposta metodológica pautada em características e mecanismos da produção editorial habitualmente empregado pelo jornalismo cultural brasileiro.

O levantamento é desenvolvido a partir de categorias pré-estabelecidas no livro de códigos (APÊNDICE A) e empreendido em matérias que, mesmo não sendo publicadas diretamente nas editorias de arte e cultura, também abordam produtos, serviços e atividades da esfera cultural.

Também observa-se o espaço ocupado pela cultura nas capas dos diários investigados - seja como manchete, chamada ou mesmo destaque de imagem na edição do dia - como uma de suas formas de tematização. De acordo com Pontes e Silva (2008, p. 54), “nos jornais, as

matérias de maior destaque em cada editoria ou as consideradas mais importantes de toda a edição estão na capa”. Logo, esta categorização é pertinente, pois contribui para compreender a importância que o assunto recebe do jornal.

Oportuno destacar que os serviços fixos veiculados pelos jornais em páginas pré-definidas e iguais ao longo das edições não são considerados no estudo. Trata-se de guia de TV aberta ou a cabo, roteiros de cinema, casa de shows, endereços de espaços culturais e demais ocasiões de serviço. O levantamento também não inclui as colunas sociais e os suplementos com circulação nas edições de final de semana (geralmente na sexta, sábado ou domingo). Na abordagem empregada nas páginas internas dos veículos, as categorias utilizadas são:

a) Gênero e formatos jornalísticos

Os gêneros no jornalismo estabelecem as formas e os tipos de enunciados de cada produção, ao mesmo tempo em que orientam o público sobre o propósito do veículo, seja informar, opinar, interpretar ou divertir. Para Medina (2001, p. 50), “os gêneros são determinados pelo estilo que o jornalista emprega para expressar para o seu público os acontecimentos diários”.

No Brasil, segundo Marques de Melo (2010), os gêneros jornalísticos são distribuídos em: **informativo** - corresponde ao universo da informação, ou seja, descreve e relata os fatos de uma forma mais objetiva; **opinativo** - expressa um ponto de vista a respeito de um fato; **interpretativo** - que, além de informar, procura interpretar os fatos; **diversional** - apresenta informações que visam à distração dos leitores; **utilitário** – trata-se de um conteúdo voltado à prestação de serviço.

Nessa mesma classificação, Marques de Melo (2010) distribui os formatos em: Informativo (nota; notícia; reportagem e entrevista); Opinativo (editorial, comentário, artigo, resenha ou crítica, coluna, caricatura, carta e crônica); Interpretativo (análise, perfil, enquete, cronologia e dossiê); Diversional (história de interesse humano e história colorida); Utilitário (indicador, cotação, roteiro e serviço). Neste estudo, consideram-se os gêneros informativo e opinativo e a definição dos formatos enquanto notícia, nota, entrevista, editorial, crítica, artigo assinado, coluna assinada, opinião do leitor e outro. A opção pelo uso apenas dos modelos informativo e opinativo deve-se ao fato deles serem os gêneros hegemônicos e que balizam o fazer jornalístico, enquanto que os outros são considerados como gêneros “complementares” (ASSIS, 2010).

b) Temas

A análise temática é uma das formas de codificação mais trabalhadas pelos métodos quantitativos. Com ela, é possível observar que tipos de assuntos recebe mais cobertura noticiosa dos jornais, e assim entram na agenda do público. De acordo com McCombs (2009, p. 22) os “temas enfatizados nas notícias acabam considerados ao longo do tempo como importantes pelo público. Em outras palavras, a agenda da mídia estabelece a agenda pública”.

Para Alsina (2009), a tematização é fundamental e manifesta um dos papéis mais importantes da mídia: o de selecionar alguns assuntos e colocar no centro da atenção pública. “Através da tematização, desenvolve-se o nível cognoscitivo e valorativo sobre os acontecimentos e os problemas que eles trazem consigo” (ALSINA, 2009, p. 192).

Com base na observação prévia das notícias e na fundamentação teórica sobre cultura e jornalismo cultural, são elencados alguns temas com chances de aparecer nas matérias investigadas. Os temas listados são: música, cinema, teatro/dança, artes visuais, literatura, patrimônio cultural, patrimônio natural/turismo, gastronomia, políticas culturais, televisão, moda/comportamento e tradições/cultura popular.

c) Abrangência da pauta

Em um cenário marcado pela incorporação dos fluxos globais em realidades regionais, é oportuno verificar o espaço que as culturas locais ocupam nos impressos investigados. Para isso, recorre-se à geografia para estabelecer as categorias referentes aos espaços geográficos das matérias analisadas.

Um dos exemplos que inspirara esta categorização é proposto em 1955 por Milton Santos. Ele estabeleceu uma divisão territorial baseada nas áreas de cobertura e circulação do produto jornalístico para designar os espaços de atuação dos jornais em um contexto particular. “Cada jornal possui „a sua área mais ou menos de influência, o seu raio de ação determinada, não só quantitativa como qualitativamente. (...) É a região jornalística” (SANTOS, 1955 [2007]).

Nesta investigação, a variável da abrangência da pauta não apenas observa a literatura, como também se detém às peculiaridades do estado para a constituição das categorias de análise, definidas em local, regional, estadual, nacional e internacional.

d) Fontes de informação

Um dos elementos fundamentais no processo produtivo da notícia e na construção da realidade jornalística são as fontes. Elas levam o jornalista a ter contato tanto com os fatos que ele não presencia quanto aqueles em que ele esteve presente, mas precisa da declaração da fonte para legitimar o acontecimento descrito. McCombs (2009), por meio da metáfora da cebola, defende que as fontes são uma das variáveis definidoras da agenda da mídia juntamente com outras organizações noticiosas, as normas e tradição do jornalismo.

Para conhecer os agentes que mais aparecem nas coberturas culturais dos impressos maranhenses, adota-se a proposta de Aldo Schmitz (2011), que classifica as fontes jornalísticas em: a) **Oficial** - representa alguém de um cargo público que se manifesta sobre algum serviço mantido pelo estado; b) **Empresarial** – associada a um grupo comercial, da indústria ou da prestação de serviços, que geralmente possui interesses comerciais naquilo que falam; c) **Institucional** – corresponde a organizações sociais sem fins lucrativos ou um grupo social que procura a mídia para defender uma causa social ou política; d) **Popular** - tem uma representatividade individual, não está vinculada a um grupo social específico; e) **Testemunhal** - funciona como álibi para a imprensa, pois representa aquilo que viu ou ouviu; f) **Especializada** - possui um saber específico ou reconhecido como tal pela sociedade; g) **Documental** - refere-se a uma bibliografia ou documento consultado pelo jornalista para fundamentar sua matéria.

e) Recursos visuais

O conteúdo cultural de um jornal, geralmente, é apresentado ao leitor em composições mais leves e ousadas com o uso de diversos recursos gráfico-visuais, tais como fotografias, infográficos, ilustrações, ícones, entre outros.

Neste sentido, verifica-se a necessidade de incluir no levantamento a valorização visual das notícias por meio da identificação de três elementos: fotografia, ilustração e infográfico. A preocupação com estes componentes decorre deles serem os que atraem a atenção dos leitores às matérias e estimulam o interesse pela leitura devido à facilidade de compreensão. Para ilustrar as informações deste tópico, segue abaixo uma tabela com as variáveis e as categorias de cada uma delas.

Tabela 4- Resumo das variáveis do levantamento quantitativo

ESPAÇO	VARIÁVEL	CATEGORIA
Capa	Tema	Música – Cinema - Teatro/dança - Artes visuais – Literatura - Patrimônio cultural - Patrimônio natural/turismo - Gastronomia – Políticas culturais – Televisão - Moda/comportamento - Tradições/cultura

		popular
	Formato	Manchete com foto - Manchete sem foto - Chamada com foto - Chamada sem foto - Fotolegenda - Chamada-título
Páginas Internas	Gênero	Informativo – Opinativo
	Formato	Notícia – Nota - Reportagem – Entrevista – Editorial – Crítica - Artigo assinado - Coluna assinada – Opinião do Leitor - Crônica
	Tema	Música – Cinema - Teatro/dança - Artes visuais – Literatura - Patrimônio cultural - Patrimônio natural/turismo - Gastronomia – Políticas culturais – Televisão - Moda/comportamento - Tradições/cultura popular
	Abrangência	Local – Estadual – Regional – Nacional – Internacional
	Fontes	Oficial – Empresarial – Institucional - Popular Testemunhal – Especializada – Documental
	Recursos Visuais	Fotografia – Ilustração - Infográfico

Fonte: A autora (2017)

1.4. Entrevistas

A entrevista é um dos recursos metodológicos mais utilizados para conseguir informações sobre um fenômeno estudado ou para ajudar no tratamento de dados coletados. Segundo Lakatos e Marconi (2003, p. 195), “a entrevista é um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional”.

Dentre as possibilidades de uso da entrevista, Gaskell (2002) destaca seu desempenho quando associada a outros métodos. “Intuições provindas da entrevista qualitativa podem melhorar a qualidade do delineamento de um levantamento ou sua interpretação” (GASKELL, 2002, p. 64). Essa compreensão é que leva a empregar as entrevistas neste estudo, pois várias questões relevantes e significativas, cujas respostas não se encontram nos diários maranhenses, aparecem durante o levantamento quantitativo.

Além da compreensão das frequências, presenças e ausências nas coberturas culturais, as entrevistas são fundamentais para o diagnóstico acerca da origem das matérias analisadas, visto que o levantamento sinaliza para a possível presença de textos oriundos das assessorias, embora seja necessário confirmar com os profissionais dos veículos esta respectiva impressão.

As entrevistas podem ser classificadas em estruturadas, quando o entrevistador segue um roteiro de perguntas previamente estabelecido; ou não-estruturadas, quando o pesquisador

tem liberdade para desenvolver os questionamentos em qualquer direção que considere adequada, utilizando-se de perguntas abertas (LAKATOS; MARCONI, 2003).

Para efeito de estudo, opta-se pela realização de entrevistas semiestruturadas, por entender-se que tal técnica é baseada em um roteiro pré-definido, o que garante a sistematização das questões pretendidas, mas concede certo grau de liberdade ao pesquisador para elaborar interferências quando essas se fizerem pertinentes à pesquisa. Assim, são planejadas e realizadas entrevistas com os três editores dos cadernos/editoriais de cultura dos impressos da capital, o editor geral do diário de Imperatriz, o superintendente de produção e conteúdo do jornal *O Imparcial*, uma pesquisadora de cultura maranhense do curso de Jornalismo da UFMA, campus São Luís, e um produtor cultural de Imperatriz.

1.5. Tratamento dos dados

Depois de coletar os dados e reunir as informações das entrevistas é iniciada a fase das análises descritivas e interpretativas. Lopes (2001) esclarece que a descrição é a primeira etapa na análise de dados da pesquisa, capaz de relacionar a fase de observação dos dados com a fase de interpretação.

A interpretação equivale à segunda etapa da análise, proporcionando condição própria de cientificidade a pesquisa. “É a fase que envolve a teorização dos dados empíricos dentro da perspectiva teórica adotada no início da pesquisa” (LOPES, 2001, p. 151).

Nesta investigação, a análise descritiva é empregada como procedimento técnico para organizar, sistematizar e apresentar as informações obtidas pelas coletas. Mas, de fato, sua utilidade redobra quando conduzida ao tratamento estatístico dos dados reunidos pelo levantamento quantitativo. Por meio dela, consegue-se fazer as tabulações, encontrar concentrações, frequências e tendências nas matérias analisadas, além de efetuar relações e cruzamentos entre os elementos.

No momento posterior, a análise interpretativa amplia o significado dos dados descritos com a incorporação do quadro teórico em torno do objeto para conseguir as respostas desejadas pela pesquisa.

Conclui-se, assim, a exposição do percurso metodológico desenvolvido neste trabalho. O capítulo a seguir refere-se ao cenário cultural e midiático maranhense investigado e exposto juntamente com discussões teóricas para amparar a descrição construída. E a análise dos dados quantitativos é apresentada no capítulo 4 – ***O lugar da cultura nos diários maranhenses.***

CAPÍTULO 2

CENÁRIO CULTURAL E MIDIÁTICO DO MARANHÃO

A proposta deste capítulo é refletir sobre as noções/concepções de cultura a partir de abordagens antropológica, histórica, e, especificamente, da construtivista⁴ – que entende a cultura como um campo em construção, caracterizado por conflitos e diversas formas de expressão da materialidade.

Na mesma via, considera-se a noção de campo, trabalhada por Pierre Bourdieu, com o objetivo de identificar as especificidades e relações entre os campos cultural, midiático e jornalístico, tendo presentes alguns indicadores do Maranhão, em especial, das cidades de São Luís e Imperatriz, para ilustrar a discussão.

Tais aspectos revelam um pouco da realidade estudada (atividades, espaços, movimentos, calendário do setor), e são necessários para a presente dissertação já que permitem conhecer a dinâmica cultural sob a qual é produzida a cobertura jornalística dos impressos.

Ao mesmo tempo, esse movimento é pertinente por possibilitar a identificação - mais adiante, no levantamento quantitativo - dos elementos do campo cultural maranhense que são agendados pelos impressos e, conseqüentemente, os que são silenciados na produção noticiosa.

Convém ainda dizer que este capítulo possui um caráter conceitual e contextual, uma vez que busca articular questões de cunho reflexivo sobre o cenário cultural, midiático e jornalístico do território maranhense, além de trazer um panorama da realidade social construída diariamente pelos indivíduos, grupos, movimentos e instituições voltadas à cultura.

2.1. Em torno de um conceito de cultura

Definir o termo “cultura” não é uma tarefa das mais fáceis, pois ele envolve uma variedade de conceitos. No entanto, considera-se importante delimitar neste estudo o que se entende por cultura, com base em um pequeno panorama sobre as concepções do objeto em pauta.

⁴ Corcuff (2001), na obra *As Novas Sociologias*, diferencia e, ao mesmo tempo, aproxima os dois tipos de construtivismo – o estruturalista, que parte das estruturas sociais e é reivindicado por Pierre Bourdieu, e o Fenomenológico, ao qual estão mais próximos os trabalhos de Peter Berger e Thomas Luckmann. Nessa última abordagem, “a sociedade é uma produção humana; uma realidade objetiva e o homem é uma produção social”. (BERGER e LUCKMANN, 2009, p. 87).

Conforme Eagleton (2005), o conceito de cultura, do ponto de vista etimológico, surge relacionado ao trabalho e agricultura, colheita e cultivo. “[...] é um conceito derivado de natureza. Um de seus significados originais é “lavoura” ou “cultivo agrícola” (EAGLETON, 2005, p. 09).

A partir do século XVIII, o conceito de cultura passa a ser associado à “civilização”, no sentido de um progresso intelectual, espiritual e material (WILLIAMS, 1992). É nesse momento que ocorre a consolidação do uso figurado de cultura nos meios intelectuais e artísticos. Cultura passa então a denominar os meios através do qual se dá o cultivo da mente.

Somente a partir do século XIX, o significado de cultura começa a migrar para o campo da antropologia, associado ao modo de vida dos povos. Suge então uma das primeiras definições formais de cultura produzida pelo antropólogo britânico Edward Burnett Tylor, na obra *Primitive Culture* (1871). Na visão do autor,

cultura e civilização, tomadas em seu sentido etnológico mais vasto, são um conjunto complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, o direito, os costumes e as outras capacidades ou hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade (TYLOR, 1871, p.1 *apud* CUCHE, 1999, p. 35).

Esta concepção rompe com a perspectiva de que a cultura está associada a um progresso intelectual, espiritual e material comum. Dessa forma, a cultura passa a ser entendida como um “um modo de vida global e característico” (WILLIAMS, 1992, p. 11) e o plural “culturas” passa a ser utilizado nas pesquisas.

No entanto, esse conceito, segundo Vicente (2014), ainda associava a cultura à ideia de progresso no sentido de um estado mental desenvolvido a elementos presentes na civilização ocidental e particularmente na cultura de elite. A ausência destes elementos era o suficiente para identificar um sujeito ou um povo como primitivo.

A partir do século XX, a antropologia política e a antropologia social começaram a criticar e operar a desconstrução desta concepção elitista e etnocêntrica da cultura. É neste período que Franz Boas propõe o conceito de relativismo cultural, ou seja, o estudo das culturas sem compará-las prematuramente a outras. Segundo o pesquisador, “cada cultura representava uma totalidade singular e todo o seu esforço consistia em pesquisar o que fazia sua unidade” (CUCHE, 1999, p. 45).

Com o advento dos Estudos Culturais⁵, em meados do século XX, a palavra “cultura” adquire uma nova leitura. Segundo Raymond Williams (1992), figura fundamental na

⁵ Constitue-se como um campo interdisciplinar de estudos e análises que possuem como característica fundadora o engajamento político, que se revela na escolha de objetos e nas reflexões teóricas (WOITOWICZ, 2014).

estruturação dessa área de investigação, a cultura é um sistema significativo através do qual uma ordem social é comunicada, reproduzida, vivida e explorada. Assim, ela permite a compreensão das atitudes humanas ao longo da história, pois ela é responsável pelas coordenadas da ação social e da atividade produtiva em uma sociedade.

Discípulo de Raymond Williams, Eagleton (2005) concorda com o pensador ao conceber a cultura como uma construção histórica, que emerge e se compromete com a referência de tempo da sua produção. “A cultura não é alguma vaga fantasia de satisfação, mas um conjunto de potenciais produzidos pela história e que trabalham subversivamente dentro dela” (EAGLETON, 2005, p. 38-39).

Cuche (1999) também reconhece o caráter ativo da cultura e a define “como um conjunto dinâmico, mais ou menos homogêneo. Os elementos que compõem uma cultura não são jamais integrados uns aos outros, pois provêm de fontes diversas no espaço e no tempo” (CUCHE, 1999, p. 140). Desse modo, a cultura não é, portanto, algo engessado, fechado, mas uma produção “manipulável” pelos indivíduos.

O conceito de cultura é intimamente ligado ao conceito de identidade. Stuart Hall (1999), também filiado aos Estudos Culturais, acredita que a construção da identidade dos sujeitos é um processo dinâmico e influenciado constantemente pela cultura. Uma identidade é “transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam” (HALL, 1999, p. 13).

Associada ao aspecto da identidade, a hibridização cultural – entendida como processo de ‘trocas culturais’ - é outra característica que perpassa a noção de cultura dos dias atuais. Para Eagleton (2005, p. 28-29) “todas as culturas estão envolvidas umas com as outras; nenhuma é isolada e pura, todas são híbridas, heterogêneas, extraordinariamente diferenciadas e não monolíticas”.

Todavia, para Jean-Pierre Warnier (2000) defende que as culturas híbridas sempre existiram na história da humanidade, mas o processo tornou-se diferente com o advento das máquinas para fabricação de produtos culturais e meios de difusão de grande potência. De posse dessa tecnologia, os países considerados mais „desenvolvidos” começaram “a jogar no mundo inteiro, em massa, os elementos de sua própria cultura ou da cultura dos outros” (WARNIER, 2000, p. 26).

Ao discutir o conceito de cultura pela perspectiva estruturalista⁶ de Pierre Bourdieu, a noção de *habitus* se torna uma referência importante para a pesquisa, pois fornece

⁶ O estruturalismo em Bourdieu, também conhecido como estruturalismo construtivista, pressupõe que os agentes sociais e as relações de força condicionam e são condicionadas pelas estruturas sociais.

para pensar a cultura como uma produção simbólica, socialmente valorizada e ligada ao domínio das artes e letras. Para o autor, o *habitus* funcionaria como um princípio gerador de práticas distintas e distintivas; por exemplo, a escolha de um filme por um professor, e a maneira de assisti-lo, é diferente da opção e do consumo de um zelador de escola. Portanto, pode-se dizer que o *habitus* está diretamente associado às expressões e escolhas de produtos/serviços culturais dos atores sociais.

Ao mesmo tempo, o *habitus* atua como um aspecto unificador de uma classe ou grupo social em relação a outros atores que não comungam de iguais dispositivos sociais. É por isso que Bourdieu (1990) considera o *habitus* como uma espécie de memória coletiva materializada que, de certo modo, garante sua (auto) reprodução às gerações futuras.

O *habitus*, que é o princípio gerador de respostas mais ou menos adaptadas às exigências de um campo, é produto de toda a história individual, bem como, através das experiências formadoras de primeira infância, de toda a história coletiva da família e da classe (BOURDIEU, 1990, p. 131).

O *habitus* pode ser entendido como esquemas classificatórios, princípio de visão e divisão de gostos diferentes. Isso significa que os indivíduos, através do *habitus*, conseguem formar sentidos de valoração e diferenciação estética e empregá-los a determinados produtos (chapéus, batons, óculos, celulares, livros, filmes, músicas etc.) construindo assim seus respectivos gostos culturais.

Há que se considerar que o *habitus* relaciona-se diretamente com algum campo social. Dessa maneira, quando um sujeito está inserido em um determinado campo, ele aprende a agir e reagir segundo as regras e mecanismos próprios daquele espaço. Portanto, cada campo constrói um esquema de socialização para seus sujeitos operarem.

Em conformidade com esta perspectiva, o presente estudo entende a cultura “como campo em disputa, marcado pelas mais diversas formas de expressão e materialidades” (GADINI, 2009, p.36). Dessa maneira, pode-se afirmar que o fazer jornalístico dos diários maranhenses participa da instituição cotidiana do campo cultural ao agendar e silenciar produtos e discursos culturais.

2.2. Caracterização do campo social

A ideia de campo, formulada pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu, remete a um modo de organização das sociedades baseado em campos relativamente autônomos, regidos por leis próprias. Essa organização, segundo João Pissarra Esteves (2003), torna-se possível a

partir de uma profunda transformação cultural que tem por base o surgimento das sociedades modernas.

Neste sentido, Esteves (2003) elenca algumas características da modernidade que contribuíram para o processo de formação dos campos sociais. Dentre os aspectos apontados pelo autor está o processo de racionalização, que teve como um dos pontos mais importantes a mudança do estatuto da religião na sociedade. A separação entre a Igreja e o Estado gera uma profunda redefinição da função social da religião e diferenciação do político e do religioso, com base na especialização funcional de cada um destes domínios.

Além disso, o descentramento religioso dá lugar à formação de esferas culturais autonomizadas, como a ciência, a moral e a arte. “Trata-se de uma expansão do *universo simbólico*, na medida em que os seus limites e o centro das representações colectivas deixam de ser confinados ao domínio sagrado” (ESTEVES, 2003, p. 117). Partilhando desta perspectiva, Rodrigues (1999), acredita que o campo social é o resultado ou o efeito de um processo de autonomização secularizante bem-sucedido que o permite impor, com legitimidade, regras que devem ser respeitadas num determinado domínio da experiência.

Dentro desta discussão sobre campo, é importante pontuar algumas definições e características dos campos sociais. Pode-se falar que campo é um espaço marcado por operações abstratas que facilitam a compreensão do mundo concreto. “Os campos sociais são uma construção conceptual, mas o seu principal objetivo é manter viva a presença sensível da realidade” (ESTEVES, 2003, p. 137). Ao mesmo tempo, a noção de campo refere-se a uma relação de poder, mais especificamente um poder simbólico, um poder invisível, às vezes não percebido, que perpassa a vida cotidiana dos indivíduos e possibilita a dominação de uma cultura sobre a outra.

O poder simbólico, segundo Bourdieu (1990), também é um “poder de fazer as coisas com palavras”, isto é, um poder de consagrar ou de revelar as coisas que já existem. Em vista disso, uma cultura – só começa a existir enquanto tal, para os que fazem parte dela e para os outros, quando é diferenciada, segundo algum princípio, das outras culturas, isto é, através do conhecimento e do reconhecimento.

Com base nesta premissa, é pertinente mencionar que os meios de comunicação desempenham papel fundamental no processo de reconhecimento de uma expressão/manifestação cultural. De acordo com Miguel (2002, p. 02), a mídia é “o local em que estão expostas as diversas representações do mundo social, associadas aos diversos grupos e interesses presentes na sociedade”.

Importante considerar que o campo social não é um simples espaço ocupado por um grupo de pessoas, mas configura-se como uma relação (muitas vezes baseada em instituições e esferas de poder) de força estabelecida pelas posições que os indivíduos ocupam e exercem no interior do próprio campo. “Cada um, no interior desse universo, empenha em sua concorrência com os outros a força (relativa) que detém e que define sua posição no campo e, em consequência, suas estratégias” (BOURDIEU, 1997, p. 57).

Em outros termos, pode-se dizer que os campos sociais são caracterizados por tensões, por lutas concorrenciais que visam conservar ou transformar as relações de forças ali presentes. E, ao identificar estas tensões, é possível conhecer as lógicas de funcionamento dos campos.

Um campo é um campo de forças e um campo de lutas em que o ponto central é o poder de transformar o campo de forças. Em outras palavras, dentro de um campo, existe competição pela apropriação legítima do que está em jogo na luta no campo (BOURDIEU, 2005, p. 44, tradução nossa⁷).

Deve-se entender que todo campo é distintivo, ou seja, tem por natureza a capacidade de se diferenciar daquilo que está fora dele. O campo tem, portanto, aspectos sobre um determinado domínio específico da experiência. Mas isso não necessariamente compreende todos os aspectos, pois cada vez mais as estruturas dos campos sociais estão relacionadas às experiências com outros campos. Assim, outra característica do campo é que ele é relacionável.

Os campos sociais são, acima de tudo, um espaço social de interação. É nesta perspectiva que eles podem ser considerados unidades elementares da estrutura da sociedade – definida não em termos puramente abstratos, distante da realidade sensível da vida, mas como um produto do cotidiano, dos encontros sociais entre os homens, onde estes se formam como pessoas e, simultaneamente, constroem a todo o momento a própria sociedade. (ESTEVES, 2003, p. 137)

Essa capacidade de se relacionar e interagir com outras atividades de conhecimento e agentes implica um processo de movimento, de troca entre os campos, que acaba resultando em mudanças. Portanto, é possível assegurar que todo campo social é dinâmico.

Outro aspecto do campo social é a “capacidade dele possuir uma legitimidade exclusiva, tanto para enunciar as regras que devem ser observadas por todos, como para intervir com eficácia no domínio da experiência sobre o qual detém competência” (RODRIGUES, 1999, p. 23). E essa legitimidade é construída a partir das fronteiras, na tensão com outros campos, na delimitação de suas competências sobre um determinado

⁷ Trecho original: A field is a field of forces and a field of struggles in which the stake is the power to transform the field of forces. In other words, within a field, there is competition for legitimate appropriation of what is at stake in the struggle in the field.

domínio da experiência. Sendo assim, um campo precisa da legitimidade dos outros campos para existir.

Do mesmo modo, o campo social não existe sem uma simbologia própria. A dimensão simbólica, enquanto unidade discursiva, constrói a identidade dos campos e assegura sua visibilidade pública. Conforme Rodrigues (1999), existem dois tipos de simbologias dos campos sociais: a formal e a informal. A formal compreende fardas, símbolos e rituais que asseguram a visibilidade externa do campo. Já “a simbólica informal destina-se a assegurar a permeabilidade da sociedade por parte do campo em que vigora” (RODRIGUES, 1999, p. 25).

Por fim, os campos sociais, para existirem, também reivindicam certa autonomia. Segundo Bourdieu (1997), essa autonomia é oriunda das lutas em torno de interesses específicos de agentes e de instituições, tendo sempre como base as relações de força entre grupos ou classes que estabelece um microcosmo, isto é, um campo social que se torna relativamente autônomo em relação a outro. Então, pode-se compreender que a autonomia dos campos não é dada pela simples independência de disciplinas e atos. Processa-se, sobretudo, em função do contágio e influência permanente de outros setores do conhecimento e da atividade diária dos agentes que se movem e atuam nos limites de alcance do campo social.

2.3. De que campo cultural se fala?

Tendo em vista as questões teóricas iniciais apresentadas, é preciso agora refletir sobre a dimensão cultural das cidades investigadas neste trabalho: São Luís e Imperatriz. Para isso, parte-se da compreensão de campo de produção cultural, formulada por Bourdieu (1990), que se especifica nos setores artístico, literário e científico, na medida em que permite “romper com as vagas referências ao mundo social (através de palavras como contexto, meio, fundo social, social *background*)”. Logo, “o campo de produção cultural é este mundo social absolutamente particular que a velha noção de república das letras evocava” (BOURDIEU, 1990, p. 170).

Atualizando esta perspectiva, Gadini (2009) considera que o campo de produção cultural – também nomeado como setor ou circuito – é constituído pelos tradicionais espaços públicos e privados (centros de artes, cinemas, livrarias, galerias, teatros, ambientes universitários e afins), atores, instituições e empresas especializadas na produção e distribuição de bens culturais. Para o autor, o campo cultural é formado

pelas criações artísticas postas em circulação; pela crítica jornalística que gira em torno destes produtos; por pautas, agências e assessorias comunicacionais voltadas à

produção cultural; pelas secretarias e departamentos públicos do setor; pelo mercado de consumo, envolvendo os usuários desses mesmos serviços; pelos espaços sociais afins, como galerias, livrarias, lojas de CDs, feiras, entre outros; além das emissoras de rádio e televisão culturais/educativas ou mesmo privadas, na medida em que a mídia também vai forjando modos de pensar que são projetados nas expectativas e nos hábitos dos consumidores; enfim, no cotidiano da população (GADINI, 2009, p. 106).

No campo cultural de São Luís⁸ – constituído por inúmeras manifestações e espaços histórico-culturais – pode-se destacar o Centro Histórico. Este espaço é um dos maiores conjuntos arquitetônicos de essência portuguesa ainda preservados na América Latina com cerca de 4 mil casarões tombados pelo Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), distribuídos em uma área de mais de 220 hectares.

Formada pelos bairros da Praia Grande e Desterro, a região do Centro Histórico de São Luís conta com museus, centros de cultura, teatros, cinemas, bares, restaurantes, feiras e uma infinidade de lojas de artesanato. Além destes, a região possui praças, becos, escadarias, ladeiras e algumas das mais belas ruas da parte histórica da cidade, como as Ruas Portugal e do Giz e o Largo do Comércio. Segue abaixo uma breve descrição de alguns locais de cultura presentes no Centro Histórico.

Tabela 5 – Espaços de cultura e memória do Centro Histórico de São Luís

ESPAÇO	DESCRIÇÃO
Teatro Arthur Azevedo	Segundo teatro mais antigo do Brasil; possui 756 lugares e mantém uma programação variada com pautas locais e nacionais, contemplando público de todas as idades.
Teatro João do Vale	Abriga as atividades de laboratório do curso de formação de atores do Centro de Artes Cênicas do Maranhão/CACEM e eventos como palestras, solenidades e seminários.
Convento das Mercês	Construído em 1654, abriga hoje a Fundação da Memória Republicana Brasileira – FMRB, que possui um museu, biblioteca, pinacoteca, sala de restauração e amplo acervo documental. Atualmente, são realizados no espaço exposições, oficinas, seminários, cursos e outras atividades de cunho cultural.
Centro de Cultura Popular Domingos Vieira filho	Espaço voltado à exposição permanente com temáticas relacionadas a cultos afro-brasileiro e afro-maranhense. Possui a Galeria Zelinda Lima - para exposições temporárias; uma biblioteca especializada em Cultura Popular; o Bazar do Giz, destinado à divulgação e comercialização da produção artística maranhense; além do Auditório Rosa Mochel, com capacidade para 86 lugares.
Casa do Maranhão	Instalado em amplo casarão neoclássico do século XIX às margens do Rio Anil, oferece exposições permanentes sobre folclore, lendas, histórias e tradições que fazem parte da formação cultural maranhense.

⁸ Localizada na região norte do Maranhão, mais precisamente na ilha de *Upaon-açú*, no Atlântico Sul, São Luís é a sede administrativa do estado e conta atualmente com uma população de aproximadamente 1.073.0893 milhões de habitantes, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2016). Ela integra a região metropolitana, que compreende as cidades de São José de Ribamar, Paço do Lumiar, Raposa e Alcântara.

Centro de Criatividade Odylo Costa Filho	Dispõe de cinema, teatro, biblioteca e espaços para exposição e oferece cursos de diversas expressões artísticas nas áreas das artes visuais e artes cênicas.
Casa de Nhozinho	Museu instalado em um casarão de 4 andares, reúne um conjunto primoroso de elementos do cotidiano regional. São peças indígenas, utensílios de pesca, carros de bois, teares de rede, vasos de cerâmica, toalhas de buriti, bonecos populares, brinquedos que retratam animais.
Casa de Cultura Josué Montello	Destina-se a promover estudos, pesquisas e trabalhos nas áreas da literatura, artes, ciências sociais, história e geografia. Possui acervo bibliográfico, arquivístico e museológico, sendo 90% doado pelo escritor maranhense Josué Montello ao governo do Maranhão.
Museu Histórico e Artístico do Maranhão	Conta com um acervo composto por coleções de numismática, mobiliário, porcelana, cristais, pintura, escultura, azulejaria, documentos, fotografias e gravuras.
Museu de Artes Visuais	Apresenta um acervo formado por coleções de numismática, mobiliário, porcelana, cristais, pintura, escultura, azulejaria, documentos, fotografias e gravuras.
Museu de Arte Sacra	Fica localizado no Palácio Arquiepiscopal de São Luís ao lado da Catedral de Nossa Senhora da Vitória. Composto por uma importante coleção com peças de imaginárias, ourivesaria e paramentos dos séculos XVII, XVIII e XIX nos estilos maneirista, barroco, rococó e neoclássico.
Cafua das Mercês	Possui em seu acervo objetos de cultos religiosos de origem africana como estatuetas, cabaças, cachimbos e parelhas do Tambor de Mina, fotografias de mães e filhos de santos da Casa de Nagô e Mina, além de instrumentos de suplício da época da escravidão.
Palácio dos Leões	Antiga fortaleza erguida pelos franceses em 1612, o Palácio dos Leões, sede do Governo do Estado do Maranhão, apresenta em sua ala social os salões nobres, espaço aberto à visitação pública, com exposição de peças do século XVII ao XX, entre elas, mobiliário, telas, porcelanas, esculturas e pratarias.
Arquivo Público	Tem por finalidade recolher, organizar, preservar e divulgar o acervo documental histórico proveniente dos órgãos da administração do estado, visando assegurar o resgate da memória documental do Maranhão.
Centro de Pesquisa de História Natural e Arqueologia	Abrange as atividades de pesquisa, divulgação e fomento científico nas áreas de paleontologia, arqueologia e etnologia. Mantém exposições temáticas e desenvolve ações voltadas para a educação patrimonial e valorização da memória da sociedade maranhense.

Fonte: Secretaria de Estado da Cultura e do Turismo (Sectur)

As praias e os cinemas de São Luís também constituem-se verdadeiros ambientes de consumo e interação social. Dentre as principais praias do município menciona-se: Ponta D'Areia; São Marcos (Marcela) Calhau; Caolho; Olho D'Água e Meio. E os cinemas são: Cinepólis, UCI Kinoplex e Cinesystem, localizados em shoppings centers; o Cine Praia Grande, presente no Centro Histórico e o Cine Lume, que está situado no bairro Renascença II.

Para efeito de estudo, no que diz respeito ao universo cultural da cidade, são consideradas a presença de bibliotecas e livrarias. Há registradas 15 bibliotecas públicas/comunitárias, sendo a Biblioteca Benedito Leite a mais antiga. Ela possui um acervo de mais de 120.000 exemplares, formado principalmente por obras raras e a mais completa

coleção de jornais maranhenses. Já as livrarias possuem poucas unidades na capital, segundo a Associação dos Livreiros do Estado do Maranhão (ALEM), são apenas 15 ao todo.

Para além destes locais, a professora Letícia Cardoso⁹ afirma que o circuito cultural de São Luís conta com movimentos de apropriação do espaço urbano, como o “Sebo no Chão”, “Circo tá na rua” e “A vida é uma festa”. O primeiro acontece aos domingos à tarde, na praça de Nazaré no bairro Cohatrac e reúne venda de livros a preços baratos, entre 10 e 15 reais, apresentações musicais e venda de comida/bebida. O segundo é realizado às segundas-feiras, na Praça Nauro Machado, e oferece treino de circo aberto e gratuito à população da cidade. E o último é um palco aberto para cantores se apresentarem; ocorre na rua atrás do Odylo Costa Filho, todas as quintas-feiras à noite.

Também se destacam na capital maranhense as atividades desenvolvidas pelo Laborarte¹⁰. “Ele é um dos movimentos culturais que promove ações culturais o ano inteiro. São oficinas de fazeres artísticos, como tambor e capoeira, shows regulares com artistas locais, festa de carnaval e São João” (CARDOSO, 2016)¹¹.

Com uma proposta mais voltada à capacitação dos artistas locais, o Projeto BR-135 é realizado há cinco anos por Luciana Simões e Alê Muniz, com apoio da Lei Rouanet, nas praças de São Luís. A proposta contempla palestras, oficinas e encontros entre artistas, produtores e jornalistas de várias cidades brasileiras debatendo sobre arte, cidadania, música, cultura digital e jornalismo cultural, bem como shows e exposições de feiras criativas.

Vale lembrar as oficinas de tambor de crioula oferecidas todas as quartas-feiras pelo Centro Cultural Mestre Amaral. O local era um antigo prédio abandonado ao lado da Prefeitura de São Luís, e foi ocupado e reformado por Mestre Amaral – um dos representantes do tambor de crioula na ilha. Fora esta iniciativa, as Associações Folclóricas de Bumba Meu Boi promovem festividades durante todo o ano – são ensaios, rituais de batismo e morte do Boi, produção de CDs, etc.

Por falar em manifestações da cultura popular, as apresentações de tambor de crioula e Bumba Meu Boi são emblemáticas nas ruas e praças da capital maranhense. O tambor de crioula é uma dança de origem africana praticada especialmente em louvor a São Benedito, padroeiro dos negros no Maranhão. A manifestação envolve movimentos circulares das “coreiras” ou dançadeiras conduzidas pelo ritmo intenso dos tambores e as toadas evocadas por tocadores e cantadores.

⁹ Entrevista concedida a autora em 05 de agosto de 2016.

¹⁰ Fundado na década de 1970 por um grupo de artistas de São Luís, é um dos grupos culturais mais tradicionais do Maranhão. Está sediado em um casarão colonial no Centro Histórico.

¹¹ Entrevista concedida a autora em 05 de agosto de 2016.

De acordo com informações da Superintendência do Iphan no Maranhão, São Luís possui aproximadamente 95¹² grupos de tambor de crioula distribuídos nas áreas Centro/Ponta d'Areia, Camboa/Vila Palmeira, Areinha/Coroadinho, Itaqui/Bacanga, Anil/Cidade Operária e BR-135.

Com relação ao Bumba Meu Boi, ele é uma “brincadeira” que narra a história do desejo da negra Catirina em comer língua do boi de estimação do proprietário da fazenda. Atendendo ao pedido da esposa, o Nego Chico, mata o boi do latifundiário, extraindo a língua e saciando o desejo da amada. Quando o dono descobre o sumiço do animal, ele resolve castigar o responsável pelo crime. Para não ser punido, Nego Chico convoca curandeiros, padres e pajés para ressuscitar o animal. Ao final do ato, o negro consegue trazer de volta a vida o boi do patrão, que o perdoa em uma grande festa.

Conforme Cardoso (2016), a força e simbologia do Bumba Meu Boi podem ser verificadas, entre outros aspectos, pela sua abrangência em grande parte do território estadual.

São 253 grupos de Bumba Meu Boi no Estado do Maranhão, segundo dados da Secretaria de Cultura do Maranhão – SECMA. E a quantidade real de grupos é ainda maior, porque esse número se refere somente aos Bois cadastrados no órgão em 2014 (CARDOSO, 2016, p. 35).

Na tentativa de ilustrar o mais detalhado possível a cena cultural de São Luís, é importante mencionar as ações desenvolvidas pelos terreiros de Candomblé, Umbanda e outras religiões afro-brasileiras. Espalhados em zonas populares e no centro, eles promovem festas no decorrer do ano, de acordo com o calendário que, geralmente, possibilita o encontro de deuses africanos, caboclos amazônicos e santos católicos. Uma delas é a Festa do Divino - ritual religioso de origem católica que acontece no mês de maio.

2.3.1. A cena cultural de Imperatriz

Quanto ao campo cultural de Imperatriz¹³, este não se difere muito do que se encontra nas sociedades contemporâneas, sendo caracterizado por uma pluralidade de expressões, comidas, danças, músicas, projetos, espaços, etc. No que diz respeito aos espaços de cultura e memória do município, existem poucas alternativas na cidade. Dentre os locais mapeados pode-se destacar:

¹² O número atual pode ser ainda maior, pois aqui se faz referência somente aos grupos de tambor registrados pelo IPHAN/MA.

¹³ Segundo maior município do estado, conta com uma população de aproximadamente 253.873 mil habitantes, de acordo com o IBGE. Está localizada no sudoeste do Maranhão, próximo aos estados do Pará e do Tocantins.

Tabela 6 – Espaços de cultura e memória de Imperatriz

ESPAÇO	DESCRIÇÃO
Avenida Beira-Rio	Cartão-postal de Imperatriz, a Beira-Rio está situada às margens do Rio Tocantins e é muito frequentada para prática de atividades físicas. O espaço é caracterizado pela presença de barracas de comidas e bebidas, bares, quiosques e as famosas peixarias.
Praias	As principais praias de Imperatriz são a do Cacau e do Meio. Elas passam a ser frequentadas por volta do mês de julho, quando se inicia o período de veraneio no município. Os ambientes contam com barracas de comidas e bebidas e shows de artistas locais. Na praia do Cacau, especificamente, a prefeitura desenvolve o festival “Cacau Pop Rock” e o concurso de culinária do peixe.
Teatro Ferreira Gullar	Fundado em 1983 pela Associação Artística de Imperatriz (Assarti), o espaço possui capacidade para pouco mais de 150 pessoas e abriga espetáculos desde música à literatura.
Academia Imperatrizense de Letras (AIL)	Criada em 1991, é palco de lançamentos de livros, saraus e premiações literárias. O espaço é bastante procurado para realização de pesquisas acadêmicas, já que dispõe de uma biblioteca com um acervo de quase cinco mil títulos.
Cinemas	A cidade conta hoje com dois cinemas – Cinesytem e Cine Star, localizados nos shoppings centers da cidade.
Centro de Pesquisa em Arqueologia e História “Timbira” (CPAH)	Localizado na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) reúne peças de materiais arqueológicos, etnológicos e da cultura do serrado maranhense.

Fonte: A autora (2017)

Outras referências do contexto cultural de Imperatriz encontradas durante a pesquisa são os projetos alternativos voltados para o segmento. Dentre eles pode-se mencionar o “Cinema no Teatro” que exhibe gratuitamente clássicos mundiais, filmes brasileiros e produções regionais. O projeto é criado em 2001 pelo *Núcleo Imperatrizense de Cinema Experimental (NICE)* e acontece toda segunda-feira, às 19h.

Mais um projeto importante é o “Espaço Cultura”. Ele é desenvolvido desde 2014 nas dependências de shoppings centers da cidade e realiza atividades em quatro setores de atuação: La Oficina (cursos e treinamento nas áreas de comunicação e arte), Projeto Escola (escolas públicas e particulares), Sala Filmes (exibição de filmes nacionais, europeus e clássicos) e eventos culturais. Hoje o projeto está em fase de inauguração de uma sede própria.

No âmbito da literatura, o município conta, desde 2014, com o Clube do Livro. A iniciativa busca reunir leitores e incentivar a leitura por meio de reuniões mensais, nas quais os membros debatem uma obra literária. Entre os livros já lidos, destacam-se: *Morro dos Ventos*

Uivantes, Orgulho e Preconceito, O diário de Ane Frank, Auto da Compadecida, O Grande Gatsby, entre outros.

Junto com estas ações, Imperatriz ainda dispõe de várias instituições e coletivos que desenvolvem trabalhos expressivos na cidade e região. Exemplo disso é o Centro de Cultura Negra Negro Cosme (CCN/NC), que realiza Mostra e Interpretação de Música Negra, Festival de Interpretação Teatral da Literatura Negra – Poema, Conto, Crônica e Dramaturgia (Festiafro), Dia de Leitura na Praça: Uma pausa para refletir sobre o racismo, Concurso de Desenhos Afro-Brasileiros, Semana Municipal da Consciência Negra, além de palestras em escolas, empresas e universidades públicas e privadas.

A Associação Cultural Casa das Artes cria canais para melhoria da qualidade de vida das diversas comunidades marginalizadas da sociedade imperatrizense e da região tocantina, por meio da produção de eventos artístico-culturais e da formação para produção e veiculação dos bens, serviços e produtos culturais e educativos, propondo a efetividade de políticas públicas. Atualmente, a entidade realiza, com recursos da Fundação Nacional de Artes – Funarte/Minc, o projeto “Circolando” para qualificação e o ingresso de jovens ao universo da Arte.

Trabalhando em parceria com a Casa das Artes, a Trupe de Habilidades Circenses (THC) desenvolve atividades voltadas para o malabarismo no município. Ela é composta por Leonardo Pires, Cleiton Viana, Guilherme Ferreira (Morceguim), Francisco Admael (Tico Natureza) e Luciano Monteiro.

Integra ainda este universo os produtores, atores, músicos, escritores, artesãos, dançarinos, entre outros agentes. Segundo a Fundação Cultural de Imperatriz¹⁴, existem no município cerca de 20 produtores, 30 grupos de dança, 10 músicos, 5 pintores e 8 quadrilhas juninas. Também há aproximadamente 5 companhias de teatro, que desenvolvem espetáculos frequentemente, e 70 artesãos regularmente vinculados à Associação de Artesãos de Imperatriz (Assari), que expõem suas produções, regularmente, no Centro de Artesanato e em um shopping da cidade.

As manifestações da cultura popular são bastante comuns na cena imperatrizense, principalmente as quadrilhas, o Bumba Meu Boi e danças, como o cacuriá, dança do coco e o “Lindô”. Este último acontece em uma roda composta por passos semelhantes aos das tradicionais quadrilhas. “Como uma grande brincadeira de crianças, os brincantes em pares

¹⁴ Os números são baseados em uma lista telefônica do órgão consultado, pois o mesmo não dispõe de um cadastro sistematizado com as informações sobre os atores culturais. Dessa forma, a quantidade expressa deve ser maior.

entrelaçam os braços e pulam trocando de par e respondendo o refrão das músicas”, diz Cardoso et. al (2011, p. 01). A dança é praticada pelo grupo Batalhão Real, liderado por Maria Francisca Pereira da Silva, conhecida por “Francisca do Lindô”.

Convém ponderar que tanto as apresentações dos movimentos populares, como os de outros segmentos do circuito imperatrizense, têm se concentrado nos últimos anos nos shoppings centers. O produtor cultural Leonardo Pires explica que isso acontece devido à falta de espaços urbanos adequados às ações culturais no município.

Hoje, o grande fomentador de cultura na cidade é o shopping! Falta espaço público, falta ocupação da população, falta investimento para infraestrutura, acessibilidade e segurança. E onde é que a gente encontra isso: no espaço privado do shopping. Então, eles levam as atividades culturais para dentro do shopping. Pra gente que trabalha com produção é bem menos estressante e preocupante tu fazer um evento no shopping, por que lá eles já te dão toda a logística: infraestrutura, segurança, suporte de som, palco, um plano “B”. E aqui na rua é na cara e na coragem, e na maioria das vezes, tirando dinheiro do bolso (PIRES, 2016)¹⁵.

Sobre o calendário cultural de São Luís e Imperatriz, alguns eventos se repetem nos dois municípios. É o caso dos Reisados¹⁶, Carnaval, São João, Festa do Divino, Aniversário da cidade, Feira/Salão do Livro, Natal e Réveillon. Na capital existe um maior número de atividades artístico-culturais promovidas durante o ano. Algumas delas são: Festival Guarnicê de Cinema; Festival de Blues e Jazz em Barreirinhas e São Luís; Semana de Dança; Semana de Teatro; Festa da Juçara e Festival de Música Barroca de Alcântara.

Vale salientar que a agenda cultural de São Luís é fortemente influenciada pela cultura popular de uma forma geral. A pesquisadora Letícia Cardoso afirma que os ensaios, batismos e mortes do Bumba Meu Boi, por exemplo, tomam uma proporção de grandes eventos no município.

Tanto os ensaios, como as mortes do boi, atraem um público enorme aos terreiros. Os ensaios acontecem, geralmente, nos terreiros de origem do grupo. É uma festa para o público, em que eles vendem comida e bebida, e ganham visibilidade midiática, pois a mídia vai filmar. No caso da morte, elas costumam acontecer entre os meses de julho e outubro durante três dias. Os grupos realizam nesse período a distribuição de comida, convidam bandas para tocar, radiolas de reggae. Então são grandes eventos. (CARDOSO, 2016)¹⁷.

Em Imperatriz, os locais de consumo, frequência e interação cultural estão fortemente associados às feiras que ocorrem no município, como: Exposição Agropecuária de Imperatriz

¹⁵ Entrevista concedida à autora em 24 de agosto de 2016.

¹⁶ São visitas acompanhadas de músicas, danças e distribuição de comida para anunciar o nascimento do Menino Jesus. Acontecem no mês de janeiro e têm origem na tradição católica, que lembra o dia em que Jesus, recém-nascido, recebeu a visita dos três reis magos vindos do Oriente.

¹⁷ Entrevista concedida a autora em 05 de agosto de 2016.

(Expoimp), Feira do Comércio e Indústria de Imperatriz (Fecoimp), Feira da Beleza, Feira de Cultura Popular, Móvel Norte e Salão do Livro de Imperatriz (Salimp). Nestes eventos, geralmente, ocorrem shows ou apresentações de artísticas locais, visitação do público, desfiles, oficinas ou cursos voltados para a população.

2.4. Diálogos entre campos: m dia, cultura e jornalismo

De acordo com Gadini (2009), o processo de industrialização da literatura, arte, cinema, teatro e outros setores que refletem e projetam visões de mundo dos indivíduos ou dos grupos humanos possibilita uma aproximação do campo cultural com o midiático, visto que a produção cultural passa a ser instituída em espaços e suportes tecnológicos que, no decorrer das últimas décadas constituem o campo midiático.

E o que seria o campo midiático? De acordo com Adriano Rodrigues (1999), o campo dos *medias*   um espaço “dotado de legitimidade para superintender   gestão dos dispositivos de mediação da experiência e dos diferentes campos sociais”, o que implica que seu funcionamento e estrutura são determinados pelos interesses de outros campos sociais. Nas palavras do autor, o campo dos *medias*   indicado

para dar conta da instituição de mediação que se instaura na modernidade, abarcando, portanto, todos os dispositivos, formal ou informalmente organizados, que têm como função compor os valores legítimos divergentes das instituições que adquiriram nas sociedades modernas o direito a mobilizarem autonomamente o espaço público, em ordem   prossegu  o dos seus objetivos e ao respeito dos seus interesses (RODRIGUES, 1997, p. 152).

Procurando aproximar este conceito da realidade investigada, são listados alguns dados para ilustrar o campo midiático maranhense¹⁸. Dentre eles está o número de rádios comunitárias no estado, que atinge a marca de 171. As rádios AMs no Maranhão são detentoras de 40 canais, as FM são 31, as FM educativas somam 11 emissoras e as OT/OC contam com quatro.

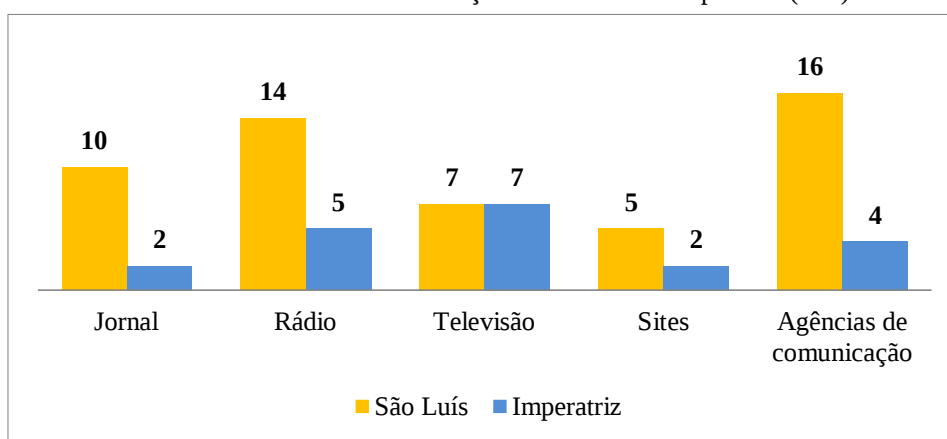
No meio televisivo, o destaque   para o número de retransmissoras – são 439 espalhadas por todo o estado. Além destas, existem 10 TVs geradoras e duas geradoras educativas. Quanto   televisão digital, o estado conta 51 retransmissoras consignadas, 46 retransmissoras de TVD com licença provisória, 13 geradoras consignadas e 10 geradoras de TVD com licença provisória. Há que se considerar que 19 redes são responsáveis pela

¹⁸ As informações sobre a m dia maranhense são oriundas do projeto Donos da Média, no Ministério das Comunicações.

programação apresentada em todo o território maranhense, sendo que nove são de cunho local e 10 somente retransmitem as exibições nacionais, com destaque para as emissoras religiosas.

Pertinente, nesse caso, é atentar mais especificadamente para a configuração da realidade dos meios de comunicação em São Luís e Imperatriz – cidades que compõem o universo desta pesquisa. A capital reúne o maior número de veículos do Maranhão – são 14 emissoras de rádio, pelo menos 16 agências de comunicação, sete canais de televisão, mais de 10 impressos e cinco portais de notícias. Já Imperatriz conta com cinco emissoras de rádio, sete canais de televisão, dois jornais impressos, quatro agências de comunicação, um portal de notícias comercial e outro do curso de Jornalismo da UFMA.

Gráfico 1 – Meios de Comunicação em São Luís e Imperatriz (MA)



Fonte: A autora (2017)

Ainda acerca do campo midiático maranhense, vale ressaltar que este não difere muito de outras localidades do país. Os serviços e as concessões em comunicação social estão sob o controle de políticos. É o caso do Grupo Mirante de Comunicação, que pertence à família Sarney e é o principal conglomerado de mídia estadual.

Segundo Shuen (2015), o Grupo Mirante é composto por um jornal impresso, um portal de internet, uma emissora de televisão afiliada à Rede Globo, com cinco concessões (TV Mirante de São Luís, TV Mirante Cocaís, TV Mirante Imperatriz, TV Mirante Santa Inês e TV Mirante Açailândia), uma emissora de rádio AM que opera em cadeia com 20 retransmissoras no interior com cobertura em 200 dos 217 municípios, e uma rádio FM com 18 emissoras.

Também o Grupo Difusora, segunda maior empresa de comunicação do estado, é controlado pelo político Edson Lobão Filho (PMDB), o Edinho Lobão. O sistema é formado por duas emissoras de TV afiliadas ao SBT (TV Difusora em São Luís e TV Difusora Sul em Imperatriz), duas rádios AMs e duas FM.

Esse cenário conduz à outra reflexão, igualmente importante para este trabalho, acerca da relação entre campo midiático, jornalístico e o cultural. No entanto, antes de seguir com este diálogo, é necessário apresentar algumas perspectivas sobre o campo do jornalismo.

Para Bourdieu (2005), o campo jornalístico juntamente com as ciências sociais e a política, está inserido em um campo maior, o campo do poder. E neste ambiente, os três campos competem pelo direito de impor uma visão legítima acerca da realidade social. Porém, o campo jornalístico acaba sendo o menos autônomo, e apresentando assim, nas palavras do autor, um alto grau de *heteronomia*. Como consequência desta característica, o jornalismo fica mais exposto às influências dos outros dois campos.

A hipótese na qual eu avançaria – e que é fortemente demonstrada – é que o campo jornalístico é cada vez mais heterônomo, ou seja, cada vez mais sujeito às restrições da economia e da política, que impõem cada vez mais suas restrições sobre todos os outros campos, especialmente os campos de produção cultural, tais como o campo das ciências sociais, filosofia e no campo político (BOURDIEU, 2005, p. 41, tradução nossa¹⁹)

Outra consequência desta heteronomia e da influência exercida especificamente pelo polo econômico do campo jornalístico são as disputas estabelecidas para conquistar altos índices de audiência, e assim atender aos interesses dos anunciantes.

No campo do jornalismo, há uma competição permanente para conquistar os leitores, é claro, mas também para conquistar o que garante o público-alvo, ou seja, o primeiro acesso à notícia, a exclusividade da informação e também a raridade distintiva, "grandes nomes", e assim por diante (BOURDIEU, 2005, p. 44, tradução nossa²⁰).

Esta lógica da concorrência é expressa, sobretudo, na busca constante pela atualidade das informações. Segundo Otto Groth (2011, p. 235), “o medo de ser ultrapassado, de não ser o mais atual impulsiona o jornal a uma concorrência mais ríspida, tanto consigo próprio, como com os outros”. Assim, cria-se uma aceleração no processo de produção da notícia para ser o primeiro a informar. Ao mesmo tempo, esse mecanismo do anseio pela atualidade acaba por exigir uma menor periodicidade, pois procura-se alcançar uma concomitância entre acontecimento e a publicação.

¹⁹ Trecho original: “The hypothesis that I would advance -and which is very strongly demonstrated -is that the journalistic field, which is increasingly heteronomous, in other words increasingly subject to the constraints of the economy and of politics, is more and more imposing its constraints on all other fields, particularly the fields of cultural production such as the field of the social Sciences, philosophy, etc., and on the political field”.

²⁰ Trecho original: “Within the field of journalism, there is permanent competition to appropriate the readership, of course, but also to appropriate what is thought to secure readership, in other words, the earliest access to news, the “scoop,” exclusive information, and also distinctive rarity, “big names,” and so on”.

Isso autoriza entender as especificidades do ‘fazer jornalístico’ ou propriamente características elencadas por Otto Groth na obra *Ciência dos Jornais* para diferenciar o jornalismo enquanto campo e conhecer os mecanismos que orientam sua produção. Segundo o autor, o jornalismo é regido pela periodicidade, a atualidade, universalidade e a publicidade, que constituem-se as “leis próprias” do campo jornalístico.

A atualidade é sempre preferida e procurada pelo jornalismo, e refere-se a um conceito temporal, que tem a ver com aquilo que cai no presente ou tem uma relação com o presente. Groth (2011, p. 226) explica ainda que a atualidade “visa uma forma ideal – no caso é a simultaneidade, assim que os fatos acontecem o jornal publica-os”. No entanto, o autor reconhece que isto é inalcançável na realidade, pois o máximo que o jornal pode conseguir é uma *aproximação do presente*, ou seja, um tipo real da atualidade, enquanto que a simultaneidade é o tipo ideal.

A periodicidade, segundo Groth (2011), é uma “qualidade” própria de qualquer jornal (ou revista) e diz respeito ao regresso temporal da obra. Porém, a periodicidade não significa uma pontualidade, ou seja, um retorno exato da aparição no mesmo momento, mas sim a maior brevidade possível dos intervalos. Já a universalidade compreende a busca do jornalismo em abranger todas as áreas da natureza, da sociedade e da cultura para compilá-las nos seus espaços.

A quarta característica dos jornais - apontada pelo alemão Otto Groth - é a publicidade. Ela é a “acessibilidade a cada um e com isso a notoriedade de tudo aquilo que o jornal traz, de tal forma que cada um possa tomar conhecimento, que ninguém esteja excluído da recepção do conteúdo” (GROTH, 2011, p. 263). Desse modo, o autor expande o conceito de publicidade para além da noção de propagação, ou seja, de tornar aberto, público, do expor, do anunciar, do tornar conhecido.

Retomando a aproximação entre os campos, Kellner (2001) afirma que o campo midiático, constituído por sistemas de rádio e reprodução de som (discos, fitas, CDs e seus instrumentos de disseminação, com aparelhos de rádio, gravadores, etc.); filmes e seus modos de distribuição (cinemas, videocassetes, apresentação pela TV); pela imprensa, que vai de jornais a revistas; e pelo sistema de televisão, é capaz de produzir um tipo específico de cultura, responsável por eliminar as diferenças e gerar novos padrões culturais.

A cultura veiculada pela mídia transformou-se numa força dominante de socialização: suas imagens e celebridades substituem a família, a escola, e a igreja como árbitros de gosto, valor e pensamento, produzindo novos modelos de identificação e imagens vibrantes de estilo, moda e comportamento (KELLNER, 2001, p. 27).

O autor ainda salienta que a mídia é atualmente o principal meio de distribuição e disseminação da cultura. Os meios de comunicação de massa superaram os modos anteriores, como o livro ou a palavra falada, e dominaram o lazer e a cultura. Eles tornaram-se produtores de uma cultura que lhes é própria, e ao mesmo tempo, divulgadores de outros tipos de cultura, como avalia Santaella:

O jornal como meio de registro, comentário e avaliação dos fatos cotidianos é um produtor cultural, mas, ao mesmo tempo, é também um divulgador das formas e gêneros de cultura que são produzidos fora dele, tais como teatro, dança, cinema, televisão, arte, livros, etc (SANTAELLA, 2003, p.58).

Em relação a este aspecto, Ferreira (2005, p. 37) considera que “as relações entre o campo das mídias e outros campos sociais (o campo político e o campo acadêmico) são mediadas através da atividade jornalística”. Logo, acredita-se também que o campo jornalístico articula a relação do campo cultural com o midiático ao dar visibilidade a certos atores e manifestações culturais nos meios de comunicação.

O capital do campo jornalístico torna-se, portanto, uma boa *moeda* para se negociar com outros campos. Pode-se ver no campo cultural, médiocres artistas tornaram-se grandes, e grandes artistas não passaram de desconhecidos (FERREIRA, 2002, p. 249).

A respeito deste pensamento, Sirena (2013) lembra que existe um processo de trocas simbólicas entre o campo jornalístico e o campo da cultura. Essas trocas dizem respeito a um tipo de negociação dos valores de credibilidade, primordial para o campo do jornalismo e da visibilidade, essencial ao campo de produção cultural. “O jornalismo apropria-se de valores próprios do sistema cultural, e assim, nele interfere, pois a visibilidade na mídia é o fator de poder e diferenciação dentro do campo da cultura”, afirma Sirena (2013, p. 06). Desse modo, o jornalismo torna-se um sujeito instituinte do campo cultural contemporâneo, pois confere a ele maior visibilidade possível.

Para exemplificar esta discussão, identifica-se em São Luís e Imperatriz alguns veículos (jornais, programas de rádio/televisão, portais e blogs) que trabalham com a produção de notícias voltadas para a cultura, exceto aqueles estudados nesta dissertação, e que contribuem para tornar determinadas expressões culturais explícitas na sociedade.

Na capital maranhense registra-se a presença de duas revistas voltadas para o segmento de turismo, sendo uma com periodicidade mensal e outra bimestral; três programas de rádios; cinco programas de televisão; agenda cultural no JMTV 1ª edição da TV Mirante; três blogs; um portal de notícias com editoria de cultura. Além destes, evidencia-se a presença

de assessorias das secretarias de Cultura do estado (Sectur), do município (Secult), dos shoppings centers, de casas noturnas e produtoras (Casa das Dunas, Espaço Lagoa, Bar do Nelson, Boate Cathedral, 4 Mãos Entretenimento, Alegria Produções, Vitrine Comunicação e Eventos, etc.).

Tabela 7 - Veículos com produção cultural em São Luís (MA)

MEIO	ESPAÇO DEDICADO À CULTURA	PERIODICIDADE
Jornal/Revista	Jornal Cazumbá	Mensal
	Revista Maranhão Turismo	Bimestral
Rádio	Santo de Casa (Rádio Universidade)	Segunda à sexta-feira às 11h
	Canta Maranhão (Rádio Difusora AM)	Segunda à sexta-feira às 14h
	Conversa Beira-Mar (Rádio Timbira)	Segunda à sexta-feira às 17h
Televisão	Mundo Passaporte (RedeTV)	Sábado (12h) e Domingo (10h)
	Algo Mais (TV Difusora)	Sábado às 12h
	JMTV 1ª edição TV Mirante (Agenda Cultural)	Sexta-feira às 12h
	Programa do Zé Cirilo (TV Difusora)	Segunda à sexta-feira às 11h30
	Portal Cultural (TV Assembleia)	Sexta-feira às 13h30
	Quarta Cultural (TV Assembleia)	Mensal - Quarta-feira às 17h
Sites e Blogs	Blog do Zema Ribeiro	Irregular
	Blog do Pedro Sobrinho	Diário
	Blog do Joel Jacinto	Irregular
	Na Mira (Portal Imirante)	Diário

Fonte: A autora (2017)

Em Imperatriz, a produção cultural nos veículos de comunicação ainda é muito tímida. Há somente um jornal impresso com editoria de cultura; um jornal impresso na versão digital que traz algumas edições temáticas relacionadas à cultura; dois portais de notícias com editoria de cultura; dois blogs e a agenda cultural do JMTV 1ª edição da TV Mirante e do programa Maranhão Urgente da TV Band. Também existe a assessoria da Fundação Cultural de Imperatriz (FCI), dos shoppings centers, e de projetos ligados à cultura local, como é o caso do Clube do Livro e Espaço Cultura.

Tabela 8 - Veículos com produção cultural em Imperatriz (MA)

MEIO	ESPAÇO DEDICADO À CULTURA	PERIODICIDADE
Jornal/Revista	Editoria de cultura (Jornal Correio Popular)	Diário
	Edições temáticas de cultura (Jornal Arrocha da UFMA)	Semestral
	Revista Zibita (Curso de Jornalismo da UFMA)	Semestral
Sites/Blogs	Na Mira (Portal Imirante)	Diário
	Editoria de cultura (Imperatriz Notícias)	Irregular
	Blog Cai na Gandaia	Frequente
	Blog Imperlove	Irregular

Televisão	JMTV 1ª edição TV Mirante (Agenda Cultural)	Sexta-feira às 12h
	Maranhão Urgente TV Band (Agenda Cultural)	Sexta-feira às 7h

Fonte: A autora (2017)

Nessa conjuntura, não se pode esquecer que o campo de produção cultural é influenciado pela lógica do mercado. A indústria cultural, por exemplo, transforma a cultura em informação e, ao mesmo tempo, está reduzindo-a ao chamado “entretenimento”, entendido aqui como “diversão e passatempo”. Essa lógica perpassa, inclusive, o campo jornalístico, que acaba por priorizar em seus espaços notas de serviços e roteiros, programação e guia de TV, variedades, entre outras atividades destinadas à diversão do público.

Sobre este aspecto, Francisco Fonseca (2011, p. 42) esclarece que os “órgãos da mídia – emissoras de tv, rádios, jornais, revistas, portais – atuantes na esfera pública, são em larga medida empresas privadas que, como tal, objetivam o lucro e agem segundo a lógica e os interesses privados dos grupos que representam”. Portanto, percebe-se que a cultura produzida pelo jornalismo, na maioria das vezes, orienta-se pelos interesses comerciais dos grandes conglomerados de comunicação que priorizam os altos rendimentos em detrimento da qualidade dos produtos e atividades culturais.

Importante observar que no cenário atual, marcado pela presença de um público ativo no processo de produção de conteúdo, a relação entre campo cultural e jornalística está cada vez mais tênue, visto que os fluxos comunicacionais não passam mais necessariamente pela grande imprensa.

Esta situação amplia as chances da presença de produtos e eventos do campo cultural, antes não tematizados pelo jornalismo, na agenda das pessoas e, ao mesmo tempo, permite uma “desmediação” entre o artista e seu público pelos veículos de comunicação tradicionais. No entanto, ela não elimina o poder de legitimação do campo jornalístico construído ao longo da história.

Para finalizar este capítulo, pode-se perceber que as produções jornalísticas culturais observadas e que integram inevitavelmente o campo cultural aparecem dispersas e, em muitos casos, disseminadas em uma variedade de produtos, serviços e iniciativas.

CAPÍTULO 3

JORNALISMO CULTURAL: DA HISTÓRIA ÀS TENDÊNCIAS NA CONTEMPORANEIDADE

Todos os dias, ao ler os jornais, percebe-se a presença da cultura cada vez mais reduzida à oferta de serviços, eventos e iniciativas que formam a agenda do campo cultural na cidade, estado ou região a que determinado periódico se dispõe a cobrir em termos editoriais. Logo, o cidadão comum passa a entender a atuação do jornalismo cultural muito próxima à divulgação de eventos. Sendo assim, esse capítulo busca delimitar e apresentar o que se entende por jornalismo cultural (JC).

Ao mesmo tempo, realiza-se a construção de um panorama com referências histórias acerca da produção do jornalismo cultural no mundo, Brasil e no Maranhão, em específico nas cidades de São Luís e Imperatriz, no intuito de compreender o processo da tematização do campo cultural na imprensa destes municípios.

Considera-se ainda pertinente mostrar neste momento da dissertação as principais tendências que têm norteado a produção jornalística na área cultural, pois alguns impressos analisados mantêm cadernos/páginas diárias voltadas para publicação de conteúdo cultural que podem ser perpassadas pelos mesmos mecanismos aqui explicitados.

3.1. Em busca de um conceito de jornalismo cultural

Isabelle Anchieta de Melo (2010) lembra que as definições de jornalismo cultural surgiram antes mesmo da institucionalização da prática. O alemão Tobias Peucer, em 1696, foi um dos primeiros a indicar “a vocação do jornalismo como uma obra cultural, ou seja, a de dizer coisas complexas por meio de formas muito simples” (MELO, 2010, p. 01).

Na perspectiva de María J. Villa (2000), o jornalismo cultural apresenta-se como um “discurso periodístico complejo que se articula no sólo con prácticas, saberes y convenciones históricamente determinadas, sino con cánones estéticos situados en el mismo contexto”.

Iván Tubau (1982, p. 35), autor de *Teoría y práctica del periodismo cultural*, define o jornalismo cultural como uma “forma de conocer y difundir los productos culturales de una sociedad a través de los medios masivos de comunicación”.

Para José Salvador Faro (2006, p.149), o jornalismo cultural constitui-se como um “território de práticas jornalísticas que tanto reiteram os signos, valores e procedimentos da cultura de massa quanto discursos que revelam tensões contra-hegemônicas características de conjunturas históricas específicas”. Dessa forma, o JC é marcado por disputas e contrastes

entre a chamada indústria cultural e os profissionais da mídia que buscam escapar da lógica linear das relações discursivas consagradas nos demais setores da produção jornalística.

Atrelado a esta perspectiva, nota-se que o jornalismo cultural extrapola a mera cobertura noticiosa, identificando-se com movimentos estético-conceituais e ideológicos que se situam fora do campo da imprensa. Logo, ele não pode ser equiparado às outras especialidades do jornalismo (político, econômico, policial, etc.), conforme revela Piza (2011), pois ele constitui-se também um espaço de produção intelectual centrado na análise, crítica e no debate de ideias.

Daniel Piza (2011, p. 57) ainda enfatiza que o papel do jornalismo cultural é “[...] refletir (sobre) os comportamentos, os novos hábitos sociais, os contatos com a realidade político-econômica da qual a cultura é parte ao mesmo tempo integrante e autônoma”.

Fábio Gomes (2009, p. 8) partilha dessa visão ao afirmar que a missão do jornalismo cultural é “informar e opinar sobre a produção e a circulação de bens culturais na sociedade. Complementarmente, o jornalismo cultural pode servir como veículo para que parte desta produção chegue ao público”.

Ao mesmo tempo, o jornalismo cultural instaura e delineia modos de ser, pensar e viver da sociedade de uma época, desembocando na ideia de cultura que os indivíduos constroem diariamente. Inclusive, a cobertura jornalística voltada para a cultura agenda o público acerca dos fatos do circuito cultural e da oferta de produtos e eventos desse sistema.

Ainda sobre o debate conceitual, Jorge Rivera (1995) considera o segmento complexo, por abordar várias expressões culturais, desde as belas artes a chamada cultura popular. Além disso, ele relaciona-se diretamente com muitos aspectos da produção, circulação e consumo de produtos culturais. De acordo com o autor,

se ha consagrado historicamente con el nombre de periodismo cultural a una zona muy compleja y heterogénea de medios, géneros y productos que abordan con propósitos creativos críticos, reproductivos o divulgatorios los terrenos de las „bellas artes“, „las bellas letras, las corrientes del pensamiento, las ciencias sociales y humanas, la llamada cultura popular y muchos otros aspectos que tienen que ver con la producción, circulación y consumo de bienes simbólicos, sin importar su origen o destinación estamental. (RIVERA, 1995, p.19).

É interessante destacar que ao longo do século XX, segundo Ballerini (2015), surgiram no Brasil muitas definições sobre a prática do jornalismo cultural que tinham a “divulgação” como um traço quase que “obrigatório” deste tipo fazer jornalístico. É o caso de Luiz Beltrão, que entendia o segmento como uma prestação de serviço, uma divulgação de peças, livros etc.

Desse modo, o JC era visto como um mero mediador das expressões artísticas e o público, o consumidor.

A arte deve ter contato com o público. Embora haja várias instituições capazes de tal aproximação, universidades, museus e eventos, aparentemente o jornalismo cultural faz a melhor mediação entre arte e público no quesito visibilidade da oferta. E ele deve sempre trabalhar diante da tensão permanente entre a divulgação da tradição e a sensibilidade para o novo, a vanguarda, tornando públicas ambas as frentes artísticas (BALLERINI, 2015, p.46).

Com o intuito de fugir de simplificação do jornalismo cultural à divulgação de produtos/eventos culturais, Sérgio Luiz Gadini (2009) formula uma definição que reúne as características comuns à prática jornalística com as particularidades do setor cultural. Por isso, o presente trabalho adotará este conceito. Nas palavras do autor,

compreende-se aqui por jornalismo cultural os mais diversos discursos midiáticos orientados pelas características tradicionais do jornalismo – atualidade, universalidade, interesse, proximidade, difusão, clareza, dinâmica, singularidade, etc. – que ao abordar assuntos ligados ao campo cultural (...) efetuando assim uma forma de produção singular do conhecimento humano no meio social onde ele é produzido, circula e é consumido (GADINI, 2009, p. 81).

Por isso, o jornalismo cultural é uma prática dirigida por critérios de noticiabilidade que orientam a escolha de pautas, matérias, ensaios, críticas, notas, entrevistas e imagens que reforçam ou imprimem visibilidade a certos acontecimentos, espaços ou personagens do cenário cultural de uma sociedade.

3.2. A trajetória da cultura como notícia

Mesmo sem uma data específica, Frantjesco Ballerini (2015) considera a invenção do tipo mecânico móvel para a impressão por Johannes Gutenberg, em 1450, um marco indireto da gênese do jornalismo cultural, uma vez que ajudou a “difundir rapidamente as artes, sobretudo a literatura, tornando o terreno fértil para o crescimento do jornalismo cultural” (BALLERINI, 2015, p 16).

Em seguida, uma das datas emblemáticas do jornalismo cultural no ocidente é o ano de 1711, quando os ingleses Joseph Addison e Richard Steele lançaram a revista *The Spectator*. Segundo Piza (2011), a publicação abordava assuntos diversos – livros, óperas, costumes, festivais de música e teatro, política – e era voltada para o homem “moderno”.

Em outros centros urbanos europeus, o desenvolvimento do jornalismo cultural ocorreu no mesmo século, com o fortalecimento dos estados nacionais e o surgimento do público e demanda por produtos culturais. Gadini (2009) revela que em Lisboa isso acontece a

partir do ano de 1755. Já em Paris, Barcelona e algumas cidades italianas, este fenômeno surge apenas em 1800, quando se observa vestígios históricos de uma atividade cultural mais intensa nas respectivas localidades.

Ao longo do século XVIII, o jornalismo cultural é marcado pelo desenvolvimento da crítica de arte, cujo principal representante é o inglês Samuel Johnson, considerado por Piza (2011) como o pai de todos os críticos. Ele tornou-se conhecido por suas resenhas da prosa e poesia de seus contemporâneos, como o poeta inglês Alexander Pope. Além deste, os nomes de Sainte-Beuve (França), G.E. Lessing (Alemanha), John Ruskin (Inglaterra) e Edgar Allan Poe (Estados Unidos) se destacaram no segmento da crítica de arte.

No século XIX, o jornalismo cultural começa a se desenvolver no continente americano. Nos Estados Unidos, a prática desse jornalismo, segundo Ballerini (2015), propaga-se especialmente no norte industrializado do país pelas mãos de romancistas como Henry James (*New York Tribune*).

No Brasil, o nascimento “oficial” do jornalismo cultural ocorreu no mesmo século. De acordo com Ballerini (2015), o primeiro espaço destinado a assuntos culturais nasceu no “*Correio Braziliense*, na seção ‘Armazém Literário’, que trazia subdivisões como ‘Comércio e Artes’, ‘Literatura & Ciência’ e ‘Miscelânea’, com assuntos variados.

Produzido em solo nacional, o jornal *As variedades* ou *Ensaio de Literatura*, foi o primeiro a publicizar notícias culturais. Nelson Werneck Sodré (1999) pontua que o veículo se propunha a divulgar “extratos de história antiga e moderna, viagens, trechos de autores clássicos, anedotas etc.”. No entanto, o veículo só teve duas edições, em fevereiro e junho de 1812.

Sodré (1999) acrescenta que, até as últimas décadas do século XIX, a imprensa como um todo ainda era “frágil”. E a inserção de informação e debates culturais era feita por meio de notas que anunciavam aniversários de algumas figuras políticas e do restrito meio imperial, recados festivos de madames, dentre outras notícias do gênero.

O noticiário era redigido de forma difícil, empolada. O jornalismo feito ainda por literatos é confundido com literatura, e no pior sentido. As chamadas informações sociais – aniversários, casamentos, festas – aparecem em linguagem melosa e misturam-se com a correspondência de namorados, doestos a desafetos pessoais e a torva catilinária dos pedidos (SODRÉ, 1999, p. 283).

Ballerini (2015, p. 21) descreve que o jornalismo cultural do período era caracterizado pela divisão evidente nas páginas dos jornais: “um fio horizontal preto separava, em cima, política e economia – mais sisudas – do rodapé, que continha textos mais leves, comentários sobre livros e outras manifestações artísticas”. Gadini (2003) concorda com este aspecto ao

afirmar que o jornalismo neste momento passa a adquirir uma perspectiva similar à europeia - centrada no tripé política/economia/variedades.

É interessante destacar que a busca por feições do jornalismo cultural também está associada à compreensão do terreno no qual emergiram, valorizando a emergência do segmento da prática jornalística e seu relacionamento com a sociedade. Logo, no século XIX alguns fatores como: o alto índice de analfabetismo, a lenta urbanização e o precário desenvolvimento dos serviços do comércio e indústria dificultam a consolidação da imprensa brasileira e o fortalecimento do campo cultural no país.

Apenas na segunda metade do século XIX é que o jornalismo cultural ganha fôlego na cena nacional, especialmente na forma de periódicos literários, que se proliferaram rapidamente. Sodré (1999) cita alguns exemplos: a *Revista Brasileira* (1857-1861), *O Guaíba* (1856-1858), *Arcádia* (1867-1870) e a *Revista Mensal* (1869-1879). No mesmo período, “os jornais brasileiros passam a exercer maior influência, junto aos seus leitores, através do folhetim-novelesco que acompanha as edições periodísticas” (GADINI, 2003, p. 16).

Com o advento do século XX, a prática do jornalismo cultural brasileiro é alavancada. Surgem inúmeros suplementos e revistas culturais. Entre eles, merece destaque *O Cruzeiro* (1928). A publicação “era um porta-voz nacional influente por apresentar um visual arrojado, realizar grandes reportagens em série” (BALLERINI, 2015, p. 24).

O JC impresso deixa de ser apenas literário e passa a agregar matérias sobre novas mídias, como o cinema. Torna-se popular, conforme Ballerini (2015), a presença dos fanzines (produções artesanais em que o autor escrevia, ilustrava, editava e criava uma matriz, distribuindo para o público textos culturais de produtos) no contexto nacional.

Arelada a estes aspectos, a popularização do rádio estabelece novas demandas por uma informação mais voltada para o campo cultural. Pode-se mencionar a “curiosidade, seja pelo mistério em torno da vida do artista do rádioteatro, a voz do locutor que chegava à casa dos ouvintes, dos mecanismos de produção de som, ou das promessas que o áudio lançava aos possíveis consumidores” (GADINI, 2009, p. 156).

Na trajetória de como a cultura passou a adquirir relevância no jornalismo brasileiro é válido mencionar a atuação do periódico *Correio da Manhã* (que circulou de 1901 até 1974). Desde seu surgimento, o *Correio* circulou com seções voltadas ao campo cultural e chegou a lançar na década de 1950 o caderno cultural dominical intitulado de *Quarto Caderno*.

Apesar desta iniciativa, foi no final dos anos 50 que o Brasil deu seus primeiros passos no jornalismo cultural moderno com a publicação do *Caderno B* no *Jornal do Brasil*, o

lançamento da secção de cultura do jornal *Estado de São Paulo* (mais tarde ampliada e transformada em suplemento cultural), e a criação da Folha *Ilustrada* em 1958.

A formatação em cadernos culturais – que ganha adesão em periódicos de todo o País – vai juntar em uma única editoria temas que envolvem manifestações culturais em suas mais diversas configurações, formatos, linguagens e suportes técnicos. O modelo hegemônico dos jornais brasileiros se torna, assim, referência (WOITOWICZ; GADINI, 2014, p. 06).

O fenômeno dos cadernos culturais é impulsionado pelo fortalecimento da indústria cultural nacional, pelo aumento de consumidores e do poder aquisitivo em geral. Da mesma forma como é influenciado pelo crescimento populacional, urbanização e facilidade de acesso aos bens de consumo cultural (GADINI, 2009).

Mais recentemente, com o surgimento da internet comercial (que no Brasil ocorre a partir de 1994), surgem novos espaços para divulgação e reflexão da arte e do entretenimento, como portais e blogues produzidos por especialistas em jornalismo cultural ou leigos. As redes sociais (Twitter, Instagram e Facebook) também tornaram-se poderosas ferramentas de propagação de eventos, produções e espaços culturais.

3.3. Experiências culturais em São Luís e Imperatriz

O surgimento da imprensa no território maranhense ocorreu em 1821, com a publicação do jornal *O Conciliador do Maranhão* - produzido em São Luís e com circulação duas vezes na semana. De acordo com Pinheiro (2016), o periódico foi publicado até 1823 de forma manuscrita, do número 1 até o número 34 (de 15 de abril a 7 de novembro de 1821); e, posteriormente, impressa, da edição 35 à edição 210 (de 10 de novembro de 1821 a 23 de julho de 1823).

A pesquisadora indica que a presença do campo cultural nas páginas do veículo estava diretamente associada com as ações do governo local e do comércio. Para exemplificar isto, ela cita que uma das primeiras notícias do impresso era sobre as celebrações políticas da cidade no Teatro da União, também chamado pelo governo português de Teatro Nacional. O local

abrigou práticas que referendavam sentidos sobre o ordenamento político-cultural da cidade, tais como peças, poemas e execução de hinos para exaltar agentes e ocorrências sobre a “adesão maranhense” à regeneração política portuguesa (PINHEIRO, 2016, p. 155).

Fora a cena política, a autora percebe nas matérias publicadas no *Conciliador* que os espaços teatrais de São Luís eram palco de apresentações de companhias internacionais que traziam entretenimento nos moldes da cultura europeia. O estudo ainda encontra a

tematização da literatura, expressa em forma de poemas, poesias e sonetos, e a existência de notas de compra e venda de jornais e livros.

As notas sobre compra e venda de jornais e livros indicam a existência de um público leitor e suas práticas. A leitura de livros estaria entre os hábitos dos moradores das classes mais ricas em meio a uma sociedade escravocrata e desigual (PINHEIRO, 2016, p. 159).

Não apenas neste impresso, mas em todo o século XIX, pode-se encontrar indícios do surgimento e fortalecimento do campo cultural na imprensa maranhense. Um deles é a expressiva presença de periódicos literários que introduziam sistematicamente os assuntos culturais. Conforme Nascimento (2007), o Maranhão registrou 64 jornais intitulados como literários, sendo que a maioria era produzida em São Luís.

Esta situação pode ser compreendida ao observar alguns dados históricos da capital do estado, que sinalizam para o desenvolvimento do campo cultural. De acordo com Lopes (2008), a cidade estava passando por um processo de modernização sustentado pela instalação de curtumes, da indústria do anil (produto usado para dar o tom azul aos tecidos), do soque de arroz e pela atuação da Companhia de Comércio do Grão-Pará e Maranhão. Segundo o autor,

a Companhia Geral do Comércio encaminhava para São Luís e Alcântara a riqueza gerada pela agro-exportação de arroz e algodão e pela comercialização de couros, impulsionando o processo de urbanização (LOPES, 2008, p. 19).

No período mencionado, São Luís passa por diversas melhorias urbanas, como calçamento das ruas, implantação do Cais da Sagração (antigo Passeio Público, hoje Avenida Beira Mar), a reurbanização das principais praças e a construção de redes de esgoto. Silva (2013) também informa que são inaugurados na capital locais de diversão, tais como cafés, confeitarias, clubes, cinemas, teatros, saraus, bailes e *soirées*, que contribuem para o incremento de novos hábitos culturais, inspirados nas capitais europeias.

Associado a estes elementos, surgem no cenário urbano atividades literárias, como grêmios recreativos, saraus e conferências literárias. E os poetas Gonçalves Dias, Odorico Mendes, João Lisboa, Sousândrade e outros intelectuais maranhenses ganham notoriedade na cena nacional pela valorização das riquezas e belezas do estado em suas obras.

Ao longo do século XX, os periódicos ludovicenses continuam a investir na produção jornalística cultural. No ano de 1966, período de plena vigência da ditadura militar no Brasil, o *Jornal Pequeno* lança a 'Página da Juventude'. A produção era dirigida por Carlos Nina e contava com a colaboração de Aldir Dantas, João Alexandre Júnior, Manuel Farias, Lino Moreira, Viriato Gaspar e Joaquim Faray.

A ‘Página da Juventude’ era composta por crônicas, contos e poesias de jovens que queriam um espaço para se expressar, mas não encontravam oportunidade junto aos órgãos da cultura da época.

A Página da Juventude, que, por vários anos, garantiu aos jovens daquela época uma oportunidade para publicar suas primeiras produções, ouvir até mesmo as críticas e procurar seus rumos. Essa oportunidade não lhes era dada em outros veículos pelo circuito fechado daqueles que assumiam como donos das verdades literárias (CARLOS NINA, 2011, p. 83).

Na década de 1970, o jornal *O Estado do Maranhão* dá seus primeiros passos em produções específicas para a cultura. De acordo com Ferreira Júnior (2015), o impresso publica o suplemento dominical intitulado ‘Caderno Especial’, considerado um dos precursores do suplemento que mais prosperaria naquela década no jornal: o caderno ‘Sete Dias’.

Tanto o ‘Caderno Especial’ como o ‘Sete Dias’ são produzidos pelo colunista social Pergentino Holanda. Porém, o primeiro teve pouquíssimas edições, enquanto que o segundo permanece no jornal, mesmo depois da morte de Bandeira Tribuzi (1977), principal incentivador do suplemento.

Ferreira Júnior (2015) explica que a origem do nome caderno „Sete Dias” remete ao título da página da revista *O Cruzeiro*, que também se chamava ‘Sete Dias’. “Por conta de a revista *O Cruzeiro* ter sido descontinuada e o nome ser de domínio público, ‘Sete Dias’ foi adotado como título do suplemento de Pergentino Holanda, cujo pseudônimo jornalístico é PH” (FERREIRA JÚNIOR, 2015, p. 06).

O caderno ‘Sete Dias’ foi criado em 1975 e abordava assuntos da vida social e cultural maranhense, bem como publicava críticas políticas nas colunas escritas por Bandeira Tribuzi e Américo Azevedo Neto.

A coluna de Tribuzi trazia as famosas Crônicas de Palmátia, lugar fictício que representava o Maranhão. As histórias narradas nas crônicas faziam referência a acontecimentos políticos cotidianos com críticas mordazes ao governo do estado à época da gestão de Osvaldo da Costa Nunes Freire (1975 – 1979), que integrava o grupo político de Victorino Freire, ex-senador com três mandatos consecutivos pelo Maranhão (1947–1971) e ferrenho antagonista de José Sarney (FERREIRA JÚNIOR, 2015, p.07).

Importante mencionar que São Luís, nos anos de 1970, vive um período de efervescência cultural com a criação do Laboratório de Expressões Artísticas (Laborarte). O grupo promoveu a “aproximação e incorporação das manifestações da cultura popular na

produção artística da capital e o consequente surgimento da Música Popular Maranhense” (SANTOS, 2012, p.37).

O movimento desenvolvia atividades nas mais diferentes áreas artísticas (teatro, cinema, música, poesia, dança, etc.) e pesquisas sobre a identidade cultural do Maranhão. O grupo contou com a participação de nomes conhecidos nacionalmente, como Zeca Baleiro, Rita Ribeiro, Josias Sobrinho, César Teixeira e Rosa Reis, e foi o responsável pelo lançamento de um dos discos mais conhecidos da música maranhense – *Bandeira de Aço*.

Atentos a estas iniciativas de valorização da cultura local, os jornais também apostavam em produções culturais voltadas para as manifestações e artistas maranhenses. É o caso do suplemento cultural o ‘Guarnicê’, lançado em 1983 no jornal *O Estado do Maranhão*, que se destacava pela qualidade dos cartuns, a forma da poesia e as polêmicas que trazia em suas páginas. O suplemento divulgava contos, informações sobre música, teatro e cinema.

O Guarnicê trouxe várias entrevistas inesquecíveis. Uma das mais marcantes enfocava o poeta Ferreira Gullar. Publicada no suplemento número 11, a entrevista tocava em assuntos polêmicos da vida do escritor, como o caso Alcoa, em que Ferreira Gullar foi acusado, por muitos militantes, de omissão e de falta de posicionamento em relação à instalação da indústria de alumínio em São Luís (FIGUEIREDO, 2009, p. 35).

O ‘Guarnicê’ circulou em São Luís durante três anos (1983-1985), chegando a publicar um total de 44 edições. Ele era produzido por Celso Borges, Joaquim Haickel, Roberto Kenard, Paulinho Coelho e Ronaldo Braga, com a colaboração de Érico Junqueira, Dulce Brito, Luiz Carlos Cordeiro e Franco Jasiello.

Nos anos seguintes, os jornais da capital começam a entrar na lógica da “cadernização”. É neste momento que *O Estado do Maranhão* lança o caderno de cultura ‘Alternativo’ – publicação editada até os dias atuais. Em 1982, o mesmo jornal começa a publicar aos domingos a ‘Revista da TV’, suplemento voltado para os bastidores da televisão e produzido pela Agência Globo. Em seguida, surge a *PH Revista*, edição ampliada da coluna PH que passa a ser distribuída também aos domingos.

Nos anos 90, houve outros suplementos dominicais publicados pelo *O Estado*²¹. Dentre eles estão: o caderno ‘Estilo’, elaborado por Valéria Pedrosa, e a ‘Revista da Família’. O primeiro era destinado ao público feminino do impresso e tratava de temas como moda, filhos, família, casamento e carreira. Já o segundo circulava aos domingos, com matérias sobre saúde, educação, tabus e comportamento. Mais tarde, a ‘Revista da Família’ deixa de

²¹ Como é conhecido no território maranhense o jornal *O Estado do Maranhão*.

existir, dando lugar ao caderno dominical „DOM“ – publicado hoje pelo jornal em forma de página.

Além destes títulos, o mesmo periódico criou o suplemento „Carro e Cia“ e o caderno ‘Galera’ (1995) – publicação com circulação aos sábados, destinada para jovens. Nos anos seguintes, o „Galera“ passa por várias reformas até se transformar, em 2009, no „Na Mira“ com circulação às sextas-feiras.

A intenção é unir jornalismo impresso e *online*. As matérias publicadas no *Na Mira*, serão complementadas na internet com os recursos adicionais da web, no site <http://imirante.globo.com/namira/>, que este ano comemora dois de existência (FIGUEIREDO, 2009, p. 78).

Em março de 2002, o *Jornal Pequeno* publica uma das mais expressivas produções culturais de São Luís – o suplemento Literário ‘Guesa Errante’. O nome foi uma homenagem ao poeta maranhense Sousândrade e sua obra *O Guesa*.

O ‘Guesa Errante’ era publicado semanalmente no *Pequeno*, sendo que em março de 2003, após 53 edições do suplemento, é lançado o primeiro anuário da publicação. Este projeto foi adotado nos anos seguintes. Foram produzidos oito anuários até 2011.

Importante dizer que o ‘Guesa Errante’ foi idealizado pelo jornalista Alberico Carneiro e coordenado por Josilda Bogéa Anchieta, e tinha como objetivo divulgar a biografia e a autobiografia de representantes do mundo das letras de São Luís, bem como produções (poesias, contos, romances, ensaios e críticas). Também era possível encontrar nas páginas do suplemento informações sobre música, teatro, cinema e artes plásticas da cidade.

No interior do Maranhão, mais precisamente em Imperatriz, a imprensa surge em 1932 com a publicação da folha manuscrita *O Alicate* (1932). No entanto, é somente na década de 1970 que o campo cultural ganha as páginas dos jornais da cidade de forma mais especializada. Surgem as primeiras publicações literárias e de entidades culturais do município. Uma delas é o jornal literário *Safrá*, fundado em abril de 1979 por Edmilson Sanches. O periódico possuía uma circulação mensal, era composto de quatro páginas e custava Cr\$ 3,00 no seu primeiro exemplar. No segundo, o jornal *Safrá* aumenta sua quantidade de páginas e sua distribuição passa a ser gratuita.

Verifica-se também o aparecimento do boletim informativo *Voz da Assarti*, pertencente à Associação Artística de Imperatriz (Assarti). O impresso possui uma circulação mensal, contava com a redação de Zequinha e reportagens de Lúcia, Gracinha, Henrique. Em março de 1983, é publicado o *Informativo Cultural Paço da Cultura José Sarney*, com a direção de Reinaldo Dhall Cordeiro, coordenação de Nilza Lago e colaboração da TVE.

Outros títulos culturais publicados na cidade foram: *O Condor*, produzido em 1985 com o apoio da Prefeitura de Imperatriz, do Departamento Artístico da TV Bandeirantes (Tropical) e da Rádio Imperatriz. E o informativo cultural *In Verso*, idealizado por Herbert Lago Castelo Branco no ano de 1987.

Interessante perceber que estas iniciativas não são descoladas da realidade, mas integram o quadro de ampliação da cena cultural imperatrizense, que nos anos iniciais do século XX era muito centrada em festas de igrejas, bailes e concursos de beleza. A década de 1970 inaugura novos espaços, instituições e eventos culturais na cidade. O teatro municipal é construído, aparecem novas salas de cinema e as primeiras companhias de teatro - o Grupo Príncipe Teatro de Imperatriz – PRITEI (1975), cujo diretor era o jovem Pedro Hanay, e o Grupo Oásis (1978), ligado ao Clube de Jovens da Igreja Católica. Ao mesmo tempo, é fundada a Associação Artística de Imperatriz – Assarti (1982), o Paço da Cultura José Sarney (1983) e o Grupo Literário de Imperatriz (GRULI) que promove o *1º Festival de Poesia, Conto e Crônica de Imperatriz*.

O Festival atraiu escritores do Brasil inteiro e dele foram realizadas onzes edições. Numa tentativa de manter a série “Espelho”, o Grupo editava, em seus últimos anos, os trabalhos dos três primeiros vencedores de cada categoria. Apesar do sucesso, o evento não conseguiu sensibilizar os administradores municipais nem o empresariado. Assim, encerrou suas atividades em 1995 (TOCANTIS, 2002, p.161).

Para muitos pesquisadores, os anos de 1970 e 1980 representam a época de ouro da mídia em Imperatriz, pois foi neste intervalo que foram fundadas as primeiras emissoras de TV, rádio e o número de jornais impressos aumenta. Aliás, é também nesse momento que os jornais diários começam a inserir páginas dedicadas à cultura. De acordo com Amorim (2011), na década de 1980, quando *O Progresso* era dirigido por Adalberto Franklin, havia uma página veiculada aos domingos com crônicas e poesias.

3.4. Tendências do Jornalismo cultural contemporâneo

Falar em jornalismo cultural na contemporaneidade é observar uma expansão da ideia de cultura para além do conceito das “sete artes” tradicionais. Hoje, é quase impossível não encontrar nos cadernos de cultura conteúdos sobre televisão, moda, turismo, gastronomia, resenhas sobre games, programas de computador, aplicativos para celulares e tablets, entre outros assuntos. Desse modo, na medida em que a cultura é descolada das expressões clássicas de arte, boa parte das expressões humanas configura-se como produtos, formatos e materialidades culturais.

De acordo com Piza (2011), este movimento se inicia a partir dos anos 90, quando alguns assuntos que pertencem ao universo cultural, embora não sendo linguagens artísticas ou intelectuais, ganha mais espaço nos impressos. É o caso da gastronomia que fez tanto sucesso a ponto de torna-se um caderno em alguns impressos – *Paladar* (O Estado de S. Paulo) e *Comida* (Folha de S. Paulo).

Além deste, a moda é outro universo que vem ganhando cada vez mais espaço no jornalismo cultural brasileiro. Ballerini (2015) afirma que o segmento é hoje considerado palco de discussões da própria cultura nacional, bem como uma indústria poderosíssima.

Todavia, a televisão é a área mais facilmente encontrada nos cadernos de cultura brasileiros, seja por meio de programação diária, notas e notícias de novelas e artistas, suplementos, e assim por diante. O estudo sobre a situação da cultura nos principais diários brasileiros (GADINI, 2009), revela que 16 dos 20 jornais investigados possuem suplementos específicos e exclusivos sobre televisão em suas respectivas edições do sábado ou do domingo.

No entanto, Piza (2011) considera que a expansão da cobertura cultural para estes assuntos tem ajudado a deixar o JC numa posição tímida diante do marketing e da dimensão mercadológica da “indústria do entretenimento”.

Não raro os eventos de moda e gastronomia, mais e mais caros e frequentes, têm ganhado as capas das seções culturais da grande imprensa, por que seu apelo para boa parte dos leitores – dada a certa leveza inerente aos temas, em geral transformada em frivolidade – facilita as coisas para editores e diretores. Não que não seja possível uma coabitação equilibrada e fértil, mas o jornalismo cultural sai perdendo quando os critérios passam a ser resumidos ao de afastar o leitor de abordagens que considera erroneamente “muito sérias” ou críticas (PIZA, 2011, p. 57).

Por falar em indústria do entretenimento, esta é outra tendência cada vez mais crescente na cobertura jornalística da cultura brasileira. Segundo Gadini (2009), sob o pretexto de explorar a informação como serviço, a notícia se converte em entretenimento, priorizando a tematização e o agendamento de atividades, eventos e programas que visão à diversão do seu público.

Atento a esta realidade, o ex-redator chefe da *Carta Capital*, Maurício Stycer (2007, p. 73) avalia que a cobertura cultural tem privilegiado a vida em detrimento da obra, no que ele chama de jornalismo de celebridades. “Hoje a vida é mais importante que a obra. E isso é dramático. Não dá para discutir cultura se a vida do artista é mais importante que a obra que ele produziu”.

Gadini (2009, p. 278) explica que o crescente espaço de notícias sobre situações da vida privada dos artistas contribui para reforçar “a máxima identificada como a lógica de consumo fácil: filme para descontrair, música para divertir e televisão para não pensar”.

Em diálogo com os pesquisadores mencionados, Piza (2011) ressalta que os cadernos de cultura tendem a sobrevalorizar as celebridades, entrevistando-as de forma banal (“Como começou sua carreira?” etc.). O autor afirma que os impressos costumam restringir a opinião fundamentada (críticas são postas em miniboxes nos cantos da página); destacar o colunismo (praticado cada vez mais por jornalistas de carreira); e a reservar o maior espaço para as “reportagens”, que na verdade são apresentações de eventos (em que se abrem aspas para o artista ao longo de todo o texto, sem muita diferença em relação ao press-release).

Pertencente a este universo do entretenimento, o colunismo social continua a ocupar um espaço significativo nos cadernos de cultura brasileiros. Nas colunas é possível encontrar o cotidiano de celebridades, a cobertura de festas de casamento e aniversário, festas de clubes e de empresas, entre outros eventos privados. Na avaliação do pesquisador Sérgio Gadini (2009),

a lógica da coluna social é marcada por um personalismo escamoteado pela apresentação de assuntos e informações com aparente interesse público – com base nos personagens, atores fotografados, aniversariantes ou representantes das relações de poder, não necessariamente econômico, mas também político, cultural ou até religioso (GADINI, 2009, p.2005).

Importante salientar que a produção cultural brasileira está diretamente atrelada à lógica da agenda – ao filme que estreia hoje, ao disco que será lançado no mês seguinte, à abertura da exposição. Esta realidade, para Streacker (1989), é resultado da presença cada vez maior da cultura de massa na pauta do jornalismo cultural impresso que valoriza excessivamente a notícia-agenda (ou notícia-acontecimento) em detrimento da investigação jornalística, que no campo do JC se tornou rara, mesmo sendo tão importante.

[...] embora se atenham a fatos concretos, as investigações costumam revelar informações que nenhum produtor cultural tem interesse em divulgar, apesar do interesse que possam ter para o público. Uma investigação jornalística pode desnudar o funcionamento dos bastidores do show biz. Uma investigação jornalística pode mostrar e discutir a política de seleção de títulos de editoras, gravadoras e distribuidoras de filmes [...]. Os *features* e as investigações jornalísticas podem contribuir muito – muito mais que a divulgação de bens e eventos – para melhorar a qualidade da vida cultural do leitor, especialmente quando geram polêmicas (STRECKER, 1989, p. 101).

Ballerini (2015) observa que a emergência do “furo” é uma característica recente do jornalismo cultural. Antes centrada nos cadernos de política, economia e cidades, a busca por

notícia quente tem acirrado a competição entre os cadernos, prejudicando assim a cobertura de artes e entretenimento.

Se um jornal noticia primeiro determinado livro ou disco, ou a realização de determinado filme, os jornais furados tendem a desprezar o assunto, como se ele deixasse de ser importante. Tal procedimento, mais comum do que se imagina, tem um efeito perverso sobre a qualidade da informação e da crítica oferecidas aos leitores, além de revelar a concepção profundamente autoritária das direções dos jornais (BALLERINI, 2015, p. 61).

Corroborando com esta perspectiva, Sérgio Augusto (2002) afirma que os editores de cultura preferem sair na frente com uma reportagem eventualmente feita “nas coxas” a esperar mais de 24 horas uma matéria mais completa e melhor apurada. Assim, a regra de não levar furo torna-se uma “obsessão” numa área onde a reflexão e análise deveriam ser mais importantes.

Juntamente com essa premissa, a lógica da factualidade (inauguração, lançamentos, abertura de exposição, lançamento editorial, mudança de cartaz de teatro ou cinema, entre outras iniciativas e atividades artístico-culturais) é o que frequentemente ocupa as páginas dos veículos (Gadini, 2009). Em contrapartida, matérias relacionadas às leis de incentivo a cultura, por exemplo, são minimizadas pela produção cultural.

A maior parte da imprensa que acompanha essa área rejeita um assunto considerado chato, pela dificuldade que implica a sua cobertura, mas que ocupa hoje um papel fundamental no cenário cultural brasileiro. Estou me referindo à questão do patrocínio e às leis de incentivo à cultura. Atualmente não há um filme brasileiro feito sem apoio de alguma lei, sem algum tipo de renúncia fiscal. O mesmo acontece com exposições, filmes, livros e peças. Isso faz parte da produção cultural (STYCER, 2007, p. 73).

Além deste aspecto, outro fator que vem influenciando cada vez mais a prática do jornalismo cultural é o relacionamento com as assessorias de imprensa. Muitos jornalistas ficam reféns ou se acomodam na produção de reportagens nascidas de sugestões de pautas de assessorias. Desse modo, os editores dos cadernos culturais resignam-se apenas a divulgar, por exemplo, estreias de filmes, sem lançar um olhar próprio e independente sobre tal suporte.

Couto (1997) também diz que é muito comum “o assessor negociar a informação ou acesso a determinado artista em troca de matérias de destaque na imprensa”. Portanto, estabelece-se um acordo onde o grau de importância de determinada informação ou entrevista passa a ser dado pela suposta exclusividade dela. Como resultado, assuntos com pouca relevância ganham mais destaque nas páginas dos cadernos culturais, enquanto que os mais pertinentes ao interesse público são deixados de lado ou relegados ao segundo plano.

Um aspecto ainda mais delicado para Couto (1997) é o famoso “jabá”, ou seja, o oferecimento de passagens e hospedagens para a realização da cobertura de eventos. Por ter sido convidado a cobrir certos eventos (shows, lançamentos de CD, pré-estreia de filmes, entre outras atividades) com garantia da cobertura de custos, o jornalista sente-se “obrigado” a produzir matérias positivas e com destaque nas publicações culturais. Ballerini (2015) revela a consequência dos jornalistas que não seguem este ritual:

Jornalistas cinematográficos de segundos cadernos sentem que a oferta, por meio da assessoria de uma grande distribuidora, de uma entrevista exclusiva ou de uma viagem aos Estados Unidos, para cobrir a estreia de um filme significa a “aquisição” de uma capa do caderno. Quando o espaço dedicado é pequeno, não sai na data próximo da data de estreia ou o texto traz muitas críticas negativas, os jornalistas podem ser banidos das listas dos distribuidores para eventos das próximas estreias, ficando na “geladeira” (BALLERINI, 2015, p. 66).

Piza (2011) também aponta a “marginalização da crítica” como um dos traços da prática jornalística voltada para a cultura em nosso país. Segundo o autor, a crítica atual é baseada no achismo, no palpite, no comentário mal fundamentado mesmo quando há espaço para fundamentá-lo.

Assim como Piza, Gadini (2009) percebe que a crítica desde o século XX restringiu-se à explicação ou análise de uma obra, pautada, na maioria dos casos, por critérios subjetivos de quem a faz ou por um vago senso comum supostamente partilhado pelo interlocutor.

Por sua vez, Ballerini (2015) diz que as críticas estão inseridas em um processo de simplificação, ou seja, ao invés delas trazerem questionamentos e contextualizações sobre as obras, elas limitam-se ao entretenimento rápido, que exige pouco raciocínio e tempo do leitor. O jornalista Teixeira Coelho (2007) explica que isso ocorre em decorrência da presunção dos meios de comunicação no Brasil em afirmarem que os leitores não se interessam por críticas, que eles não têm tempo para leitura e que, portanto, deve-se reduzir o tamanho dos textos.

Sob outro prisma, verifica-se que a crítica nos últimos anos tem migrado das mídias tradicionais (jornais, revistas, rádios e Tvs) para a internet. Este espaço tornou-se uma alternativa para os críticos a “fugirem” da simplificação textual, pois oferece condições técnicas e econômicas necessárias para refletir sobre as produções culturais sem precisar obedecer aos limites jornalísticos de tempo e espaço.

A lógica econômica é outro fator que impacta a produção das editorias de cultura nos últimos anos, visto que diante das crises financeiras, ela é a primeira a sofrer cortes de pessoal. Como consequência disso, os jornalistas mais jovens logo são inseridos nos cargos de

chefia sem nem mesmo ter tido um tempo de experiência para aprender as rotinas produtivas deste segmento.

A economia de mercado deixa os editores de cultura “refêns” do esquema de lançamentos feitos em escala industrial ou localizada. Isso ocorre, como aponta Gadini (2009, p. 283), por meio de uma “pressão, nem sempre reconhecida, das indústrias que forjam sistemas integrados e, direta ou indiretamente, ‘cercam’ os mais diversos espaços midiáticos em busca de uma maior eficácia comercial”. Dessa forma, os jornais acabam se rendendo a publicação de lançamentos para assegurar a publicidade para o veículo e “não ficar atrás” dos outros impressos.

Pertinente destacar que a prática do jornalismo cultural se modificou significativamente com o advento da internet. A nova ferramenta transforma os hábitos do jornalista cultural, que agora passa mais tempo na redação buscando as novidades do cenário cultural na web. Também o conceito de *deadline*, segundo Ballerini (2015), ganha um novo significado, pois agora não mais se espera a crítica de teatro no caderno de sexta, mas horas após o crítico vê a peça.

Além disso, a internet alterou o conteúdo jornalístico. Os portais de notícias e as redes sociais pressionam cada vez mais para que as reportagens sejam mais curtas e rápidas. Inclusive, os cadernos de cultura, a exemplo das plataformas digitais, passaram a valorizar em suas páginas imagens e produções visuais com pouco texto. Dessa forma, os jornais apenas elegem um assunto para capa e utilizam uma apresentação visual criativa.

Por outro lado, a internet oferece novos espaços para divulgação da cultura, como sites especializados em diversas áreas de expressão cultural (cinema, teatro, literatura, música, moda, etc) que apresentam não somente textos analíticos, mas recursos que permitem ilustrar e dinamizar o conteúdo. De acordo com Gomes (2009), o ambiente on-line representa também uma alternativa às limitações do jornalismo cultural praticado nos veículos de comunicação tradicionais.

O sujeito cultural da era da cibercultura dispõe de uma larga oferta de sites e blogs de jornalismo cultural, quase todos independentes - ou seja, sem ligação com grupos de comunicação - e nessa área em franca expansão não se fala em crise. (GOMES, 2009, p. 20,).

Pode-se então dizer que o jornalismo on-line permite a criação e ampliação de espaços por grupos habitualmente excluídos da esfera midiática, como grupos populares. A internet, inclusive, possibilita a produção de conteúdo com pluralismo de temas e diversificação das fontes, bem como uma maior interatividade com o leitor.

CAPÍTULO 4

O LUGAR DA CULTURA NOS DIÁRIOS MARANHENSES

Este capítulo reúne os dados oriundos do levantamento quantitativo realizado no período de março a abril de 2016, em 224 edições dos quatro diários maranhenses – *O Estado do Maranhão*, *O Imparcial*, *Jornal Pequeno* e *O Progresso*. Para além da descrição dos números, buscou-se fazer interpretações e discussões a respeito do modo como a cultura é tematizada pelos jornais com o auxílio das entrevistas fornecidas pelos editores dos veículos.

Desse modo, estão explicitados os dados mapeados acerca dos espaços de publicação do conteúdo cultural, o gênero, formato, os temas que são mais amplamente retratados e quais são pouco retratados, o tipo de cobertura realizada (local, regional, estadual, nacional ou internacional), as fontes utilizadas e os tipos de recursos visuais presentes nas matérias.

O capítulo também é organizado a partir de uma proposta de sistematização das principais características dos jornais. Assim, são apresentadas informações da história, editorias, suplementos, formato, número de páginas e circulação de cada um dos diários maranhenses que integram a amostra da pesquisa.

4.1 O Estado do Maranhão

O jornal *O Estado do Maranhão* começa a circular no território maranhense em 08 de março de 1953, com o nome de *Jornal do Dia*. Nesse período, a equipe do impresso é formada por Arimathéia Athayde (direção), Renato Carvalho (gerência) e José Bento Neves (secretário). Posteriormente, mais precisamente em 1959, o jornal é adquirido pela empresa Jaguar LTDA e passa a ser dirigido pelo empresário e político Alberto Aboud.

A mudança de nome para *O Estado do Maranhão* ocorre apenas em 1973, quando o então governador José Sarney e o poeta Bandeira Tribuzi assumem a direção do veículo. Segundo Figueiredo (2009), a alteração do nome coincide com a primeira reforma gráfica e editorial do periódico, produzida pela introdução das rotativas *off-set* e do sistema de composição eletrônica. “Antes, o processo quase artesanal dominava a confecção do jornal e a impressão era feita com placas de chumbo quente, nas quais as páginas eram montadas vagarosamente” (FIGUEIREDO, 2009, p. 09).

O jornal é um dos precursores do Norte-Nordeste na impressão colorida, antes restrita apenas à capa das edições de domingo; é também um dos primeiros periódicos maranhenses a implantar a organização por editorias. Atualmente, *O Estado* pertence ao Grupo Mirante de Comunicação, conta com uma tiragem média de 10 mil exemplares diários (16 mil aos

domingos) e é distribuído em 130 cidades do interior do estado. A redação do jornal possui uma equipe²² de mais de 35 profissionais na equipe, entre repórteres, editores, colunistas, redatores e revisores distribuídos em 28 estações de trabalho.

Com uma média de 49 páginas de segunda a sexta-feira e 87 páginas aos finais de semana em formato *standard*, *O Estado do Maranhão* conta com 10 editorias ('Opinião', 'Política', 'Cidades', 'Esportes', 'Geral', 'O Mundo', 'Polícia', 'Economia', 'Alternativo', 'Vida') distribuídas em três cadernos diários; uma coluna de turismo ('Passaporte'); duas páginas especiais ('Dom' e 'A gente conta'); dois suplementos ('PH Revista' e 'Revista da TV') e um caderno de classificados ('Classificação').

As editorias com periodicidade diária e formato *standard* são: 'O Mundo', com informações internacionais; 'Cidades', relata os principais fatos ocorridos nas cidades do Maranhão, com destaque para São Luís; 'Geral', apresenta notícias locais e nacionais; 'Esportes', traz notícias sobre competições em diversas modalidades, acontecimentos e bastidores do mundo esportivo, além de colunas especializadas; 'Economia', reúne informações da economia local, nacional e internacional; 'Polícia', publica matérias sobre violência, criminalidade e segurança; 'Política', aborda o cenário político nacional e local, associado a colunas especializadas com comentários sobre os fatos do setor; 'Opinião', reúne o editorial, charge e artigos. O 'Classificação' é o único no formato tabloide, que oferece diariamente anúncios de emprego, imóveis, veículos e segmentos diversos.

A editoria 'Vida' é publicada de terça a sexta-feira, no formato *standard*, com notícias relacionadas à moda, tecnologia, bem-estar, alimentação, saúde, beleza, entre outros. A coluna 'Passaporte' é assinada por Marcos Davi Carvalho e circula às segundas-feiras com assuntos voltados ao turismo estadual e nacional. O espaço intitulado de 'Dom' é divulgado na edição de fim semana e traz matérias de moda, saúde, comportamento, beleza, gastronomia, etc. Já 'A gente conta', também lançada na edição de sábado e domingo, é uma página dedicada a perfis de moradores de São Luís.

O 'PH Revista' é um suplemento com oito páginas em formato *standard* publicado na edição de fim de semana do impresso. Ele é uma versão ampliada da coluna social de Pergentino Holanda (PH), que circula no caderno 'Alternativo' durante a semana, e é direcionada a eventos sociais - como aniversários, casamentos, comemorações, etc. A 'Revista da TV' apresenta 16 páginas em formato tabloide e circula aos fins de semana, com informações sobre programas, telenovelas e atores, geralmente da TV aberta.

²² As informações são oriundas do site <http://imirante.com/oestadoma/historico/>

Figura 3 – Suplementos do Jornal O Estado



Fonte: Jornal O Estado do Maranhão

4.1.1 Caderno Alternativo

Considerado o primeiro caderno diário dedicado à cultura do Maranhão, o ‘Alternativo’ surge na década de 1980 com o nome de ‘Caderno A’. Segundo Figueiredo (2009), o impresso foi fruto de uma arrojada reforma editorial no jornal *O Estado*, que fez com que a cultura, o entretenimento e a crônica de costumes ganhassem espaço fixo no veículo.

Hoje, o caderno circula de terça-feira a domingo, em formato *standard*, com uma média de 6 a 8 páginas diárias e em impressão colorida. A equipe fixa do caderno é composta por uma editora, dois repórteres, um estagiário e um diagramador. Além destes, colaboram no caderno ‘Alternativo’ dois colunistas e um cronista.

As matérias jornalísticas, representadas em sua maioria por notícias, entrevistas diretas e notas breves, basicamente concentram-se na primeira e última página do caderno durante a semana, sendo que na edição de sábado/domingo é possível encontrar mais notícias espalhadas pelo impresso.

O ‘Alternativo’ ainda dedica diariamente meia página *standard* ao roteiro cultural e ao cartaz de cinema da semana. A seção de roteiro, intitulada de ‘Agenda’, é composta por informações de peças de teatro, *shows*, exposições, cursos, festas, palestras, além das atividades dos grupos de Bumba Boi de São Luís. O cartaz de cinema, por sua vez, oferece aos leitores a programação de todos os cinemas de São Luís e de Imperatriz.

É oportuno mencionar que a página do roteiro/agenda geralmente é dividida com modalidades de entretenimento, como horóscopo, palavras cruzadas, piada/tirinhas e caça-palavras. Dentre estas modalidades, as “previsões” (do zodíaco) é a única publicada no dia em que não circula o caderno, ou seja, às segundas-feiras.

Nas páginas do ‘Alternativo’ é possível visualizar as colunas sociais de Pergentino Holanda (‘PH’) e de Nedilson Machado (‘Em Cena’). A primeira é considerada uma das mais tradicionais escritas no Maranhão e circula de terça-feira a sábado, ocupando quase uma página inteira *standard*. Já a segunda é veiculada de terça-feira a domingo, em meia página. Ambos os espaços caracterizam-se pela presença de imagens e notas/comentários das festas de casamentos, aniversários, confraternizações em circuito familiar, viagens dos chamados “colunáveis” e outros eventos particulares. Também aparecem nestas colunas comentários de cunho político, dicas de saúde, agenda de lazer e cotidiano das celebridades.

Figura 4 - Capa e contracapa do caderno „Alternativo“



Fonte: Jornal O Estado do Maranhão (2016)

Outra marca da estrutura editorial do caderno de cultura de *O Estado* é a programação televisiva representada pela página ‘Controle Remoto’. O espaço circula de segunda-feira a domingo e dedica-se à publicação da grade televisiva do dia dos canais da TV aberta, informações sobre programas, séries, filmes atores e resumo das novelas.

Vale lembrar que o ‘Alternativo’ mantém em sua edição de sábado/domingo a coluna ‘Roda Viva’, assinada por Benedito Buzar. A publicação é a única do caderno que apresenta

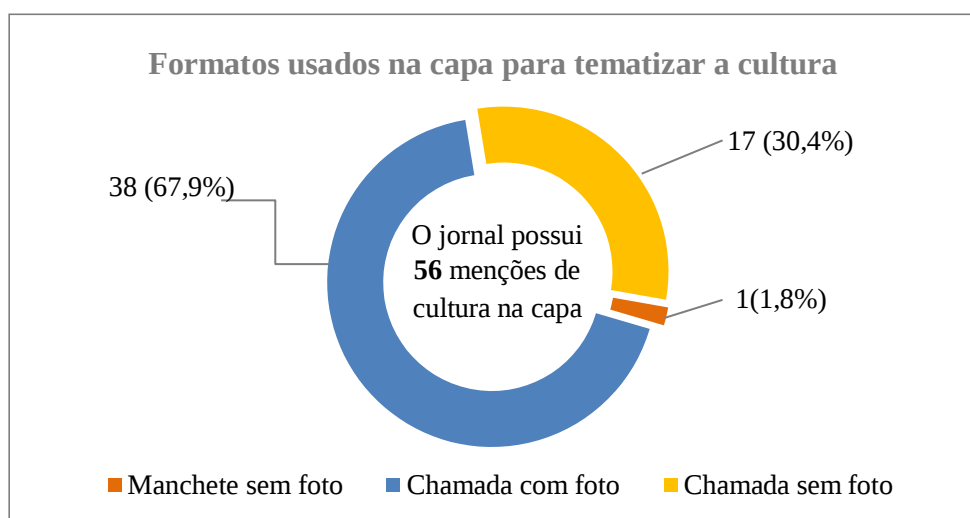
um caráter interpretativo de fatos do cotidiano do Maranhão em formato de crônicas e comentários.

4.1.2 A “agenda” como referência da produção cultural

O levantamento quantitativo realizado nas 53 edições do jornal *O Estado do Maranhão* indica a presença de 56 entradas de cultura na capa do impresso, sendo 31 (55,4%) em março e 25 (44,6%) em abril de 2016. Essas informações mostram que o setor aparece mais de uma vez em uma mesma edição da capa. Geralmente isso ocorre na edição de sábado e domingo quando se publica os suplementos (ANEXO A).

O gráfico a seguir mostra que os formatos usados pelo *O Estado* para apresentar a cultura na capa foram: manchete sem foto (1); chamada com foto (38) e chamada sem foto (17). Nota-se que o diário privilegia, na maioria dos casos, um formato com visibilidade – chamada com foto – para tratar das notícias do campo cultural.

Gráfico 2 – Formatos encontrados na capa do jornal *O Estado*



Fonte: A autora (2017)

Quanto à tematização da cultura na capa, nota-se que a frequência de música (10) e televisão (10) é a maior na primeira página do diário. Em seguida, encontram-se ocorrências de teatro/dança (8); cinema (6); moda/comportamento (6); outro (6); literatura (5); patrimônio natural/turismo (2); patrimônio cultural (1); políticas culturais (1) e artes visuais (1).

Os assuntos relacionados à música, em sua maioria, tratam de shows e festas nas casas noturnas da capital maranhense. Cita-se como exemplo a chamada “Luan e Forró Estilizado apresenta-se hoje em São Luís” (edição de 20/04/2016). Além desses, é possível visualizar na capa do impresso destaques para entrevistas com músicos e lançamentos de CDs.

As ocorrências sobre televisão referem-se, majoritariamente, às telenovelas, como mostra o caso "Velho Chico estreia amanhã com Rodrigo Santoro" (edição de 12 e 13/03/2016). As chamadas são encontradas na edição do fim de semana quando circula o suplemento televisivo do impresso. Os casos da categoria “outro” correspondem, em boa parte, a ocorrências direcionadas para o suplemento de colunismo social ‘PH Revista’. Dois exemplos desse caso são: “Maria Eduarda Guimarães, debut em grande estilo” (edição de 26 e 27/03/2016) e “Belo casamento de Camila e Márcio Sekeff” (edição de 23 e 24/04/2016).

Além das informações presentes na capa, existem 333 matérias sobre cultura publicadas nas páginas internas de *O Estado*. Deste número, 176 (52,9%) estão veiculadas em março e 157 (47,1%) no mês de abril. E as editorias que abrem espaço para o campo cultural são: ‘Alternativo’ (262), ‘Vida’ (32), ‘Opinião’ (13), ‘Cidades’ (12), ‘Geral’ (4), ‘Política’ (4), ‘Dom’ (3) e ‘Economia’ (3), segundo revela o gráfico 3.

Gráfico 3 – Distribuição das matérias de cultura por editoria no jornal *O Estado*



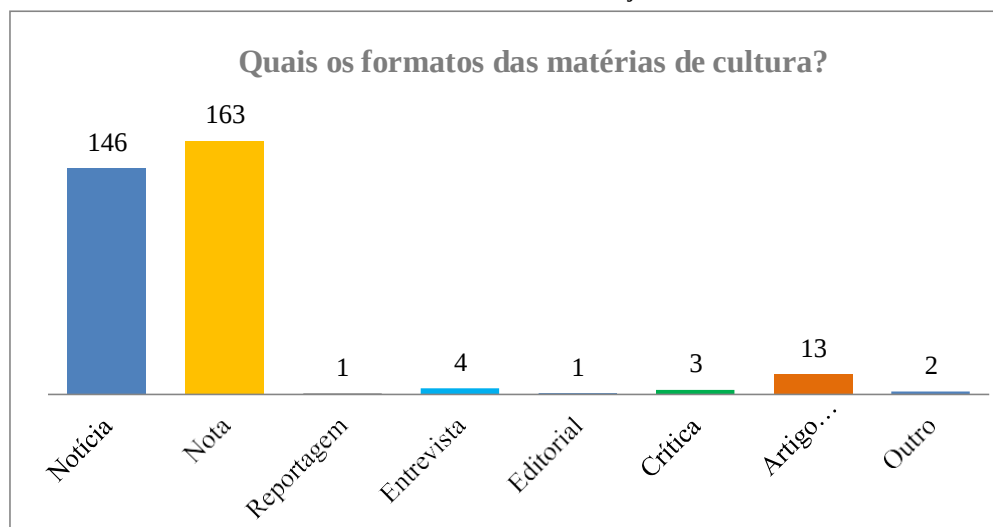
Fonte: A autora (2017)

Pelo detalhamento expresso gráfico, percebe-se que o campo cultural é operado por várias editorias do diário. No entanto, o caderno ‘Alternativo’, por ser o espaço dedicado ao setor no diário, concentra o maior número de matérias mapeadas no levantamento.

Quanto ao gênero das matérias de cultura, o informativo apresenta 314 (94,3%) ocorrências e o opinativo 19 (5,7%). Dos formatos registrados, a nota tem a maior frequência, com 163 ocorrências; seguido pela notícia, com 146. Também há a presença de 13 artigos assinados; quatro entrevistas, três críticas, dois outros, uma reportagem e um editorial. Os

casos “outros” são crônicas de escritores maranhenses publicadas nas edições do final de semana do impresso.

Gráfico 4 – Formato das matérias do jornal *O Estado*



Fonte: A autora (2017)

As notas e notícias presentes no caderno apresentam uma estrutura discursiva de “agenda”, ou seja, não há uma produção interpretativa dos assuntos, apenas divulgação de eventos que irão acontecer. A editora do caderno de cultura do *Estado*, Bruna Castelo Branco²³ (2016), explica que “o Alternativo é um caderno de agenda com matérias especiais aos finais de semana. Mas durante a semana a gente não pode fugir do agendão”.

Outro fator que contribui para essa configuração das matérias, apontado pela editora, é o próprio espaço do caderno de cultura. “O Alternativo tem muito anúncio, principalmente as quintas e sextas-feiras. Então basicamente eu fico com a capa e página 6 para colocar as matérias” (BRANCO, 2016)²⁴.

Ao mesmo tempo, chama atenção na amostragem a baixa frequência de críticas no jornal *O Estado*, por se tratar de um formato “clássico” na produção jornalística cultural. Conforme Branco (2016), a frequência das críticas está relacionada aos dias da semana em que elas circulam no caderno.

Basicamente as críticas e matérias especiais saem aos finais de semana, que é o tempo que o povo tem mais para lê comentário, crítica, análise, etc. E durante a semana é pauta mesmo! Você tem que pautar com o que as pessoas podem fazer (BRANCO, 2016)²⁵.

²³ Entrevista concedida à autora em 08 de agosto de 2016.

²⁴ Id, 2016.

²⁵ Id, 2016.

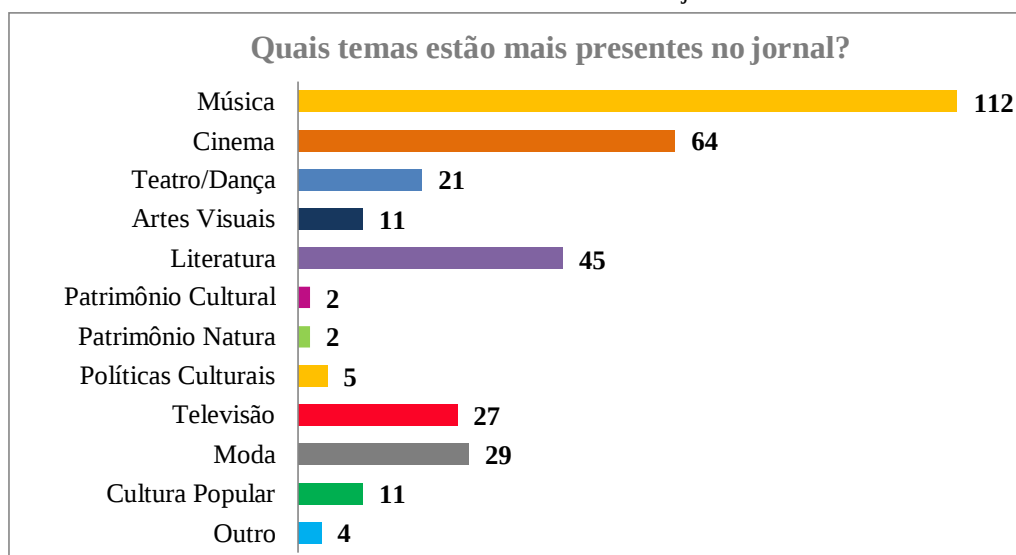
A editora salienta que o impresso não possui a figura de um crítico, mas que ela chega a fazer algumas análises de produtos culturais, sendo que as críticas de produções locais ou maranhenses são produzidas por articulistas externos à redação do caderno gratuitamente e de forma esporádica.

Por outro lado, nota-se que a configuração atual das redações impacta diretamente na produção jornalística da cultura. O número reduzido de profissionais do caderno Alternativo – dois repórteres e uma editora – somado à integração da equipe, deixa inviável a elaboração de matérias com ênfase interpretativa.

Não dá para a gente deixar um repórter a semana inteira fazendo uma matéria especial, como era antigamente, pois nossa equipe hoje é bastante pequena, e ainda temos que fazer material para o site. (BRANCO, 2016)²⁶

Os dados da pesquisa ainda revelam que as ocorrências de música (112), cinema (64), literatura (45), moda/comportamento (28) e televisão (28), nessa ordem, são as mais encontradas no impresso. Em seguida, vêm teatro/dança (21), tradições/cultural popular (11), artes visuais (11), políticas culturais (5), outro (4), patrimônio cultural (2) e patrimônio natural/turismo (2).

Gráfico 5 – Temas das matérias de cultura do jornal *O Estado*



Fonte: A autora (2017)

Na avaliação de Bruna Castelo Branco (2016), a frequência dos temas música e cinema, especialmente, é atribuída à própria força de consumo, expressão e mercado da capital maranhense.

²⁶ Entrevista concedida à autora em 08 de agosto de 2016.

São segmentos que acabam se destacando e movimentando mais a cena cultural da cidade. Música, por exemplo, está passando por um momento de bastante efervescência com as bandas locais. O cinema também está se articulando bastante com essa nova geração, muito mais até que literatura, que hoje passa por um surgimento tímido de novos escritores. Geralmente, quem lança livro em São Luís são os veteranos, e eles não lançam toda semana. Então acaba que literatura tem uma entressafra maior, em relação a cinema e música (BRANCO, 2016)²⁷.

Associado a este fator, a jornalista ressalta que a preferência de assuntos é também determinada pelo perfil dos leitores do caderno. “O público do Alternativo se interessa muito por cinema, música e literatura, basicamente esses três temas. E é um público mais elitizado” (BRANCO, 2016)²⁸.

O cruzamento entre editoria e tema informa que o ‘Alternativo’ privilegia em suas páginas as “sete artes”, visto que foram localizadas 110 matérias de música, 57 de cinema, 29 de literatura, 20 de teatro/dança e 9 de artes visuais. Sobre essa realidade, Branco (2016) afirma tratar-se do perfil editorial ainda seguido pela publicação.

A gente ainda não juntou no caderno as outras áreas de expressão. Moda e gastronomia, por exemplo, são publicadas em „Vida“. Mas acredito ser um processo de adaptação tanto para gente, como para o leitor, porque ainda tem uma discussão muito grande do que é ou não cultura, e as pessoas não iam entender muito bem se colocássemos conteúdo de outros segmentos aos quais elas não estão acostumadas (BRANCO, 2016)²⁹.

No período da pesquisa, o caderno registra 24 textos de televisão e apenas 8 de tradições/cultura popular, o que indica que o universo televisivo possui uma importância temática bem maior que os assuntos de caráter regional. Também foram mapeados 1 texto sobre políticas culturais e patrimônio cultural, respectivamente, além de 2 casos da categoria outro.

Para Branco (2016)³⁰, a pouca visibilidade das manifestações populares no período da pesquisa está associada aos critérios de noticiabilidade que norteiam a tematização do caderno. “Nesse período, os grupos de tambor de crioula, embora eles ensaiem, não fazem nenhum grande evento que tenha programação, que tenha público”. Por sua vez, a jornalista esclarece que a cultura popular passa a ser mais recorrente nas páginas do caderno a partir do mês de maio, próximo ao período junino.

Ao segmentar os níveis de alcance das matérias culturais, o resultado demonstra que a cobertura local, com 145 inserções, representa 43,5% de todos os textos publicados no período da investigação. Em segundo lugar fica a categoria nacional, com 100 (30%); seguida

²⁷ Entrevista concedida à autora em 08 de agosto de 2016.

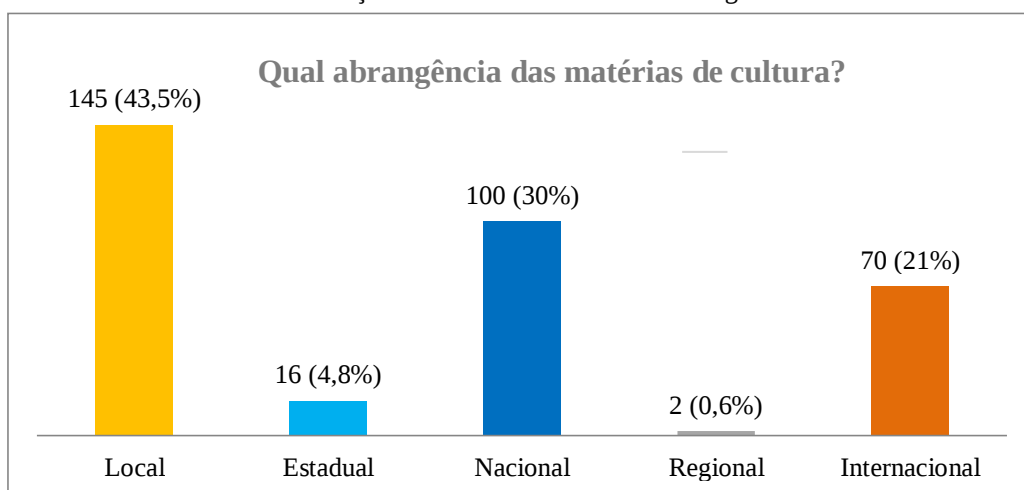
²⁸ Id, 2016.

²⁹ Id, 2016.

³⁰ Id, 2016.

pela internacional, com 70 (21%); a estadual, com 16 (4,8%), e a regional, com dois (0,6%). Isso significa que, mesmo *O Estado* se propondo a fazer uma cobertura para todo o Maranhão, sua produção estadual, pelo menos a nível cultural, tem pouca expressividade. Da mesma forma, os dados apresentados demonstram que as ocorrências nacionais e internacionais superam a estadual e regional devido ao envio de material de cultura pelas assessorias e agências.

Gráfico 6 – Distribuição das matérias conforme a abrangência do conteúdo



Fonte: A autora (2017)

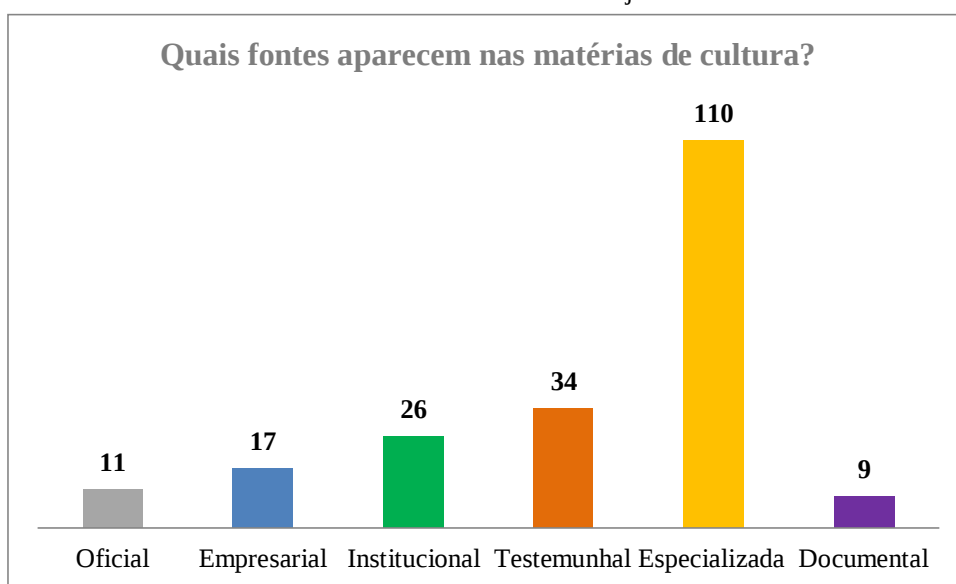
Segundo a editora do caderno de cultura, a tematização da cena cultural limitada a São Luís ocorre devido à falta de equipe do caderno em outras localidades do estado. “Não tenho repórter nas outras cidades. Então acaba sendo mais complicado para eu ter esse tipo de informação” (BRANCO, 2016)³¹.

Das matérias investigadas, observa-se ainda que há uma ausência nominal de fontes em 204 textos (equivalente a 61,3%). As informações são reproduzidas, especialmente, em forma de notas com informações breves sobre o fato.

Por outro lado, foram encontrados 129 textos (equivalente a 38,7%) com presença de fontes, sendo que a maioria era especializada (110), ou seja, os artistas (cantores, atores, escritores, cineastas, artistas plásticos, etc.) são os principais personagens ouvidos, observados ou motivo da matéria.

Há ainda casos com fontes institucional (26), oficial (11), empresarial (17), testemunhal (34) e documental (9), como mostra o gráfico 7. E geralmente, os textos apresentam uma média de dois personagens, o que evidencia a falta de pluralidade no olhar jornalístico na produção cultural.

³¹ Entrevista concedida à autora em 08 de agosto de 2016.

Gráfico 7 – Fontes citadas nos textos do jornal *O Estado*

Fonte: A autora (2017)

A lógica de agenda, de acordo com Branco (2016)³², é um dos fatores que contribui para que as fontes noticiosas da produção jornalística cultural girem em torno dos artistas. “Não dá para colocar o público nas nossas matérias porque elas são feitas antes de acontecer. O máximo que daria para colocar seriam, em alguns casos, depoimentos de especialistas”.

Importante ponderar que o caderno ‘Alternativo’ não realiza coberturas de eventos, pois o período de fechamento da publicação é cedo, por volta das 13h. Quando há coberturas, elas são publicadas na editoria geral.

O material de cultura publicado em *O Estado* caracteriza-se por um visual dinâmico, colorido e vibrante, com o uso de fotos recortadas e outras possibilidades de diagramação. A maior parte dos textos (249) presente no diário utiliza-se de algum recurso para chamar a atenção dos leitores, sendo a fotografia (246 ocorrências) e a ilustração (5 ocorrências) os tipos recorrentes. No entanto, há casos (84 ocorrências) em que o diário não emprega nenhum recurso visual nos conteúdos de cultura.

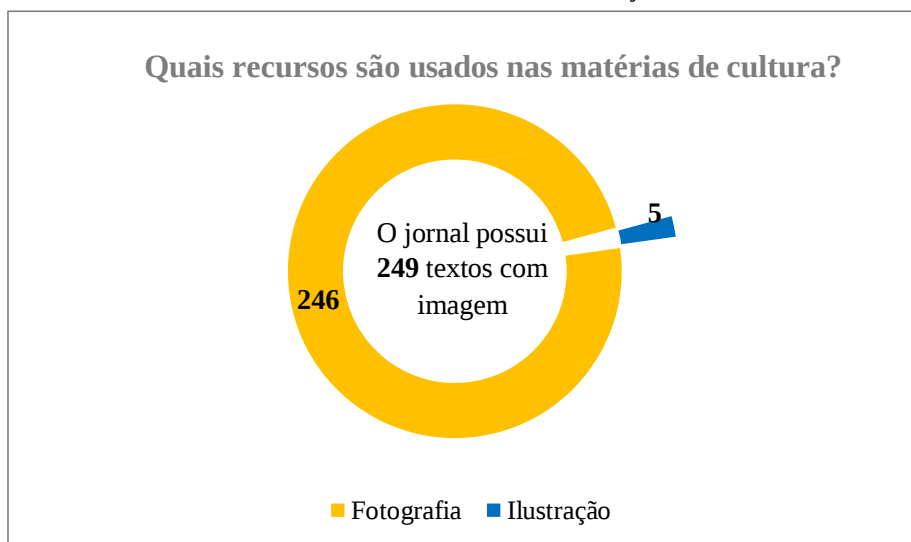
Convém destacar que em alguns textos são empregados dois recursos visuais diferentes, o que explica a quantidade das ocorrências de fotografia superar o número total de matérias com imagem.

Os textos que abusam das fotos são aqueles que estampam a capa do caderno ‘Alternativo’. Nesta página é possível visualizar mais de uma fotografia, imagens que tomam

³²Entrevista concedida à autora em 08 de agosto de 2016.

toda a página ou até mesmo modelos privilegiados de montagem com expressivo trabalho de edição de arte.

Gráfico 8 - Recursos visuais das matérias do jornal *O Estado*



Fonte: A autora (2017)

4.2 O Imparcial

Fundado em 1926 por José Pires Ferreira, o jornal *O Imparcial* apresenta uma nova forma de fazer jornalismo para a época, caracterizada pela “imparcialidade” na apuração das informações. Segundo Souza et al (2006, p. 06), o jornal “não pretendia defender posições ideológicas de determinados grupos políticos ou empresariais, separava notícia de opinião”.

Em 1944, *O Imparcial* é adquirido por Assis Chateaubriand e passa a integrar o Grupo dos Diários Associados³³, vinculação que permanece até hoje. Além deste impresso, o grupo possui no Maranhão o *Aqui-MA* (periódico de cunho mais popular), o portal de notícias *O Imparcial* e a *TV Imparcial*, presente no site, Youtube e redes sociais do veículo.

Distribuído em 82 municípios do Maranhão, *O Imparcial* adota o formato *standard*, com uma média de 12 a 20 páginas de segunda-feira a sábado e 50 aos domingos. O jornal circula com uma média de 8 mil unidades na semana e 11 mil aos domingos e possui oito editorias (‘Política’, ‘Opinião’, ‘Geral’, ‘Negócios’, ‘Urbano’, ‘Polícia’, ‘Super Esportes’, ‘Impar’) distribuídas em dois cadernos, duas colunas (‘Pdv’ e ‘Giro’), três suplementos (‘Elite’, ‘TV+’, ‘Tudo’) e um caderno de classificados (‘Classificados Tem’).

³³ O grupo é constituído de 50 veículos de comunicação entre jornais, emissoras de televisão, revista, rádios e portais na internet presentes em diversos estados do país. Informação obtida do site <http://www.diariosassociados.com.br>.

O primeiro caderno do periódico reúne as editorias de ‘Política’, ‘Opinião’, ‘Negócios’ e a coluna ‘Giro’. A primeira aborda assuntos ligados ao cenário político nacional, estadual e local; a segunda traz o editorial, charges, notas de caráter histórico mais a opinião dos leitores expressos nas redes sociais, e a terceira publica notícias sobre a economia do país e do estado, além de oferecer ao leitor uma coluna de concursos. Já a coluna ‘Giro’ publica notas sobre economia, política e mercado consumidor.

No segundo caderno, o jornal conta com as editorias ‘Urbano’, responsável pela cobertura de assuntos do cotidiano de São Luís; ‘Polícia’, que reúne informações dos crimes ocorridos na capital e em outros municípios do estado; ‘Super Esportes’, publica notícias de competições, clubes e eventos em diversas modalidades esportivas; e o ‘Impar’, destinado a cobrir assuntos da cena cultural da ilha.

Figura 5 – Páginas do „Impar“



Fonte: O Imparcial (2016)

O ‘Impar’ surge no início da década de 1990 como um caderno, mas hoje o espaço resume-se a duas páginas, podendo chegar a três, com matérias jornalísticas, roteiro cultural, resumo das telenovelas e variedades. A equipe da publicação é formada basicamente por um editor, pois não há repórteres exclusivos para a cobertura de cultura.

As matérias são representadas por notícias e notas presentes na primeira página e na coluna Ponto de Vista – (‘Pdv’). A seção de roteiro, resumo das telenovelas e variedades ocupam a mesma página, sendo que o primeiro publica a agenda de shows, festas, teatro, exposições e eventos diversos de São Luís, juntamente com o cartaz dos cinemas. A lógica das variedades é reproduzida pelo horóscopo e as palavras cruzadas.

Referente à cultura suplementar, *O Imparcial* publica aos domingos três suplementos. O ‘Elite’ é impresso em formato *standard* com 8 páginas coloridas dedicadas a eventos sociais da sociedade ludovicense - festas de aniversário, casamento, inaugurações de lojas, desfiles, perfis de personalidades importantes de São Luís, etc. O ‘TV+’ circula em forma de tabloide com 8 páginas coloridas que publicam notícias de programas, filmes e séries, resumo das telenovelas, perfis ou entrevistas de celebridades, e assim por diante. Também em formato tabloide, o ‘Tudo!’ é o maior dos suplementos do jornal, com 16 páginas. Ele trata basicamente de assuntos relacionados à gastronomia, beleza, moda e comportamento.

Figura 6 – Suplementos do jornal *O Imparcial*

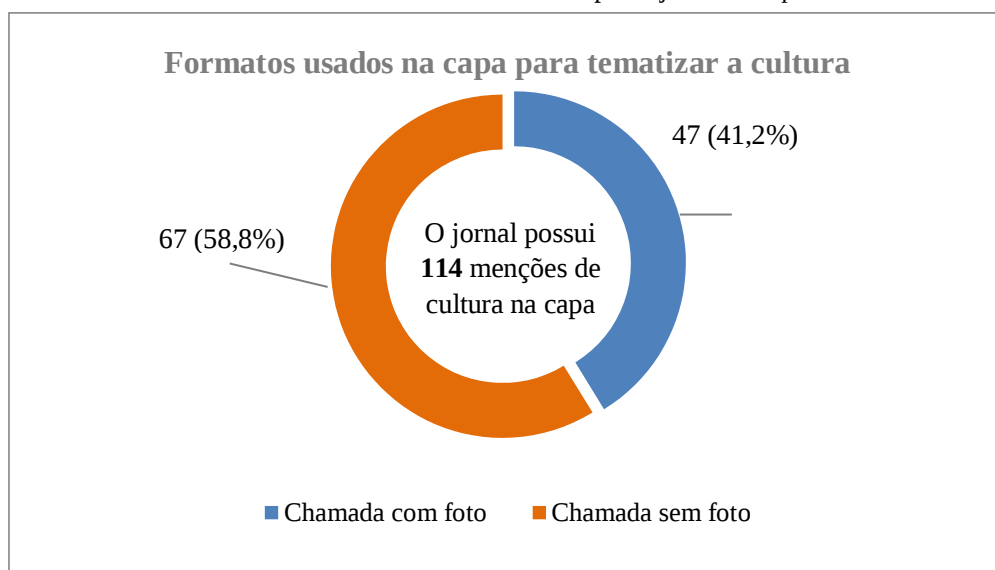


Fonte: Jornal O Imparcial (2016)

4.2.1 A cultura como sinônimo dos setores da elite

O jornal *O Imparcial*, ao longo das 61 edições consultadas neste estudo, tematiza 114 vezes a cultura na capa. São 44 (38,6%) chamadas no mês de março e 70 (61,4%) em abril de 2016. A explicação para esses dados é que o jornal publica todos os dias da semana ao menos um destaque de cultura na capa, chegando a quatro aos domingos, devido à circulação de seus três suplementos (ANEXO A). Dessa forma, nota-se que a cultura possui uma alta visibilidade na primeira página do diário.

Em seguida, os números revelam a presença apenas de dois formatos empregados pelo *O Imparcial* para pautar a cultura na capa. O primeiro é a chamada sem foto, com 67 casos (equivalente a 58,8%) e o segundo é a chamada com foto, utilizada em 47 ocorrências (equivalente a 41,2%). A partir deste índice é possível inferir que a presença da cultura na primeira página não é muito atrativa, pois não apresenta acompanhamento de fotos na maioria dos casos.

Gráfico 9 – Formatos encontrados na capa do jornal *O Imparcial*

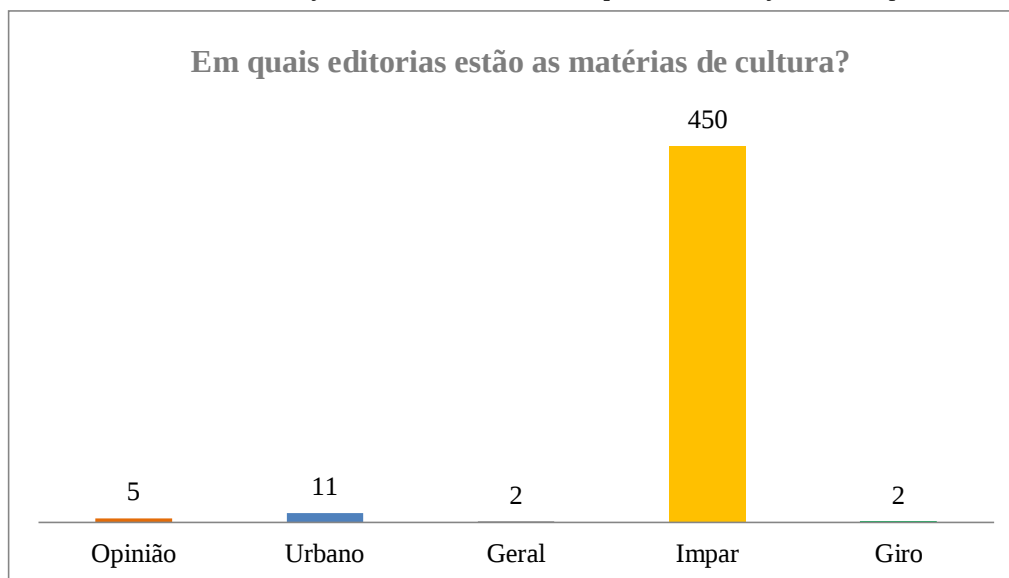
Fonte: A autora (2017)

Além destas informações, verifica-se os temas culturais priorizados na capa do diário. O levantamento mostra que música, com 36 ocorrências, é hoje o assunto preferido pelo *O Imparcial*. Logo depois vem o cinema (16), teatro/dança (13), televisão (12), literatura (9), moda/comportamento (8), gastronomia (5), outro (5), patrimônio cultural (2), patrimônio natural/turismo (2), tradições/cultura popular (2).

Os temas classificados na investigação como “outro” dizem respeito às chamadas para o caderno ‘Elite’ e matérias específicas de datas comemorativas ou de cunho político. “Elas são artistas” (edição de 08/03/2016) e “Artistas contra o impeachment” (edição de 31/03/2016) são os casos de chamadas identificadas como “outro”.

Com relação às matérias de capa sobre música, elas estão ancoradas na agenda de eventos da capital. Cita-se como exemplo: “Música alternativa no Baile do Pierrot” (edição de 03/03/2016) e “Cantora Anitta agita feriado de Tiradentes em São Luís” (edição de 21/04/2016). Já as pautas de cinema são mais direcionadas ao mercado, como é o caso de “Comercial do filme Capitão América - Guerra Civil” (edição de 27/04/2016).

Nas páginas internas do *Imparcial* existem 470 textos de cultura no período estudado, sendo 178 (37,9%) casos em março e 292 (62,1%) em abril de 2016. A maioria das ocorrências (450) está localizada no caderno ‘Ímpar’ – espaço dedicado à cultura no impresso. No entanto, registra-se a presença de conteúdo cultural na editoria Urbano (11), Opinião (6), Geral (2) e Giro (2), conforme evidencia o gráfico abaixo.

Gráfico 10 – Distribuição das matérias de cultura por editoria no jornal *O Imparcial*

Fonte: A autora (2017)

A produção jornalística cultural do *Imparcial* é caracterizada pelo predomínio de textos informativos (463 ocorrências), sendo que as notas representam 76% desse gênero, com uma frequência de 357 casos reunidos, sobretudo, na coluna ponto de vista (Pdv). Os textos de cunho opinativo registram somente sete casos representados por duas críticas, quatro opiniões dos leitores e um artigo assinado.

O caráter de divulgação de eventos é a marca de praticamente todos os textos informativos (notícias e notas) de cultura veiculadas no *Imparcial*. Uma ocorrência ilustrativa é a matéria “Banda Xé Pop, Solteirões e Márcia Fellipe em Barreirinhas” (edição de 25/03/2016) que anuncia uma programação especial de Semana Santa na cidade de Barreirinhas.

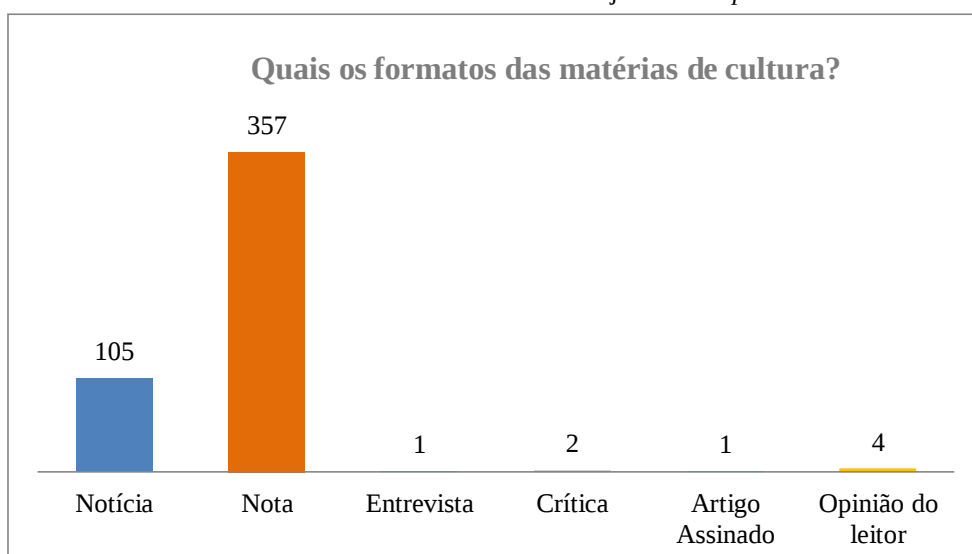
Associada a esta característica, a ausência de textos maiores (reportagens), com desdobramentos e pluralidade de fontes, além da quase inexistência de críticas culturais - seja de espetáculos musicais, filmes em cartaz, peças de teatro, dança, entre outros – demonstram outras especificidades da produção jornalística cultural do *Imparcial*. Para o editor do caderno ‘Impar’, Samartony Martins, as novas lógicas de produção dos jornais e o número reduzido de profissionais dificultam a escrita desse tipo de formato.

A gente já fez muito isso. Mas hoje as redações se enxugaram e o número de jornalistas trabalhando diminuiu muito, o que fez com que esse lado crítico e reflexivo em cima da cena cultural ficasse de lado. Aqui no jornal eu tenho uma outra função no jornal, além de ser o cara que escreve, eu tenho que editar cinco páginas: uma de ‘Impar’, três de ‘Vida’ e uma de ‘Opinião’, e eu ainda faço uma coluna chamada ‘Giro’, que é voltada para o empresariado. Então fica meio

complicado de ter esse tempo hábil para fazer crítica. A gente faz quando se tem tempo, quando não se tem, fica mesmo sem (MARTINS, 2016)³⁴.

O jornalista acrescenta que o tempo diário de fechamento determinado pelo veículo e o setor comercial contribuem para a adoção de formatos menores na editoria de cultura. “Infelizmente a gente concorre hoje até com o comercial! Se o comercial chega e coloca meia página de jornal, você vai ter que escrever em meia página de jornal” (MARTINS, 2016)³⁵.

Gráfico 11 - Formatos das matérias do jornal *O Imparcial*



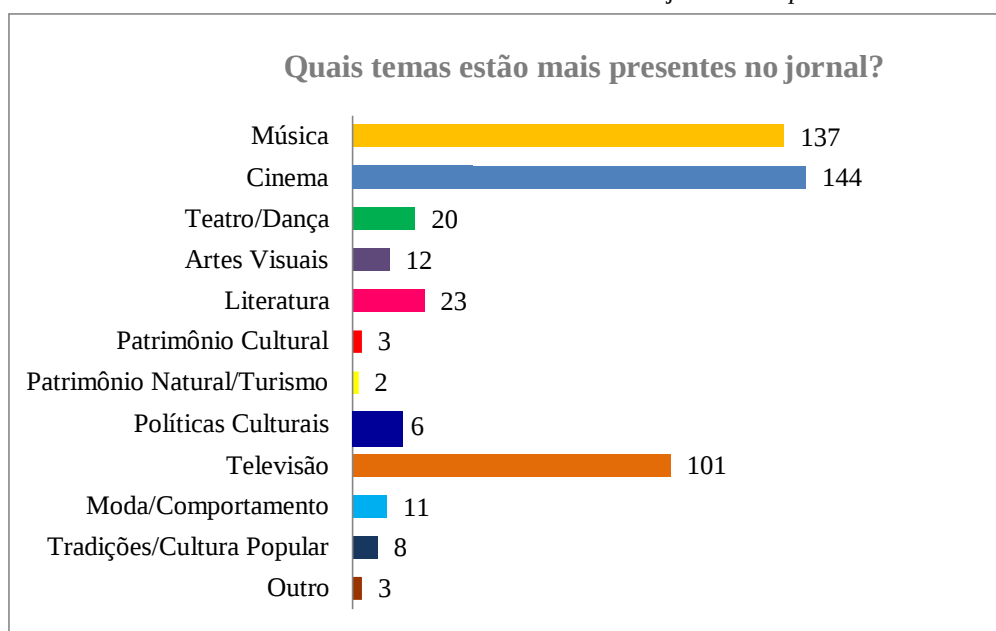
Fonte: A autora (2017)

Na leitura do material interno, constata-se que cinema assume a primeira posição como área preferida pelo diário, 144 inserções no total. Em segundo lugar aparece a música, com 137 ocorrências; seguida por televisão (101), literatura (23), teatro/dança (20), artes visuais (12), moda/comportamento (11), tradições/cultural popular (8), políticas culturais (6), patrimônio cultural (3), outro (3) e patrimônio natural/turismo (2).

O cinema tematizado pelo impresso, na maioria dos casos, refere-se às produções hollywoodianas, como “Capitão América: Guerra Civil ganha novos vídeos legendados” (em edição de 17/04/2016). A cena cinematográfica local ou do Maranhão só vira pauta quando acoplada a festivais, como Festival Guarnicê de Cinema, ou outros eventos do segmento. Nas matérias de música, também se registra um fenômeno similar referente à divulgação de eventos. A tematização desta área gira em torno de shows, festas, festivais, projetos, lançamentos de CDs e DVDs e assim por diante.

³⁴ Entrevista concedida à autora em 08 de agosto de 2016.

³⁵ Id, 2016.

Gráfico 12 – Temas das matérias de cultura do jornal *O Imparcial*

Fonte: A autora (2017)

Segundo Martins (2016), a tematização encontrada pelo levantamento quantitativo representa o espelhamento do próprio cenário cultural de São Luís, marcado por shows, festas, apresentações musicais, festivais de cinema, exposições, lançamentos de obras, etc.

O que move a editoria é o movimento da cidade, por exemplo, durante a semana de teatro, se fala muito de teatro. Durante a semana de dança, se fala muito de dança, e assim sucessivamente. Mas fora desse calendário, o que move a cena cultural de São Luís é a música e o cinema. A música, porque nos últimos anos o número de bandas aumentou bastante, novos talentos foram descobertos, fora que houve um crescimento de assessorias de comunicação das casas que promovem os shows e festas. E o cinema ganha espaço devidos aos lançamentos semanais, e à divulgação que fazemos das atividades do cine Praia Grande - o cinema alternativo da capital (MARTINS, 2016)³⁶.

O cruzamento entre a categoria editoria e tema indica que o ‘Impar’ pauta em suas páginas, principalmente, música (136), cinema (143), televisão (100), teatro/dança (19), literatura (18), artes visuais (11), moda/comportamento (10), tradições/cultura popular (6), políticas culturais (4) e outro (3).

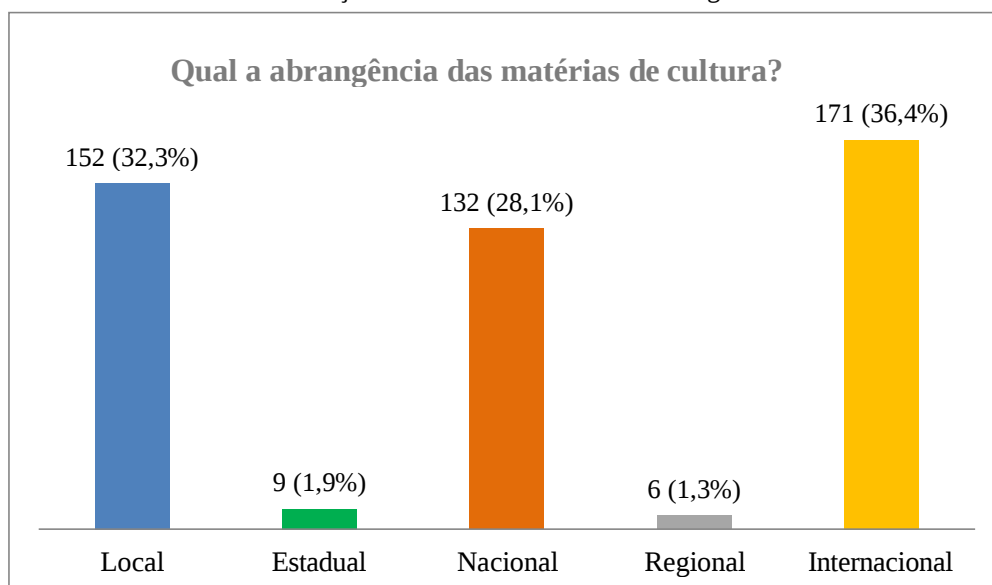
Com base nessas informações é possível entender que, juntamente com as artes tradicionais, há a incorporação da lógica de variedades na produção jornalística voltada para a cultura. De acordo com o superintendente de produção e conteúdo do *Imparcial*, Célio Sérgio Serra Ferreira, isso acontece em virtude do padrão “elitista” adotado pelos cadernos de cultura do país.

³⁶ Entrevista concedida à autora em 08 de agosto de 2016.

Nós estamos em um estado rico em cultura popular, porém os nossos cadernos de cultura ainda assumem um perfil muito elitista, pois são escritos para uma classe intelectual e social mais elevada. Isso é um paradigma que precisa ser quebrado, mas que ainda não conseguimos quebrar, porque ficamos naquele impasse de ter de desagradar à classe intelectual, que é um público relevante para o veículo. (FERREIRA, 2016)³⁷

Quanto à abrangência das matérias de cultura, o estudo encontra um alto percentual de conteúdo internacional – 171 ocorrências (equivalente a 36,4%). Em seguida, a produção local registra 152 ocorrências (equivalente a 32,3%); a nacional possui 132 (equivalente a 28,1%); a estadual publica nove (equivalente a 1,9%) e a regional é responsável por seis casos (equivalente a 1,3%), como mostra o gráfico 13.

Gráfico 13 – Distribuição das matérias conforme a abrangência do conteúdo



Fonte: A autora (2017)

A presença de matérias culturais de outros locais do Maranhão no jornal *Imparcial* é determinada, conforme Martins (2016)³⁸, pela chegada de conteúdo na redação. “Não chega material do interior, por isso quase não se publica nada. A informação cultural de outras cidades parte muito de lá para cá, e não daqui para lá, pois nós não temos estrutura para dar conta dessas outras realidades”.

Sobre o uso de fontes nas matérias de cultura do *Imparcial*, verifica-se que 66,8% dos textos não possuem fontes nominais, enquanto que 33,2% citam fontes. Desta forma, esse

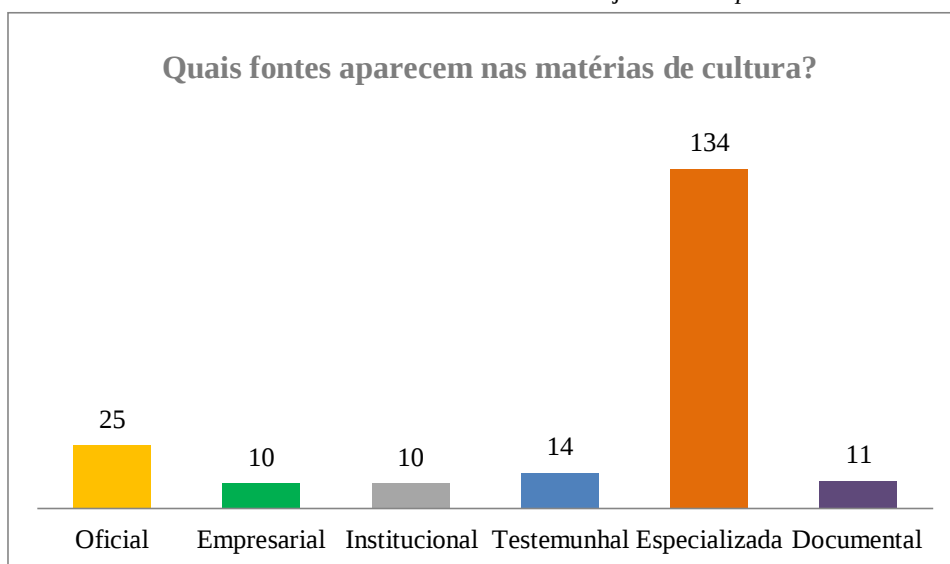
³⁷ Entrevista concedida à autora em 09 de fevereiro de 2016.

³⁸ Entrevista concedida à autora em 08 de agosto de 2016.

primeiro dado indica que há uma tendência do veículo em produzir textos sem citação de fontes, baseados, provavelmente, em releases.

Dos textos que citam fontes, o maior percentual é representado pelas especializadas (134 presenças), ou seja, os cantores, atores, escritores, ou outros artistas, são, na maioria dos casos, a única fonte citada na matéria. Como, por exemplo, a matéria “Romantismo e paixão com Marília e Dorgival” (edição de 11/03/2016) possui apenas depoimento da cantora Marília Mendonça. Martins (2016)³⁹ conta que a preferência por fontes especializadas está diretamente associada ao perfil de divulgação seguido pela editoria.

Gráfico 14 – Fontes citadas nos textos do jornal *O Imparcial*



Fonte: A autora (2017)

Para além das especializadas, foram encontradas 25 fontes oficiais, 14 testemunhais, 11 documentais, 10 empresariais e 10 institucionais. As fontes oficiais são, geralmente, membros das secretarias de cultura estadual ou municipal, como é o caso do texto “Salão de Artes Visuais é aberto com premiação” (em edição de 02/04/2016), que traz o depoimento do secretário municipal de cultura de São Luís – Marlon Botão.

As fontes empresariais são representantes de casas noturnas ou de produtoras. Um depoimento desse tipo é do sócio da casa 098 Lounge Club, na matéria “Saxofonista George Israel na Welcome Party” (em edição de 11/03/2016). O trecho da fala desta fonte é: “Queremos oferecer novidades para as pessoas de todos os estilos musicais na oferta de festas”.

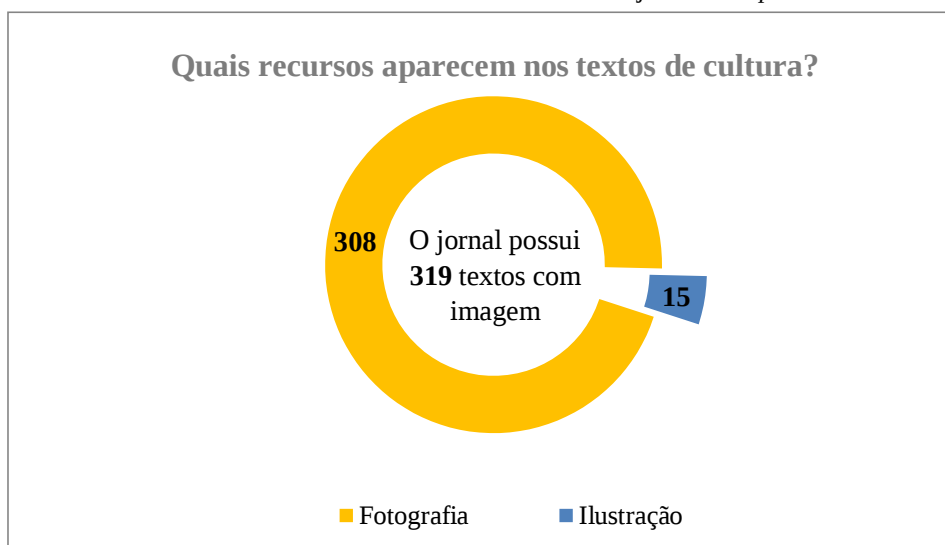
³⁹ Entrevista concedida à autora em 08 de agosto de 2016.

As fontes documentais são basicamente trechos de obras, quando se trata de lançamento de livros. As testemunhais são personagens que participam de algum evento ou ação. E, por fim, as institucionais são coordenadores de projetos culturais, representantes de grupos, etc.

O último aspecto observado no levantamento é a presença de recursos visuais nos textos de cultura. O resultado é que 67,9% (319) das matérias do *Imparcial* são acompanhadas por alguma imagem, e 32,1% (151) não são. Dos recursos usados nos textos, o mais comum é a fotografia, com 308 ocorrências; seguido pela ilustração, com 15 inserções.

Em alguns textos a fotografia aparece junto com a ilustração, por isso seu número é maior que o total de textos com recurso visual. Além disso, há que se mencionar que o uso de fotografias maiores, recortadas ou com outros elementos gráficos é mais usual nas matérias de capa do ‘Impar’.

Gráfico 15 - Recursos visuais das matérias do jornal *O Imparcial*



Fonte: A autora (2017)

4.3. Jornal Pequeno

O *Jornal Pequeno* é lançado em São Luís no dia 29 de maio de 1951 pelo jornalista Ribamar Bogéa. O impresso recebe este nome pelo seu tamanho original – 30 x 22cm. Naquele momento, ele surge na condição de único órgão da imprensa maranhense conceitualmente apartidário (ARAGÃO, GONÇALVES, 2013).

Mais tarde, o *Pequeno* cresce e assume o formato germânico (43 x 29,7cm), mantido até os dias atuais. O impresso ainda torna-se um dos diários mais populares do estado pelo destaque que dava ao noticiário policial e esportivo. No entanto, hoje ele é reconhecido por seu expressivo viés político.

O *Jornal Pequeno* caracteriza-se, inclusive, por sua produção na forma de colunas, tendo como referências a ‘Atos, fatos & Baratos’ e ‘Colunaço do Dr. Pêta’. A primeira circula de terça-feira a sábado, com a publicação de assuntos diversos, editorial, charge e comentários do “Twitter”. A segunda é publicada aos domingos e utiliza o anonimato para mostrar os bastidores da política no estado de uma forma humorada, além de fazer denúncias.

Fora estas, o periódico apresenta três colunas sociais – ‘Bom dia, Sociedade’, produzida por Orquídea Santos e veiculada às segundas-feiras; ‘Social Riba Um’, escrita por Ribamar Silva, com circulação às terças-feiras; e ‘Contexto’, publicada de terça-feira à domingo, com a assinatura de Kátia Persovisan. Em um rápido passeio por estas páginas foram encontradas notas e comentários cercados de imagens festivas, comemorações, aniversários, casamentos, homenagens e afins.

Também é válido mencionar que o jornal conta com uma coluna nacional dedicada à pauta televisiva. Intitulada de ‘Canal 1’ e assinada por Fávio Ricco, o espaço traz informações das telenovelas, bastidores e programas, especialmente dos canais da TV aberta.

O espaço diário dedicado à cultura no veículo é representado pela página ‘Conexão Pop’. Ela é produzida pelo jornalista Vinícius desde 2002 e traz matérias jornalísticas, poesias, cartaz dos filmes exibidos no Cine Praia Grande, fatos históricos do dia e agenda cultural de terça-feira a sábado.

Figura 7 – Página de cultura ‘Conexão Pop’



Fonte: Jornal Pequeno (2016)

Com relação às outras seções, o jornal possui 10 editorias ('Política', 'Economia', 'Geral', 'Opinião', 'Cidade', 'Estado', 'Esporte', 'Polícia', 'Nacional' e 'Conexão Pop'), dois suplementos ('Pequeno Suplemento' e 'JP Turismo') e duas páginas com veiculação às segundas-feiras ('Gospel' e 'Saúde'). A tiragem do veículo é de 5.600 mil exemplares até sábado e 7.800 mil aos domingos, e sua distribuição é feita em 38 municípios do Maranhão.

Os suplementos constituem-se outros locais de tematização do campo cultural no *Jornal Pequeno*. 'O Pequeno Suplemento' circula aos domingos com quatro páginas, sendo três delas voltadas para televisão e uma destinada ao colunismo social. O 'JP Turismo' é produzido há 21 anos por Gutemberg Bogéa e veiculado às sextas-feiras. Em 8 páginas, a publicação contempla belezas naturais, gastronomia, artesanato e tradições populares do Maranhão.

Figura 8 – Suplementos do JP



Fonte: Jornal Pequeno (2016)

4.3.1 A produção cultural como espaço informativo e de agenda

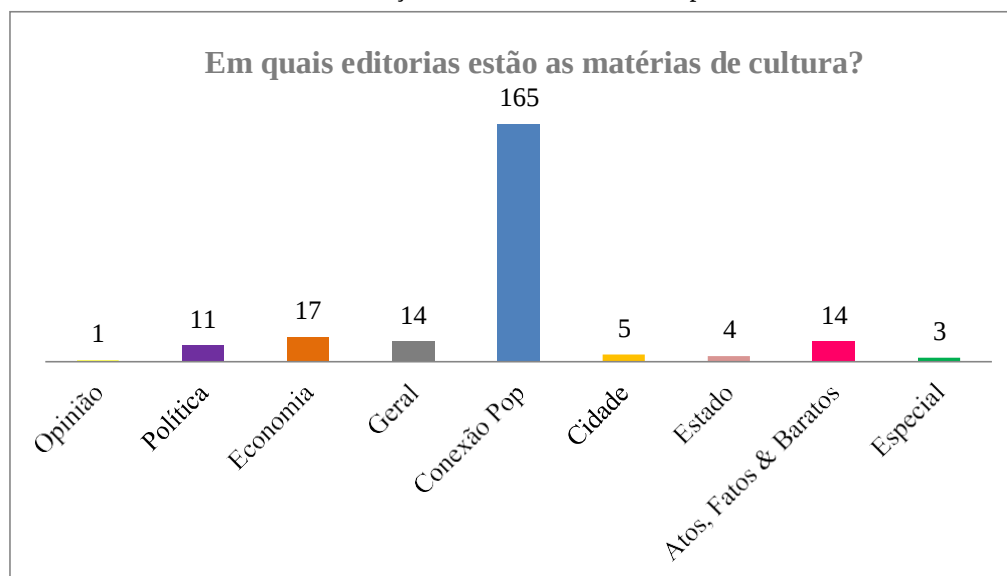
Os primeiros dados da pesquisa quantitativa do *Pequeno* revelam que a cultura não possui visibilidade na primeira página do impresso. Das 60 edições investigadas, não há nenhuma chamada de capa do cenário cultural de São Luís, ou até mesmo do Maranhão (ANEXO A).

De acordo com o editor da página de cultura do periódico, Vinícius Bogéa, o *Jornal Pequeno* não possui o hábito de publicar matérias culturais na capa, a não ser que se trate de

um grande evento. “A nossa prioridade mesmo é política e polícia. Somente no carnaval e São João é que a cultura é destaque de capa constante” (BOGÉA, 2016)⁴⁰.

Nas páginas internas do diário há 120 textos de cultura em março (equivalente a 51,3%) e 114 (equivalente a 48,7%) em abril de 2016, totalizando 234 textos. As ocorrências estão reunidas na editoria ‘Conexão Pop’ (165), em Economia (17), Atos, Fatos & Baratos (14), Geral (14), Política (11), Cidade (5), Estado (4), Especial (3) e Opinião (1), conforme mostra o gráfico 16.

Gráfico 16 - Distribuição das matérias de cultura por editoria no JP



Fonte: A autora (2017)

Apesar de reunir a maior parte dos textos de cultura, a editoria ‘Conexão Pop’ nem sempre apresenta publicações inéditas. A investigação registra a existência da mesma matéria em dias e espaços diferentes. Cita-se como exemplo o texto “Bruno Magno lança o livro Dose de Quinta”, publicado pela primeira vez no dia 14 de abril de 2016, e divulgado novamente na data do lançamento da obra, 16 de abril de 2016, com foto e destaque de matéria central.

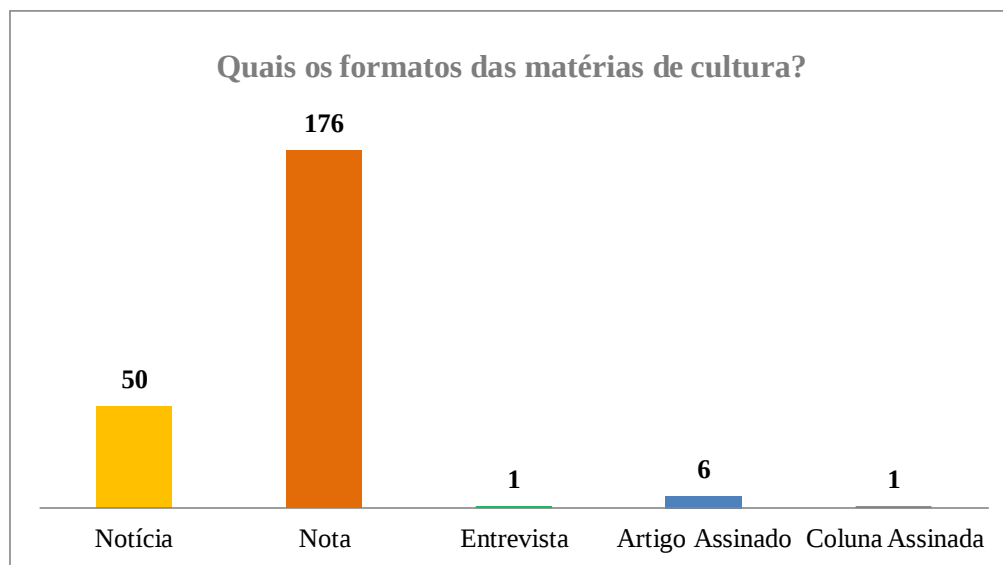
Outras variáveis observadas no estudo são gêneros e formatos textuais das matérias de cultura. Conforme apurado, o gênero informativo representa 97% da produção jornalística de cultura, e o opinativo responde por apenas 3%. Já os principais formatos empregados são: nota (176 ocorrências), notícia (50 ocorrências), artigo assinado (seis ocorrências), entrevista (uma ocorrência) e coluna assinada (uma ocorrência).

A partir desses dados, observa-se um alto índice de notas, caracterizadas pela simples e direta divulgação de informações sobre eventos e fatos da sociedade ludovicense. As

⁴⁰ Entrevista concedida à autora em 08 de agosto de 2016.

notícias encontradas, apesar de apresentarem um texto razoavelmente maior, também seguem a mesma lógica da divulgação/agenda. Menciona-se o trecho ilustrativo da matéria *We Are Salvador embala o Espaço Lagoa*: “Axé, sertanejo e música eletrônica se misturam para dar o tom da festa We Are Salvador, que acontece nessa quarta (20), véspera de feriado, no Espaço Lagoa, a partir das 22h” (*O Imparcial*, 20/04/2016, Impar, p. 3).

Gráfico 17 - Formatos das matérias de cultura do JP



Fonte: A autora (2017)

Também constata-se a ausência de reportagens e textos ensaísticos, como críticas ou análises de produtos culturais. De acordo com Bógea, as críticas eram bastante habituais no *Pequeno* antes de 2016, mas devido à rotina do jornalista na redação, o formato foi desaparecendo.

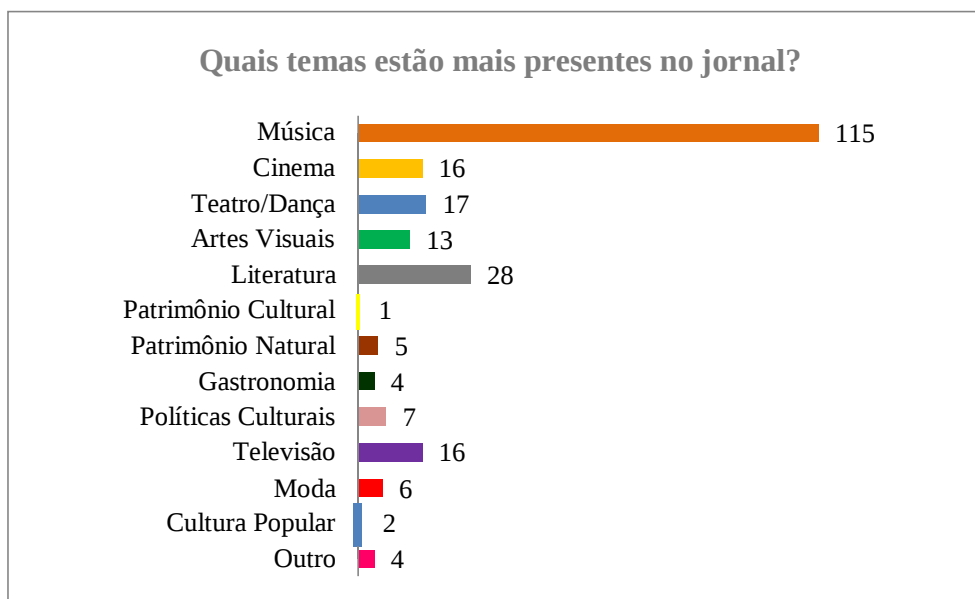
Esse ano deu uma apertada no meu quesito tempo, porque essa parte de cultura eu sou praticamente só, e minhas tarefas no jornal não se resumem a essa. Eu edito, sou responsável pela redação também, então fica mais difícil fazer as críticas com tanta frequência como eu gostaria (BOGÉA, 2016)⁴¹.

Mais adiante, as informações do levantamento apontam que música é área de expressão mais frequente nas páginas do *Jornal Pequeno*, com a presença de 115 ocorrências. Em seguida, aparece literatura (28), teatro/dança (17), cinema (16), televisão (16), artes visuais (13), políticas culturais (7), moda/comportamento (6), patrimônio natural/turismo (5), gastronomia (4), outro (4), tradições/cultura popular (2) e patrimônio cultural (1).

⁴¹ Entrevista concedida à autora em 08 de agosto de 2016.

As matérias de músicas focam, principalmente, em shows de sertanejo, forró, pop e rock. É pouco o espaço dado aos ritmos e produções fonográficas do próprio Maranhão. Essa situação só ocorre, como se observa nos demais veículos, quando associada a lançamentos, homenagens e outros tipos de comemorações.

Gráfico 18 – Temas das matérias de cultura do JP



Fonte: A autora (2017)

Ao realizar o cruzamento entre a categoria tema e editoria, verifica-se que a cultura popular não chega a ocupar nem 1% na frequência de temas da página ‘Conexão Pop’, enquanto que música, teatro/dança, cinema e literatura e artes visuais juntos representam 62% das ocorrências. Segundo o editor de cultura, o baixo índice de matérias da cultura popular na página está relacionado ao período e à ausência de matérias de assessorias sobre a temática.

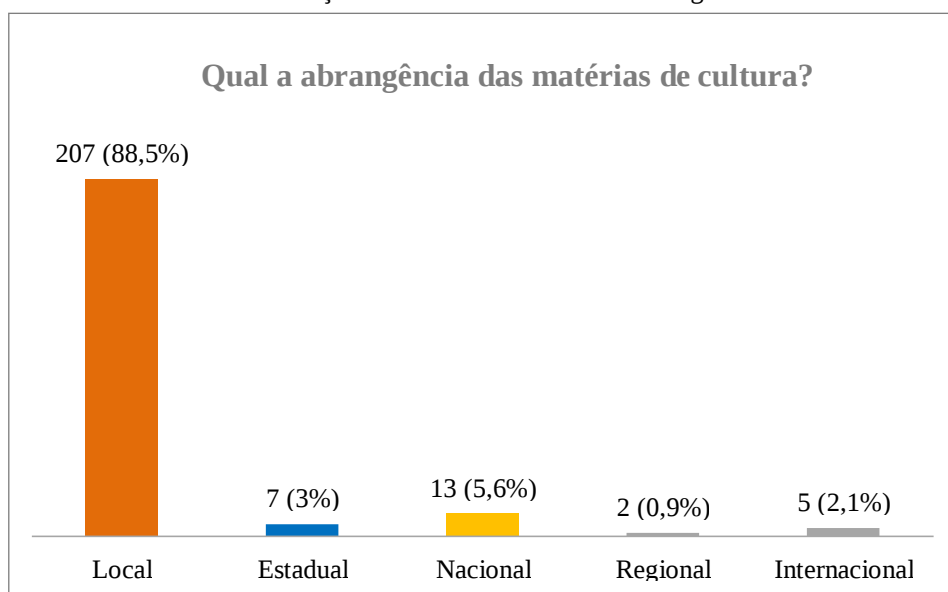
O período forte da cobertura de manifestações populares é o São João! São os meses de maio – o pré-evento, e junho que é o ápice da festa. Então nesse período, praticamente é focado, quase que 90%, nas divulgações dos arraiais. Agora, no restante do ano, eu divulgo se alguma assessoria me enviar o material. Se alguém me enviar release de determinada festividade, eu divulgo, esporadicamente sim! Mas não me pauto (BOGÉA, 2016)⁴².

Além disso, o jornalista destaca que a cultura popular não é o foco da página ‘Conexão Pop’, e que a mesma é contemplada pelo suplemento de turismo do veículo, assim como as outras áreas de expressão - patrimônio cultural, turismo e gastronomia. Dessa forma, o jornalismo ainda demonstra ser dependente da atuação cotidiana das artes tradicionais.

⁴² Entrevista concedida à autora em 08 de agosto de 2016.

Com relação à abrangência das matérias do *Jornal Pequeno*, a categoria local é responsável por 88,5% dos textos de cultura, a nacional por 5,6%, a estadual por 3%, a internacional por 2,1% e a regional por 0,9%, como pode ser visto no gráfico 19. Nota-se aqui que a produção jornalística realizada pelo veículo não garante visibilidade para as cenas culturais do interior do Maranhão. No entanto, as colunas de colaboradores do interior do estado, como é o caso da ‘Caxias em off’, acabam trazendo algumas referências culturais do restante do Maranhão.

Gráfico 19 - Distribuição das matérias conforme a abrangência do conteúdo



Fonte: A autora (2017)

Concordando com os editores dos demais diários de São Luís, Bogéa explica que a baixa frequência da cena cultural do interior do Maranhão no jornal acontece em virtude da falta de informação dos outros municípios. “Se chegar material, eu divulgo! Foi assim com o festejo de reggae de Santa Rita que publicamos na página. Mas só saiu porque a assessoria do governo me mandou” (BOGÉA, 2016)⁴³.

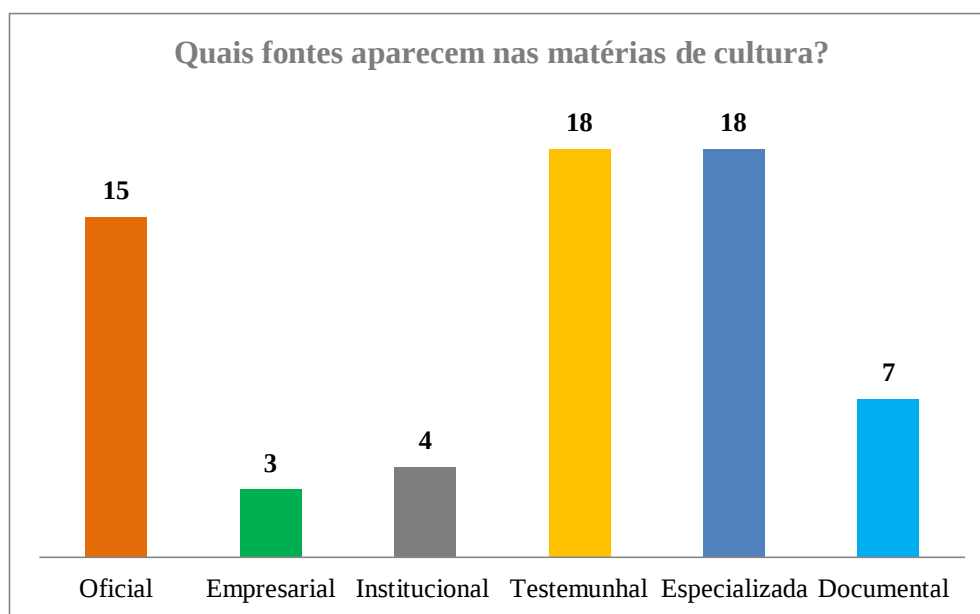
Sobre a presença de fontes nas matérias de cultura, constata-se que mais da metade dos textos analisados, 83,8% (196), não mencionam nominalmente nenhum personagem. Este dado é justificado, em parte, pela adoção do formato nota na maioria das produções de cultura do jornal. “Eu procuro fazer esta página a mais direta possível. Às vezes tem uma aspa, mas quanto for mais direto e informativo, eu dou preferência a isso” (BOGÉA, 2016)⁴⁴.

⁴³ Entrevista concedida à autora em 08 de agosto de 2016.

⁴⁴ Id, 2016.

Os textos com presença de fonte representam 16,2% (38) dos casos investigados, sendo que as especializadas (18) e testemunhais (18) se encontram em maior número. Em seguida, aparecem as fontes oficiais (15), documental (7), institucional (4) e empresarial (3), conforme consta no gráfico 20.

Gráfico 20 - Fontes citadas nos textos sobre cultura do JP

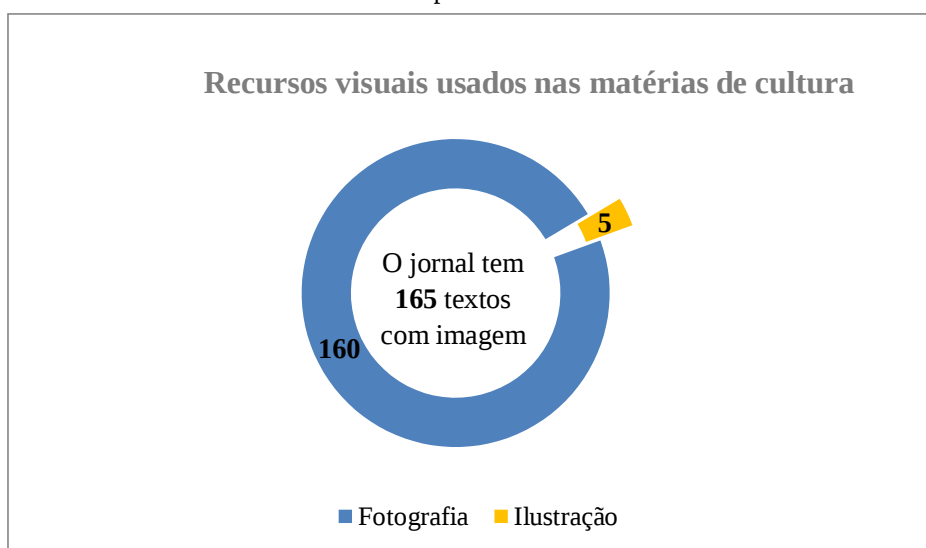


Fonte: A autora (2017)

Geralmente, as matérias utilizam apenas as falas de cantores, atores, escritores, artistas plásticos e demais atores de que trata o próprio texto. Não há uma pluralidade de fontes ou até mesmo referências indiretas que o repórter faz a determinadas lembranças, fatos e vestígios da cena cultural presente na memória coletiva da sociedade maranhense.

O alto índice de fontes testemunhais deve-se ao fato do veículo publicar textos aos domingos, acompanhados de „enquetes“. Na matéria de comportamento “Cadê meu celular”, por exemplo, há depoimentos de seis moradores de São Luís falando sobre a dependência ao aparelho. Porém, em geral, a média de fontes usadas nos textos são duas, sendo uma delas a especializada (artistas/cantores/atores).

Na sequência, atenta-se ao acompanhamento de imagens nos textos do *Pequeno*. O resultado apontou que 70,5% (165) do material de cultura analisado possuía ao menos uma imagem, enquanto que 29,5% (69) não possuía nenhuma referência desse tipo. A fotografia (160 presenças) e a ilustração (5 presenças) foram os recursos usuais no período da pesquisa. Porém, a diagramação das matérias segue o padrão vertical, com uso de poucas fotos sem recursos especiais, como sombra, brilho, acabamentos detalhados, recortes, etc.

Gráfico 21 – Recursos visuais presentes nas matérias de cultura do JP

Fonte: A autora (2017)

4.4. O Progresso

Intitulado como um jornal de expressão regional, *O Progresso* é o impresso mais antigo em circulação de Imperatriz, fundado em 3 de maio de 1970 pelo empresário gráfico José Matos Vieira e pelo jornalista Jurivê de Macedo. Posteriormente, o veículo é vendido e passa a ser administrado por vários proprietários. Hoje tem como diretor Sergio Godinho e conta com uma equipe de reportagem formada por quatro profissionais: o editor-chefe, Coriolano Miranda Rocha Filho, o repórter especializado na editoria de Polícia e Esporte, Dema de Oliveira, o repórter e colunista, William Marinho e o repórter Hemerson Pinto. Ainda, o impresso conta com três diagramadores, uma revisora, dois colunistas sociais e outros colaboradores.

O jornal circula em Imperatriz e municípios do oeste do Maranhão, além de cidades do sul do Pará e do norte do Tocantins, mais precisamente da região do Bico do Papagaio⁴⁵. *O Progresso* é diário, mas não circula às segundas-feiras. É formado por 16 páginas divididas em dois cadernos e oito editorias: ‘Política’, ‘Polícia’, ‘Cidade’, ‘Regional’, ‘Esporte’, ‘Geral’, ‘Justiça’ e ‘Tocantins’. Na edição de final de semana, o impresso chega a possuir 30 páginas devido à presença do suplemento ‘Extra’ e do ‘Caderno de Domingo’. A tiragem do impresso é de 4.500 mil exemplares de segunda-feira a domingo.

O ‘Extra’ é um suplemento literário produzido pela Academia Imperatrizense de Letras (AIL). Ele foi criado em 2001 pelo jornalista Edmilson Sanches, e é composto por quatro páginas dedicadas à divulgação da produção literária dos escritores e das atividades da

⁴⁵ Microrregião do estado do Tocantins composta por 25 municípios.

entidade. O ‘Caderno de Domingo’ é a publicação do jornal responsável por oferecer material sobre telenovelas, caça-palavras, horóscopo, cruzadas, receitas, dicas de livros, filmes, CDs e DVDs. Ele possui 12 páginas e costuma ainda publicar notícias sobre as celebridades e programação da TV fechada.

Figura 9 – Suplementos do Jornal O Progresso



Fonte: Jornal O progresso (2016)

Além destas publicações, *O Progresso* conta com duas páginas de colunas sociais. A ‘News’ é assinada por Jonas Ribeiro e circula as quartas-feiras e sábados, com notas de comemorações do circuito familiar, eventos, homenagens, entre outros. E a ‘Na Balada’, sob a responsabilidade de Vívian Fonseca, publica geralmente às terças-feiras as fotos das festas do final de semana.

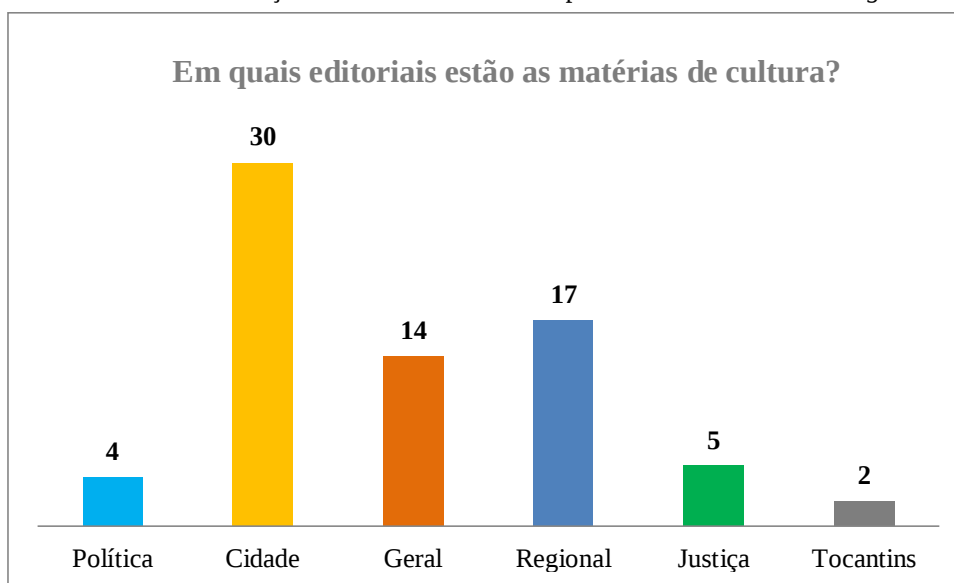
4.4.1 Cultura em fragmentos

O estudo realizado em 50 edições do jornal *O Progresso*, no período de março a abril de 2016, demonstra uma baixa frequência da cultura na capa do impresso. Do total de publicações verificadas, localizam-se apenas 11 chamadas na primeira página. O primeiro mês teve três ocorrências, sendo estas representadas, exclusivamente, pela imagem do caderno de domingo (ANEXO A). E o segundo mês registra oito ocorrências de cultura.

Com relação aos tipos de formatos de capa, os dados revelam a existência de 10 chamadas com fotos e uma manchete sem foto. Em seguida, verifica-se que a televisão, com sete inserções, é o setor frequentemente tematizado na capa do diário. Talvez porque o caderno de domingo – suplemento televisivo – seja uma das principais chamadas da primeira página. Depois, há inserções de literatura (1), música (1) e (1) teatro/dança.

O levantamento das páginas internas indica a presença de 74 textos de cultura no *Progresso* nos dois meses estudados. A baixa incidência do setor nas páginas do impresso justifica-se pela ausência de uma editoria ou caderno dedicado a tematizar diariamente a cena cultural de Imperatriz e região. Dessa forma, a cultura fica fragmentada em diversos espaços do jornal, sendo a editoria de ‘Cidade’ (30) e Regional (17) as responsáveis pela maioria dos casos mapeados pelo estudo. Posteriormente, encontram-se textos do setor nas editorias ‘Geral’ (14), ‘Justiça’ (5), ‘Política’ (4) e ‘Tocantins’ (2).

Gráfico 22 - Distribuição das matérias de cultura por editoria no Jornal *O Progresso*



Fonte: A autora (2017)

O editor-chefe do jornal *O Progresso*, Coriolano Rocha Miranda Filho, conhecido como Coló, esclarece que a falta da editoria de cultura no impresso está relacionada ao fator econômico. “O problema é a estrutura das empresas de comunicação que estão tendo que se adequar ao difícil mercado de hoje, principalmente no que diz respeito à crise econômica país” (FILHO, 2016)⁴⁶.

Em contrapartida, o diretor do jornal, Sérgio Godinho, no artigo “*A cultura noticiosa do Jornal O Progresso no agendamento da cultura em Imperatriz*” atribui a ausência da editoria de cultura no impresso ao perfil do leitor. “Não é necessário implantar uma editoria de cultura no jornal, pois, a maior procura dos leitores é por notícias dos cadernos de esporte e de polícia e não de cultura” (CARDOSO, SILVA, 2010, p. 06).

Ao examinar o gênero e formato dos textos de cultura do diário, observa-se uma ausência de material opinativo associada à alta frequência de formatos informativos, como a

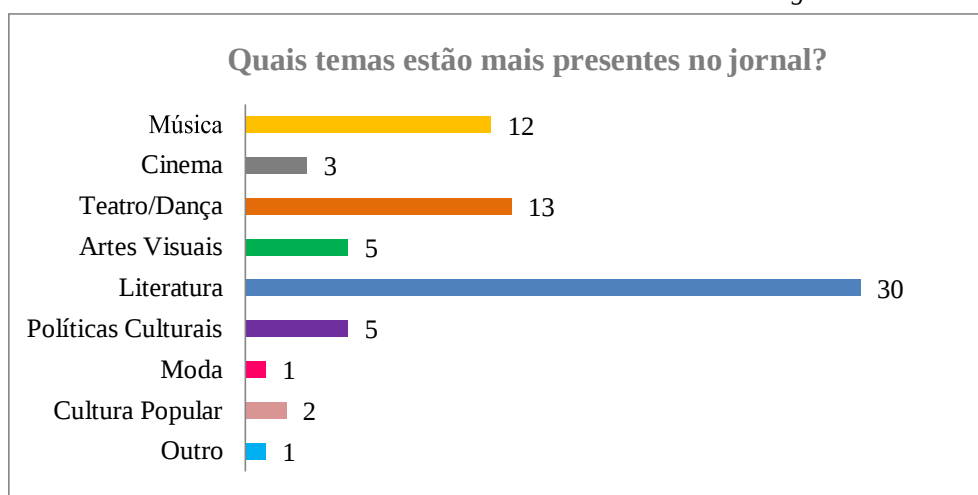
⁴⁶ Entrevista concedida à autora em 24 de agosto de 2016.

nota (39 presenças) e a notícia (33 presenças). De modo geral, esses formatos não diferem muito da lógica de ‘divulgação’ de eventos apresentada pelos diários de São Luís.

Importante mencionar que as notas estão localizadas, especialmente, nas colunas ‘Fora da Pauta’, escrita pelo jornalista William Marinho, e a ‘Coluna do Lima Rodrigues’, produzida por Josivaldo Lima Rodrigues. Nestes espaços, as notas são trechos de releases enviados pelas assessorias de empreendimentos privados, órgãos do governo e iniciativas culturais coletivas. A veiculação de notícias, por sua vez, está centrada nas editorias de ‘Cidade’ e ‘Regional’, com algumas ocorrências em ‘Política’, ‘Geral’ e ‘Tocantins’.

Quando o estudo chega à tematização das páginas internas do *Progresso*, nota-se que a literatura, com 30 ocorrências, representa o tema mais presente na produção jornalística de cultura. As pautas de teatro/dança (13) ocupam a segunda posição na frequência de temas. Em seguida, surgem as pautas de música (12), artes visuais (5), políticas culturais (5), cinema (3), tradições/cultura popular (2), moda/comportamento (1) e outro (1). A partir desses dados percebe-se que a literatura e teatro/dança são setores de forte movimentação cultural em Imperatriz, ao contrário do que se observa em São Luís, onde a música e cinema norteiam a cena cultura da cidade.

Gráfico 23 – Temas das matérias de cultura do Jornal *O Progresso*



Fonte: A autora (2017)

Entre as primeiras publicações sobre literatura, está a reunião na Academia Imperatrizense de Letras para escolha da obra merecedora do prêmio literário AIL 2016. A matéria é uma produção do jornalista Domingos Cezar, apontado pelo editor do *Progresso* como um dos principais colaboradores do jornal.

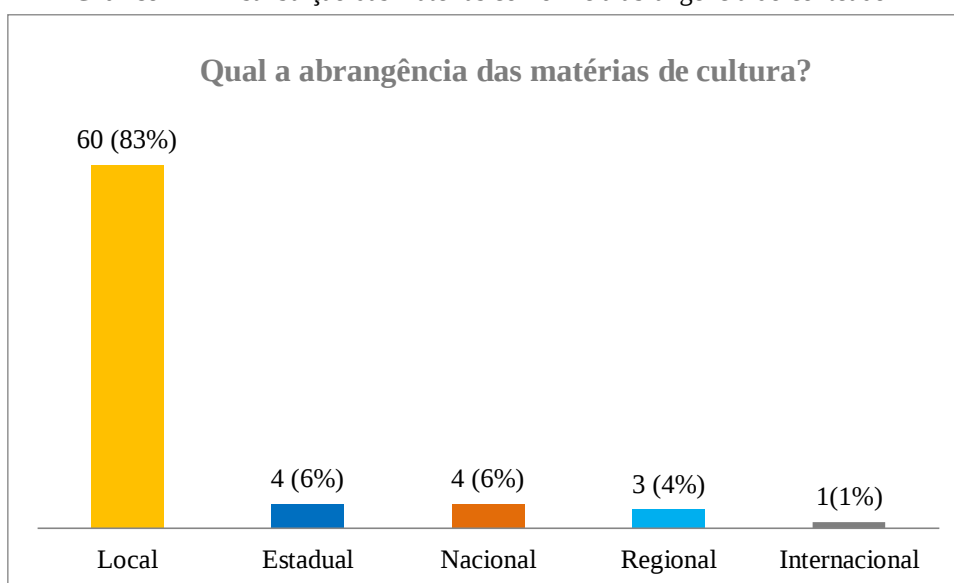
A campanha nacional de incentivo à leitura “Esqueça um livro”, desenvolvida em Imperatriz pelo Clube do Livro, é outra matéria publicada tanto na editoria de „Cidade” como

nas colunas ‘Fora da Pauta’ e do Lima Rodrigues do jornal *O Progresso*. Mesmo não tendo a assinatura da assessoria, percebe-se pelas informações que o material é oriundo da mesma fonte.

No que diz respeito aos textos de teatro/dança, eles estão diretamente relacionados à semana de dança imperatrizense, datas comemorativas e espetáculos. Porém há uma publicação no dia 12 de abril de 2016 que foge a esta regra. Trata-se da matéria sobre a seleção de alunos pela escola Bolshoi Brasil em Imperatriz. Esse material é, inclusive, um dos destaques de capa do periódico registrados durante a pesquisa.

No que tange à abrangência dos textos de cultura produzidos pelo jornal *O Progresso*, a maior parte é local (60). Também foram encontradas matérias nacionais (4), estaduais (4) e internacionais (1). E tendo em vista que o jornal chega a cidades do Tocantins e do entorno de Imperatriz, houve 3 produções de acontecimentos com caráter regional. Uma situação desse tipo é a matéria “Dupla Anavitória, de Araguaína, participa de votação para prêmio nacional” (edição de 30 de abril de 2016).

Gráfico 24 - Distribuição das matérias conforme a abrangência do conteúdo

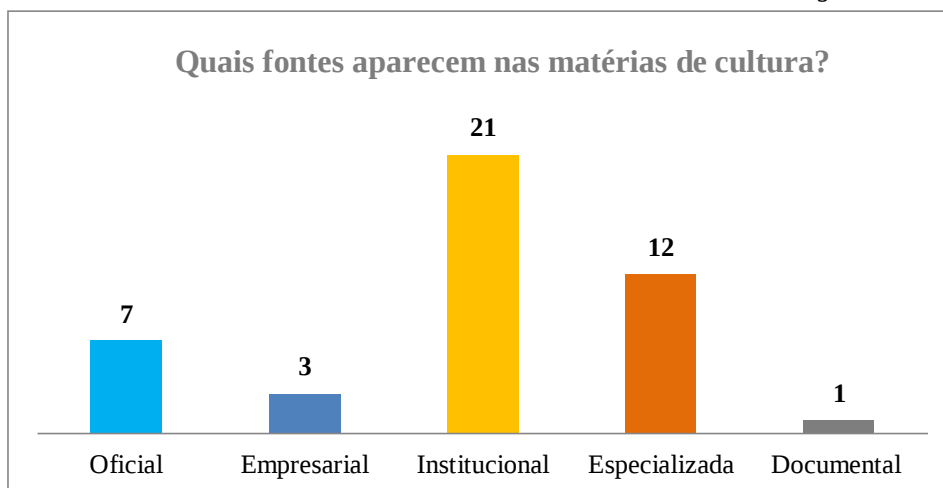


Fonte: A autora (2017)

Mais adiante, nota-se um equilíbrio na quantidade de textos com presença nominal de fontes (36 ocorrências) e os que não mencionavam nenhum personagem (36 ocorrências). Dentre as fontes identificadas, as institucionais (representantes de entidades artísticas e organizadores dos eventos) se encontram em maior número nas matérias (21). Falas de cantores, atores, escritores e demais artistas aparecem, em segundo lugar (12). Logo atrás, na terceira posição (8), têm-se os depoimentos de vereadores, prefeitos, secretários e

representantes do poder público; seguida pelas fontes empresarial (3) e documental (1). De um modo geral, a cobertura jornalística do *Progresso*, assim como dos jornais de São Luís, não oferece uma pluralidade de vozes, já que a média de fontes por matéria é de apenas duas no máximo.

Gráfico 25- Fontes citadas nos textos sobre cultura do Jornal *O Progresso*



Fonte: A autora (2017)

Sobre a presença de elementos visuais nos textos analisados, há 41 casos sem nenhuma imagem e 31 com fotografias. Uma possível explicação para esses dados é que, por serem apresentados quase que exclusivamente em forma de notas e em colunas, não há espaço para recursos visuais.

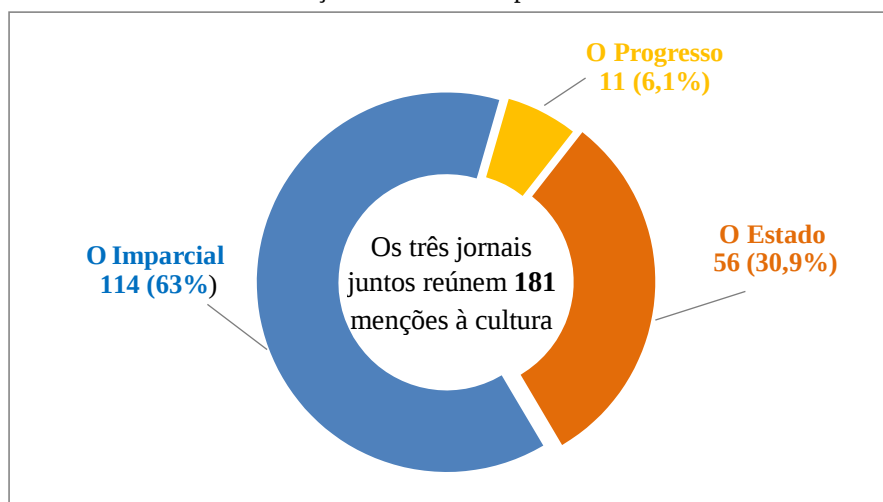
4.5 Agendamento e tematização da cultura nos diários maranhenses

Ao buscar compreender o modo como a cultura é tematizada pelos diários maranhenses, culmina-se na agenda estabelecida sobre o que pensar, ver, ler, ouvir e encontrar no campo cultural. Ao tematizar, o jornalismo consequentemente está agendando os segmentos de cultura que as pessoas conhecerão e consumirão no dia a dia. Conforme a hipótese/teoria formulada por McCombs e Shaw, os indivíduos tendem a incluir ou excluir de seus próprios conhecimentos aquilo que os *mass media* incluem ou excluem do seu próprio conteúdo.

A agenda da mídia torna-se, em boa medida, a agenda do público. Em outras palavras, os veículos jornalísticos estabelecem a agenda pública. Estabelecer esta ligação com o público, colocando um assunto ou tópico na agenda pública de forma que ele se torna o foco da nossa atenção e do pensamento do público (MCCOMBS, 2009, p. 18).

Com base nessa proposição, observa-se que os diários maranhenses começam a agendar a cultura pelo espaço que eles abrem para o segmento em suas capas. A investigação aponta para 181 ocorrências na capa dos jornais *O Estado*, *O Imparcial* e *O Progresso* nos meses de março e abril de 2016. Deste número, *O Imparcial* é o que mais tematiza a cultura na capa, com 114 (63%) casos. Em segundo lugar aparece o jornal *O Estado*, com 56 (30,9%) ocorrências, seguido pelo *Progresso*, com 11 (6,1%).

Gráfico 26 – Presença da cultura na capa dos diários do Maranhão



Fonte: A autora (2017)

Com relação aos formatos de capa das matérias de cultura, a chamada com foto (95 ocorrências), chamada sem foto (84 ocorrências) e manchete sem foto (2 ocorrências) são os tipos mais adotados pelos jornais. Já os temas mais frequentes nas primeiras páginas são: música (47), televisão (29), cinema (22), teatro/dança (22), literatura (15) e moda/comportamento (14). As chamadas de música convidam o leitor a priorizar a leitura de textos com caráter de “agenda”, como em “Forrozão Tropykália realiza show em São Luís” (*O Imparcial*, 30/04/2016). Os destaques de televisão, por outro lado, sustentam-se no universo das telenovelas, dos programas televisivos e na vida dos artistas.

A partir destas informações, verifica-se que há uma valorização do campo cultural nas capas dos diários e, conseqüentemente, uma contribuição para que ele seja agendado pelo público, já que as matérias publicadas na primeira página tendem a ser mais lidas do que aquelas que estão somente nas internas (McCombs, 2009).

Nas páginas internas dos jornais, registra-se a presença majoritária do gênero informativo, com 1.077 (97%) ocorrências. O opinativo aparece em apenas 33 (3%) dos textos investigados. Quanto aos formatos, nota (734) e notícia (336) são os mais frequentes.

Em seguida aparecem os artigos assinados (20), entrevista (6), crítica (5), opinião do leitor (4), editorial (1), outro (2), coluna assinada (1) e reportagem (1).

Regra geral, os textos analisados caracterizam-se pelo tamanho curto, com uma ausência nominal de fontes e um olhar de “divulgação” e agendamento sobre a apresentação de artistas/cantores/atores ou lançamento de filmes, livros, shows, peças de teatro e exposições artísticas. No caso das matérias com fontes, percebe-se uma média de no máximo três, sendo uma delas os artistas ou produtores em torno dos quais gira a informação.

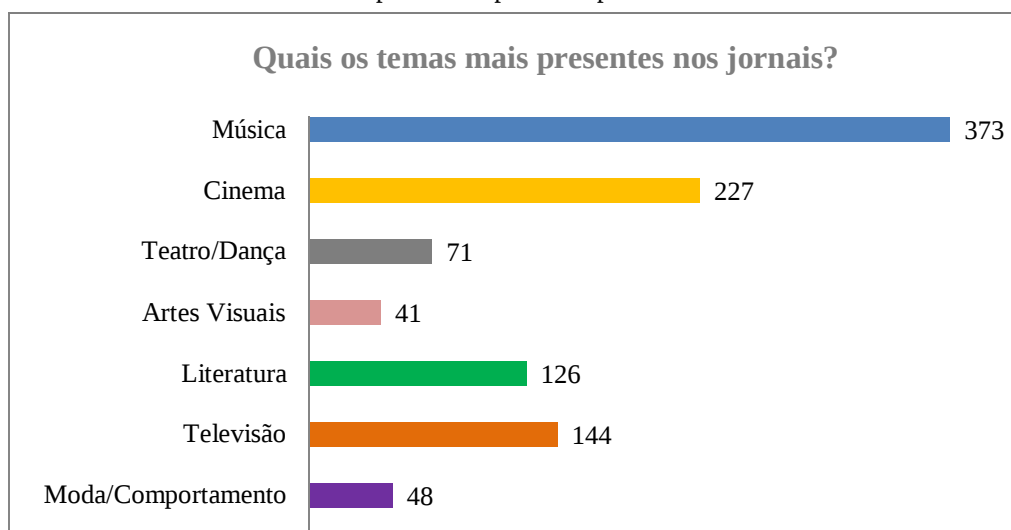
Com relação às fontes, McCombs (2009) as aponta como um dos definidores da agenda midiática, juntamente com organizações noticiosas e as normas e tradição do jornalismo. No caso desta pesquisa, pode-se dizer que as fontes que modelam a agenda dos diários maranhenses são, especialmente, os artistas, produtos culturais, poderes públicos, empresas e segmentos sociais institucionalizados.

Ao longo do estudo nota-se uma quase inexistência de críticas na produção jornalística cultural do Maranhão. Dentre os diários, *O Estado* e *O Imparcial* são os únicos que apresentam esse tipo de formato. A partir dessa informação, pode-se inferir que o jornalismo cultural praticado no estado passa atualmente por uma perda da qualidade avaliativa e reflexiva em torno de tendências da arte e de outras expressões culturais.

Importante destacar que o jornal *O Estado* é o que demonstra uma pluralidade maior de formatos (notícia, nota, reportagem, entrevista, artigo assinado, editorial e até crônica). Por sua vez, *O Imparcial* é o único dos veículos com a presença de opinião dos leitores sobre as matérias de cultura. Já o jornal *Pequeno* e *O Progresso* concentram sua produção em notas e notícias.

Música (373), cinema (227), televisão (144), literatura (126), teatro/dança (71), moda/comportamento (48) e artes visuais (41), nesta ordem, são os temas mais frequentes nas páginas dos diários maranhenses. Tal resultado está relacionado à abordagem e aos ganchos das matérias direcionados para a tematização e o agendamento de atividades, eventos e programas de lazer/entretenimento do público.

A veiculação frequente de informações sobre filmes, séries, telenovelas e a própria vida privada dos atores/atrizes dos referidos programas e produtos também indica outra característica dessa dimensão do entretenimento presente nos textos dos jornais do Maranhão. Segundo Gadini (2009), esses tipos de conteúdo (atividades artísticas tradicionais do campo cultural, pauta televisiva e o colunismo social) representam uma tendência cada vez mais crescente da cobertura da cultura no Brasil, que explora a informação como serviço e transforma a notícia em entretenimento.

Gráfico 27 – Principais temas pautados pelos diários maranhenses

Fonte: A autora (2017)

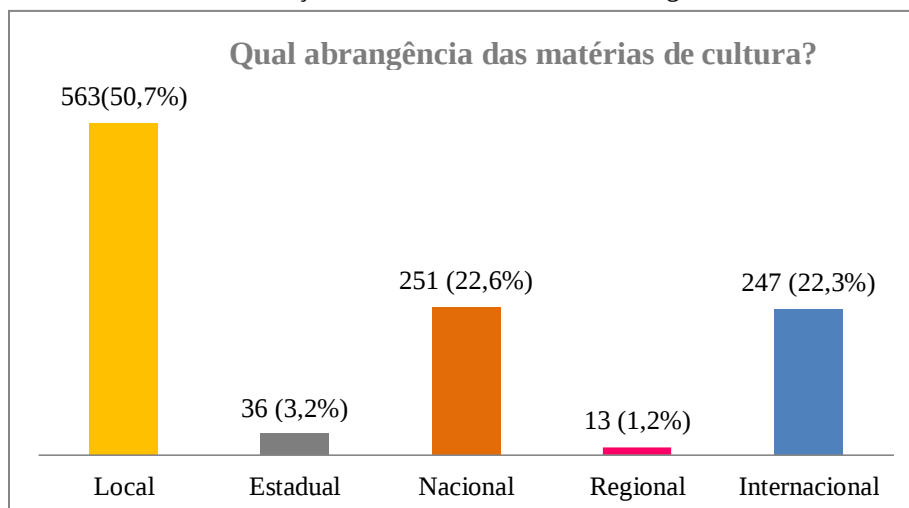
Por outro lado, a cultura popular, segmento que diariamente movimenta a cena cultural do Maranhão, foi pouco agendada pelos jornais. Das 1.110 matérias de cultura publicadas nos quatro jornais, apenas 23 são de manifestações populares. Essas situações de agendamento, pelo que se pode notar, são condicionadas pelo caráter de evento assumido pelos grupos e artistas populares. É o caso da matéria “Cantoria em Dia de Festa” publicada no jornal *O Estado do Maranhão* (edição de 12 e 13/03/2016). A matéria trata da gravação do DVD do cantador de Bumba Meu Boi Chagas da Maioba, na Casa das Dunas.

Assuntos relacionados a políticas culturais, incluindo a análise de leis, gestão, polêmicas e economia da cultura, foi objeto das páginas dos veículos 23 vezes ou 2,1% do total dos textos analisados. Patrimônio natural/turismo (9 ocorrências), patrimônio cultural (6 ocorrências) e gastronomia (4 ocorrências) se encontram em menor número na tematização do campo cultural pelos diários. Talvez porque estes assuntos já sejam contemplados nos suplementos.

A respeito da abrangência dos textos de cultura dos quatro diários do Maranhão, a maior parte deles é local (563), equivalente a 50,7% do material. Em seguida estão as matérias nacionais (251), internacionais (247), estaduais (36) e regionais (13), como mostra o gráfico 28. A partir destes dados, entende-se que a proximidade é um dos critérios levados em consideração pelos editores no momento de escolha da pauta, visto que a informação local “evoca sentimentos de familiaridade e vizinhança, congrega certa identidade e história, hábitos e linguagem comuns” (PERUZZO, 2009, p. 145).

Para além desta abordagem, chama atenção o fato das ocorrências nacionais e internacionais superarem a presença de cobertura regional e estadual. Uma possível explicação para este dado é que os impressos são fortemente influenciados pela produção das assessorias, produtoras e agências, que privilegiam em seus materiais os bens culturais da indústria cultural hegemônica.

Gráfico 28 - Distribuição das matérias conforme a abrangência do conteúdo



Fonte: A autora (2017)

Ao interpretar essa realidade a partir do agendamento, nota-se que o campo cultural agendado nas matérias locais é caracterizado pela oficialidade dos espaços (casas noturnas, bares, teatros, centros de arte, escolas, universidades, academias de letras, shoppings, galerias, etc.) e dos atores sociais (poderes públicos, artistas ou produtores, empreendimentos privados). Logo, os projetos, mobilizações e atividades que estão inseridos em circuito cultural mais alternativo e popular são silenciados nas produções locais de cultura dos jornais. Esse entendimento parte do pressuposto de que agendamento e silenciamento⁴⁷ são “lados de uma mesma moeda”. Ao manifestar determinado acontecimento, o jornalismo automaticamente acaba apagando outros.

Ao privilegiarem uma tematização da cultura local, os diários analisados sinalizam que o agendamento não é bem-sucedido nos municípios do interior do Maranhão, em virtude da baixa relevância dos assuntos tratados para o público dessas localidades. Neste sentido, acredita-se que o agendamento da cultura nas outras cidades maranhenses perpassa por outros canais. De acordo com McCombs (2009, p. 99), “os mass media não é nossa única fonte de

⁴⁷ Trata-se de uma variável da “hipótese da espiral do silenciamento”, desenvolvida por Elisabeth Noelle-Neuman, que defende que os indivíduos aderem ao modo de pensar apresentado pela mídia pela simples possibilidade de se sentirem isolados em seus comportamentos, opções ou atitudes.

informação aos assuntos públicos. A experiência pessoal, que inclui conversações com nossa família, amigos e colegas de trabalho, também nos informa sobre muitos temas”.

Por outro lado, a elevada presença de temas culturais nacionais e internacionais aponta que os veículos se utilizam de um provável „interesse público“ por produtos culturais (canais a cabo, novelas, artistas, livros ou shows) produzidos em outras realidades socioeconômicas para instalar valores e padrões de culturas estrangeiras em contextos regionais.

Ainda pode-se falar, com base nas entrevistas, que a produção jornalística da cultura nos impressos maranhenses continua sob a lógica do tempo diário, como a própria periodicidade do veículo estabelece. Além disso, a rotina produtiva segue os preceitos da convergência jornalística⁴⁸ que, dentre um de seus níveis, estabelece a elaboração e distribuição de conteúdo para múltiplas plataformas, mediante as linguagens próprias de cada uma.

As relações econômicas também interferem nas condições editoriais de elaboração do conteúdo cultural. Observa-se que as páginas das editoriais e cadernos de cultura disputam constantemente espaço com os anúncios, o que acaba contribuindo para presença de textos menores e com caráter de divulgação.

4.6. De onde vem à pauta?

De acordo com Cunha et al (2008, p. 14), um dos fatores que interfere na produção jornalística de cultura brasileira é a “profusão de releases enviados por produtores culturais e/ou assessorias que muitas vezes, na pressão industrial do jornal e diante do fechamento da página, são utilizados quase que integralmente”.

No Maranhão, a realidade não é diferente. Com base na investigação realizada, verifica-se que matérias de cultura publicadas nos diários maranhenses são, na maioria dos casos, oriundas de assessorias de imprensa. No jornal *O Progresso*, essa situação é facilmente reconhecida, pois o impresso publica na íntegra e ainda com a assinatura da assessoria o material recebido, conforme pode ser verificado na figura 13.

Para o editor do jornal *O Progresso*, Coriolano Filho, a presença das matérias de assessoria no jornal não soa como algo negativo, mas como uma forma de contribuição com o cenário cultural da cidade. “Todo release que a gente recebe, nós publicamos! Até porque se o

⁴⁸ Conceito utilizado por Ramon Salaverría (2010) para designar o processo multidimensional que atinge os âmbitos tecnológico, empresarial, profissional e editorial dos meios de comunicação e que propicia uma integração de ferramentas, espaços, métodos de trabalho e linguagens anteriormente separados.

jornal não publicar os releases, ele está se negando a colaborar com a cultura” (FILHO, 2016)⁴⁹.

Figura 13 – Release publicado no jornal *O Progresso*

Dupla sertaneja Matheus e Felipe se apresenta em Imperatriz

A Villa Pub abre as portas novamente nesta quinta-feira (24), véspera de feriado, com a tradicional festa do “Bolo Doido”. O evento inicia às 22h e segue com a participação de várias atrações locais.

O diferencial dessa festa, que já acontece há alguns anos na cidade, é a diversidade de ritmos nos shows. Quem estiver presente irá ouvir e dançar funk, música eletrônica, forró, pop e sertanejo. “Todos podem participar. O evento é feito pensando na diversão de todas as pessoas”, garante a produção da Villa Pub.

Essa edição terá mais motivos para comemoração. Após praticamente todas as casas de shows serem embargadas no último fim de semana por determinação da Secretaria Municipal de Planejamento Urbano e Meio Ambiente – Sepuma, a Villa Pub abre novamente as portas



com toda a documentação necessária para o funcionamento.

Em dias com a burocracia local, a casa passou por algumas mudanças na estrutura que, ainda segundo a produção, “veio para melhorar a visibilidade interna dos clientes e aprimorar o visual da casa”.

Participação especial – A dupla cariacense Matheus e Felipe é a principal atração do Bolo Doido. Rits como “I’m solto” e “Ressaca” fizeram

sucesso após a dupla lançar os cliques na internet. Hoje eles já são considerados promessa musical para todo o Brasil.

Apresentam-se também as duplas “Thiago e Luan”, “Marcus e Mathias” e “Junior Cesar & Thiago”, os cantores Magno Costa, Frank Anderson, André Barberino e Jr. Marra, além do grupo “Bonde do Esquentão”, Dj Waguinho e MC Bubu e outras atrações. (Assessoria)

Fonte: Jornal *O Progresso*

É oportuno mencionar que os releases publicados pelo *Progresso* são vindos, sobretudo, das assessorias dos shoppings centers de Imperatriz. O editor do veículo explica que a frequência das publicações acontece, pois os locais são atualmente os “centros culturais” da cidade.

Hoje nós temos dois shoppings que se tornaram verdadeiros centros de eventos em Imperatriz. Praticamente toda semana tem um evento voltado para área cultural, seja de livro, cinema, teatro, exposição, e assim por diante. E as assessorias deles estão trabalhando bem, pois sempre nos mandam material (FILHO, 2016)⁵⁰.

No caso dos diários de São Luís, a lógica da produção baseada em assessorias também é muito perceptível, seja pelas fotos, as informações ou as fontes usadas no texto, que geralmente se repetem em outros veículos. Pode citar-se, a título de exemplo, o material publicado no *Jornal Pequeno* sobre o show do cantor Xande de Pilares, que também foi divulgado no portal de notícias ‘O Itaqui’. Nessa situação, a mudança principal na matéria do ‘Conexão Pop’ é no título, pois o *lead* e a foto são os mesmos do site de notícias ‘O Itaqui’, conforme mostra a figura 14.

⁴⁹ Entrevista concedida à autora em 24 de agosto de 2016.

⁵⁰ Id, 2016.

Figura 14 – Release publicado na página Conexão Pop e site O Itaquí



Fonte: Jornal Pequeno e Site O Itaquí (2016)

O editor da página 'Conexão Pop', Vinícius Bogéa, assumiu que o espaço é construído com base nos releases enviados para a redação do impresso. "Ultimamente o material da página é todo vindo de assessoria! Não tem como fazer matéria autoral, porque só sou eu na produção dessa página" (BOGÉA, 2016).

A jornalista Bruna Castelo Branco também confirma a existência de matérias de assessoria editadas no caderno 'Alternativo'. "A gente não publica release! O máximo que a gente aproveita são algumas frases e falas. Mas a gente reescreve todo o texto" (BRANCO, 2016)⁵¹.

O Imparcial, segundo Samartony Martins, publica tanto textos de assessorias ou agências de comunicação, quanto reportagens especiais do cenário cultural maranhense veiculadas em outros jornais do grupo Diários Associados, como exemplo, o *Correio Braziliense*.

Ao longo da semana, a gente fica sustentando a produção do caderno, e quando chega o final de semana a gente pega o material que vem das agências, das assessorias de comunicação, algumas coisas da Secretaria de Cultura do Governo do Estado e da Prefeitura, ou matérias culturais produzidas por outros jornais, inclusive o *Correio Braziliense*, pois a cena cultural do Maranhão é muito forte em Brasília, então acabo encontrando textos interessantes sobre o estado no jornal (MARTINS, 2016)⁵².

A partir desses depoimentos, confirma-se a percepção apontada pelo levantamento quantitativo de que a produção jornalística cultural dos diários do Maranhão é perpassada pelo

⁵¹ Entrevista concedida à autora em 08 de agosto de 2016.

⁵² Id, 2016.

apoio das assessorias de imprensa na divulgação do campo e atores culturais dos municípios investigados e do próprio estado.

Para melhor compreender a participação das assessorias na produção jornalística é necessário retomar a relação entre o campo jornalístico e cultural. Segundo Gadini (2009), os fatos, manifestações, atividades e valores do campo cultural ganham visibilidade e reconhecimento social a partir da publicização feita pelo campo do jornalismo.

Contudo, nem todos os setores e atores sociais do campo cultural são reconhecidos e legitimados pela produção jornalística. Na pesquisa empreendida com os diários maranhenses, por exemplo, nota-se que as secretarias de cultura (municipal e estadual), casas noturnas, produtoras, shoppings, Academias de Letras, Universidades e outros agentes culturais institucionalizados que possuem assessorias de imprensa conseguem mais facilmente espaço nos jornais, pois lançam mão de mecanismos como: envio de release, produto promocional, convites, campanhas sistemáticas ou eventuais peças publicitárias, etc.

Logo, os indivíduos, grupos, projetos e iniciativas culturais que não dispõem desse tipo de estratégia de intervenção no campo jornalístico são minimizados na cobertura dos impressos e a capacidade de atuação e articulação no campo cultural (eventos, mobilizações, produções artísticas, premiações, entre outros) é atribuída apenas aos poderes públicos, empreendimentos privados e segmentos sociais estabelecidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme estudo realizado com os diários de São Luís e Imperatriz, tendo como amostra o período de março a abril de 2016, a tematização e agendamento da cultura no conteúdo jornalístico de cada um dos diários, em geral, caracteriza-se por uma predileção pelo uso do gênero informativo, representado por notícias e notas. São textos curtos (6 parágrafos no máximo) sem fontes identificadas ou com poucas fontes diversas, capazes de transmitir uma maior pluralidade ao olhar jornalístico veiculado pelos textos.

As entrevistas realizadas com os profissionais das redações (editores, principalmente) apontam que a preferência por textos menores está relacionada ao tempo diário de fechamento dos jornais, ao acúmulo de funções dos profissionais, e a respectiva produção de conteúdo para outras plataformas dos veículos.

Paralelo à publicação de notas e notícias existem reportagens, entrevistas e críticas nos diários maranhenses, em especial no *Estado do Maranhão*, que demonstra uma maior diversidade de formatos textuais na produção jornalística cultural. O referido veículo também se diferencia por possuir, dentre os jornais analisados, textos maiores e com uma diagramação mais arrojada e criativa.

A crítica, considerada um tradicional sinônimo do jornalismo cultural, é um formato escasso nas páginas dos impressos do Maranhão, pois basicamente são encontradas no *Estado* e no *Imparcial*. Os editores dos cadernos/páginas de cultura (ou responsáveis pela redação dos veículos), no caso do *Progresso*, explicam que existem poucas críticas devido à ausência de um articulista/crítico nas redações. Logo, esse formato textual é feito pelos próprios editores das publicações de cultura, quando há tempo, ou enviado por algum colaborador.

A identificação dos principais temas abordados nas páginas dos diários maranhenses, com base nas categorias setorializadas do campo cultural, indica que a música, cinema e televisão são as áreas mais frequentes, tanto na capa como nas páginas internas dos impressos de São Luís. Há destaque constante aos shows, festas, entrevistas com músicos, lançamentos de CDs e DVDs, projetos e festivais de cinema na capital, além das estreias de filmes em cartaz em níveis nacional e internacional. As produções televisivas (novelas, programas da TV aberta, séries, filmes ou informações dos artistas) também ocupam as páginas de cobertura do campo artístico-cultural dos jornais.

Pode-se dizer ainda que a tematização empreendida pelos cadernos/páginas de cultura da capital maranhense prioriza a publicação de matérias sobre as “artes clássicas” (música, cinema, literatura, teatro, dança, artes visuais), distanciando, assim, de outras expressões da

área. Gastronomia, turismo, moda, patrimônio cultural e demais manifestações ocupam as páginas dos suplementos de finais de semanais e outras editorias dos diários.

Em Imperatriz, nota-se que a literatura, teatro/dança e música são os segmentos mais tematizados pelo *Progresso*. O jornal publica notícias sobre eventos, mobilizações, produções literárias e musicais articuladas pelos poderes públicos, a Academia Imperatrizense de Letras (AIL), projetos alternativos e shoppings. As matérias de teatro/dança giram em torno de espetáculos das companhias locais e de outras cidades. Além disso, há referências constantes a produtos televisivos e audiovisuais da indústria cultural nacional no caderno de domingo.

Para além destas especificidades de frequência temática, observa-se, de um modo geral, que os jornais maranhenses tematizam pouco a cultura popular em suas páginas. O assunto vira pauta nos veículos quando ganha “*status*” de evento, como tributos ou homenagens a mestres do bumba meu boi e tambor de crioula, gravação de CD ou DVD dos grupos, festivais de cultura popular, entre outros. Aliado a este fator, o calendário é outro condicionante apontado pelos editores de cultura dos impressos para que as manifestações populares ganhem espaço nas páginas. O mês de maio, que antecede o São João, e o de junho, quando acontecem os arraiais em todo estado, traduzem um período de expressiva e frequente tematização da cultura popular.

Percebe-se que aspectos da cultura popular voltados às tradições, vivências e a memória dos grupos passam praticamente ‘despercebidos’ na tematização e agendamento dos diários maranhenses.

Os dados levantados no estudo indicam, inclusive, a tematização de uma cultura enraizada nas realidades das cidades sede dos veículos (São Luís e Imperatriz), mesmo os periódicos circulando em outros municípios. Assim, constata-se que a produção jornalística cultural dos diários não retrata a pluralidade e as especificidades culturais do interior do Maranhão e, conseqüentemente, não constrói uma relação de pertencimento com o restante do estado.

Verifica-se, pelos dados apresentados na dissertação, que a produção jornalística cultural nos quatro diários maranhenses assume ou deixa-se “guiar” habitualmente pela lógica da ‘agenda’ de eventos de que fala e tematiza, ou seja, não há uma produção interpretativa dos fatos culturais do cotidiano, apenas divulgação de lançamentos, shows, espetáculos, exposições e outros fatos que irão acontecer.

No entanto, longe de querer “abolir” a agenda do jornalismo cultural, até porque é uma das características do segmento, a intenção ao identificar este aspecto no modo de tematizar a cultura maranhense é apontar para a necessidade de rediscutir o atual processo produtivo do

setor para não ficar preso apenas a uma agenda, possibilitando uma análise plural dos temas e aspectos culturais.

Paralelo ao uso de textos com caráter de ‘agenda’, a produção jornalística de cultura dos periódicos demonstra ter uma abordagem muito direcionada ao lazer/entretenimento. Trata-se de matérias que basicamente exploram atividades, programações e eventos que visam divertir o público. São recorrentes assuntos televisivos, em especial, informações sobre novelas e a vida dos artistas. Essa tendência contribui para que a televisão seja um dos temas mais abordados pelos diários analisados.

A cultura do entretenimento acaba evidenciando alguns espaços, atores, empreendimentos e instituições do campo cultural das cidades observadas e obscurecendo outros setores sociais. Em São Luís, por exemplo, nota-se pelos dados doroteiro exploratório que o campo cultural é influenciado pela cultura popular, principalmente o bumba meu boi e tambor de crioula. Durante todo o ano as associações folclóricas realizam eventos nas comunidades, sem falar das atividades dos terreiros espalhados pelo município, as radiolas de reggae nos bairros, os projetos de ocupação do espaço urbano, e assim por diante. No entanto, essas atividades praticamente não são tematizadas pelos impressos.

Em Imperatriz, a centralidade no campo cultural (eventos, mobilizações, produções artísticas, circulação e interação cotidiana) se encontra, sobretudo, nos shoppings centers da cidade, pois a ocupação de praças, espaços públicos e atividades nos bairros pelos movimentos culturais imperatrizenses não é uma prática frequente, conforme apontado pelos produtores culturais entrevistados na pesquisa. Neste sentido, entende-se que a tematização da cultura apresentada pelo jornal *O Progresso* não destoa totalmente da realidade cultural do município.

Outra tendência observada nos diários analisados é a utilização de material de assessorias de imprensa na produção jornalística cultural. A publicação de *realeses* na íntegra ou editados, além de ser percebida na leitura dos textos, é confirmada pelos próprios editores dos veículos durante as entrevistas. Portanto, pode-se considerar que, devido à falta de tempo constatada pelos editores, o uso dos releases é uma alternativa cômoda, ora para utilização na íntegra, ora para edição, e raramente como sugestão de pauta. Acredita-se que as assessorias têm conhecimento dessa fragilidade da cobertura cultural e enviam releases com o máximo de informações possíveis, inclusive com depoimentos para facilitar a entrada no jornal. Os diários também publicam releases de eventos culturais já realizados. E, pois, vê-se que a intenção dos autores não é sugerir pauta e sim veicular na íntegra nos espaços dos jornais ou, ao menos, com edição parcial. Tal percepção da origem da pauta fica visível na pesquisa.

Quanto às marcas estruturais da produção jornalística cultural do Maranhão, nota-se que estas são representadas pela informação, colunas sociais, agenda de serviço, programação de TV, suplementos e variedades. Com base nestas referências, pode-se dizer que o jornalismo cultural maranhense não difere significativamente do que se faz na área em nível nacional.

No entanto, os diários analisados demonstram particularidades no modo de tematizar a cultura. *O Estado do Maranhão*, por exemplo, dedica um caderno (‘Alternativo’) de oito páginas de terça-feira a domingo para abordar o setor, coluna de turismo uma vez na semana, dois suplementos aos finais de semana, além de inserções frequentes na capa. *O Imparcial* apresenta três páginas (‘Impar’) voltadas ao campo cultural com circulação de segunda-feira a domingo, três suplementos aos finais de semana e menções quase que diárias na primeira página.

No caso do *Jornal Pequeno*, o segmento cultural pode ser encontrado em uma página (‘Conexão Pop’) publicada de terça-feira a sábado, em dois suplementos aos finais de semana, além de colunas sociais presentes no veículo. Importante ressaltar que este impresso não tematiza a cultura nas capas, priorizando neste espaço áreas como Política, Polícia e Esporte. Já *O Progresso* não possui um espaço fixo para cultura, tendo publicações esporádicas sobre o assunto e dois suplementos aos domingos, com inserções regulares na capa, além de colunas sociais durante a semana.

Importante, enfim, considerar que a cultura tematizada pelos diários maranhenses é constituída por um conjunto de características que levam em consideração (a) uma seleção de notícias centrada nas “sete artes” e variedades; (b) a preferência por acontecimentos da cena cultural local; (c) a divulgação de eventos e fatos sociais de forma rápida e direta; (d) além do foco no entretenimento em relatos jornalísticos, com o intuito de divertir o público.

REFERÊNCIAS

ALSINA, Rodrigo MIQUEL. **A construção da notícia**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2009.

ARAGÃO, Pedro; GONÇALVES, Francisco. **O pasquim no jornalismo do Maranhão: análise do Colunaço do Dr. Pêta do Jornal Pequeno**. In: XV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, Mossoró, 2013. **Anais...** Intercom Nordeste, 2013, p. 1-14.

ASSIS, Francisco de. **Fundamentos para a compreensão dos gêneros jornalísticos**. Alceu, v.11, nº 11, 2010. Disponível em: http://revistaalceu.com.puc-rio.br/media/Alceu21_2.pdf. Acesso em 01 de março de 2017.

AUGUSTO, Sérgio. “O frenesi do furo”, 2002. In: Digestivo Cultural. http://www.digestivocultural.com/ensaios/ensaio.asp?codigo=4&titulo=O_frenesi_do_furo Acesso em: 20 de novembro de 2016.

BALLERINI, Franchiesco. **Jornalismo cultural no século 21: literatura, artes visuais, teatro, cinema e música: a história, as novas plataformas, o ensino e as tendências na prática**. São Paulo, Summus: 2015.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 2009.

BONNIN, Jiani Adriana. Revisitando os bastidores da pesquisa: práticas metodológicas na construção de um projeto de investigação. In: **Metodologias de Pesquisa em Comunicação: olhares, trilhas e processos**. Porto Alegre, Sulina, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1930.

_____. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. São Paulo: Papirus, 1996.

_____. **Sobre a televisão: seguido de a influência do jornalismo e os jogos olímpicos**. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

_____. The Political Field, the Social Field, and the Journalistic Field. In: BENSON, Rodney; NEVEU, Erik. **Bourdieu and the journalistic field**. Cambridge: Polity Press, 2005.

BRANCO, Bruna Maria Paixão Castelo. **Entrevista** [Ago. 2016]. Entrevistador: Thays Assunção Reis. São Luís: *Jornal O Estado do Maranhão*, 2016.

BOGÉA, Aurélio Vinícius. **Entrevista** [Ago. 2016]. Entrevistador: Thays Assunção Reis. São Luís, 2016.

CARDOSO, Letícia Conceição Martins. **As mediações no Bumba Meu Boi do Maranhão: uma proposta metodológica de estudo das culturas populares**. Tese (Doutorado em Comunicação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

_____ et al. **Dança do Lindô: Uma tradição transmitida do Leste para o Sul do Maranhão.** In: XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, Maceió, 2011. **Anais...** Intercom Nordeste, 2011, p.1-11.

_____. **Entrevista** [Ago. 2016]. Entrevistador: Thays Assunção Reis. São Luís: UFMA, 2016.

CERVI, Emerson Urizzi. **Métodos quantitativos nas ciências sociais: uma abordagem alternativa ao fetichismo dos números e ao debate com qualitativistas.** In: **Pesquisa Social: reflexões teóricas e metodológicas.** Ponta Grossa (PR): Todapalavra, 2009.

_____; HEDLER, Ana Paula. **Métodos Quantitativos na produção de conhecimento sobre jornalismo: abordagem alternativa ao fetichismo dos números e ao debate com qualitativistas.** In: XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Curitiba, 2009. **Anais...** Intercom, 2009, p. 1- 16.

COELHO, Teixeira. “Outros olhares”. In: LINDOSO, Felipe (org). **Rumos do Jornalismo Cultural.** São Paulo: Summus, 2007.

COUTO, José Geraldo. “Jornalismo cultural e Propaganda”, 1997. In: Observatório da Imprensa. Disponível em: http://observatoriodaimprensa.com.br/primeiras-edicoes/ed16_jornalismo_cultural_e_propaganda/. Acesso em: 10 de dezembro de 2016.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais.** Bauru: EDUSC, 1999.

CUNHA, Leonardo Antunes et al. **Dilemas do jornalismo cultural brasileiro.** In: Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, 2008. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/cunha-ferreira-magalhaes-dilemas-do-jornalismo.pdf> Acesso em: 10 de novembro de 2016.

EAGLETON, Terry. **A ideia de cultura.** São Paulo: UNESP, 2005.

ESTEVES, João Pissarra. **A ética da comunicação e os media modernos: legitimidade e poder nas sociedades complexas.** 2.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

FARO, José Salvador. **Nem tudo que reluz é ouro: contribuição para uma reflexão teórica sobre o jornalismo cultural.** In: Revista Comunicação & Sociedade, v.28, nº 46, 2006. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/CSO/article/viewFile/3871/3384>. Acesso em: 15 de outubro de 2016.

FERREIRA, Célio Sérgio Serra. **Entrevista** [Fev. 2016]. Entrevistador: Thays Assunção Reis. São Luís: Jornal *O Imparcial*, 2016.

FERREIRA, Giovandro Marcus. **Apontamentos sobre as propriedades do campo de produção jornalístico.** Revista Pauta Geral, nº4, ano 09, 2002.

FERREIRA, Jairo. **Mídia, jornalismo e sociedade: a herança normalizada de Pierre Bourdieu.** Estudos de Jornalismo e Mídia, vol. 2, n. 1, 2005. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/2087>. Acesso em: 07 de junho de 2016.

FERREIRA JUNIOR, José. **Bandeira Tribuzi: o paradoxo do jornalista entre o combate ao coronelismo e a colaboração para um mandonismo emergente**. In: 10º Encontro Nacional de História da Mídia – Alcar. Porto Alegre, 2015. **Anais...10º Alcar**, 2015, p. 1-10.

FIGUEIREDO, Selma. **O Estado: 50 anos**. São Luís: Gráfica Escolar, 2009.

FILHO, Coriolano Miranda Rocha. **Entrevista** [Ago. 2016]. Entrevistador: Thays Assunção Reis. Imperatriz: Jornal *O Progresso*, 2016.

FONSECA, Francisco. **Mídia, poder e democracia: teoria e práxis dos meios de comunicação**. In: Revista Brasileira de Ciência Política, v.1, nº 6, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcpol/n6/n6a03.pdf>. Acesso em: 10 de julho de 2016.

GADINI, Sérgio Luiz. **A cultura como notícia no jornalismo brasileiro**. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 2003.

_____. **Dilemas da Pesquisa no Jornalismo Contemporâneo**. Da abrangência midiática à ausência de métodos específicos de investigação. In: III Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Universidade Federal de Santa Catarina, novembro de 2005. **Anais... III Sbpjor**, 2005, p.1-11.

_____. **Breves sugestões e estratégias (metodológicas e contextuais) para compreender os processos editoriais no campo cultural**. In: VI Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Universidade Metodista de São Paulo, novembro de 2008. **Anais...11º Sbpjor**, p. 1- 14.

_____. **Interesses cruzados: a produção da cultura no jornalismo brasileiro**. São Paulo: Paulus, 2009 – Coleção Comunicação.

GASKELL, George. Entrevistas Individuais e Grupais. In: BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2000.

GOMES, Fábio. **Jornalismo cultural**. Brasileirinho Produções, 2009. Disponível em: <http://www.jornalismocultural.com.br/jornalismocultural.pdf>. Acesso em: 10 de janeiro de 2017.

GROTH, Otto. **O poder cultural desconhecido: Fundamentos da Ciência dos Jornais**. Petrópolis: Vozes, 2011.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 3º ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

KELNNER, D. **A Cultura da Mídia - estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Bauru: EDUSC, 2001.

LAKATOS, Eva M.; MARCONI, Marina de A. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5ª Ed. São Paulo: Atlas. 2003.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **O campo da comunicação**: sua constituição, desafios e dilemas. Revista Famecos, Porto Alegre, 2006, p. 16-30.

_____. **Pesquisa em Comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

MARTINS, Samartony Costa. **Entrevista** [Ago. 2016]. Entrevistador: Thays Assunção Reis. São Luís: Jornal *O Imparcial*, 2016.

MCCOMBS, Maxwell. **A teoria da agenda**: a mídia e a opinião pública. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

MEDINA, Jorge Lellis Bomfim. **Gêneros jornalísticos: repensando a questão**. Revista Symposium, Pernambuco, 2001, p.45-55.

MELO, Isabelle Anchieta de. **Jornalismo Cultural**: Pelo encontro da clareza do jornalismo com a densidade e complexidade da cultura. In: Biblioteca Online de Ciências da Comunicação, 2010. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/melo-isabelle-jornalismo-cultural.pdf>. Acesso em: 12 de outubro de 2016.

MELO, José Marques de Melo; ASSIS, Francisco de (Orgs.). **Gêneros Jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

NASCIMENTO, Aline Carvalho (Coord.). **Catálogo de Jornais Maranhenses do Acervo da Biblioteca Pública Benedito Leite**: 1821-2007. São Luís: SECMA, 2007.

NINA, Carlos. **Um espaço para a juventude**. In: Revista Comemorativa do Jornal Pequeno: 60 anos de resistência. São Luís, H.M Bogéa & Cia, 2011.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling; VOLPATO, Marcelo de Oliveira. **Conceitos de comunidade, local e região**: inter-relações e diferença. In: Revista Líbero, v. 12, nº 24. Disponível em: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/libero/article/view/6790/6132>. Acesso em: 10 de janeiro de 2017.

PINHEIRO, Roseane Arcanjo. **O Conciliador e o jornalismo maranhense no início do século XIX**. Tese (Doutorado em Comunicação). – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

PIRES, Leonardo Conceição Silva. **Entrevista** [Ago.2016]. Entrevistador: Thays Assunção Reis. Imperatriz: UFMA, 2016.

PIZA, Daniel. **Jornalismo Cultural**. São Paulo: Contexto, 2011.

PONTES, Felipe S; SILVA, Gislene. **Mídia Noticiosa como Material de Pesquisa**: recursos para o estudo de produtos jornalísticos. In: BOURGUIGNON, Jussara A; OLIVEIRA JR,

Constantino R (orgs). **Pesquisa em Ciências Sociais**. Interfaces, Debates e Metodologias. Ponta Grossa: Toda Palavra, 2012, p; 49-77.

RIVERA, Jorge B. **El periodismo cultural**. Buenos Aires: Paidós, 1995.

RODRIGUES, Adriano. **Experiência, modernidade e campo dos media**. Lisboa: Universidade de Nova Lisboa: 1999.

SANTAELLA, Lucia. **Cultura e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTOS, Milton. Classificação funcional dos jornais brasileiros – As regiões jornalísticas (1955). In: **Noticiários da Rede Alcar**. Ano 7, nº. 83, de 1º. de Nov., 2007.

SANTOS, Ricarte Almeida. **A música popular maranhense e a questão da identidade cultural regional**. 2012. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade). Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2012.

SCHMITZ, A. A. **Fontes de notícia: ações e estratégias das fontes no jornalismo**. Florianópolis: Combook, 2011.

SILVA, Denise de Sousa; CARDOSO, Letícia Conceição Martins. **A cultura noticiosa do Jornal O Progresso no agendamento da cultura em Imperatriz**. In: XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, Maceió, 2010. **Anais...Intercom Nordeste**, 2010, p.1-8.

SIRENA, Mariana Silva. **Agenda-setting e contra-agendamento: possíveis abordagens para o estudo do jornalismo cultural**. Revista Eletrônica do Programa de Pós-graduação da Faculdade Cásper Líbero, v.5, n.2, 2013. Disponível em: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comtempo/article/view/8550/7968>. Acesso em: 10 de junho de 2016.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

STRECKER, Marión. “Cadernos culturais”. In: **Imprensa ao vivo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

STYCER, Maurício. “Seis problemas”. In: LINDOSO, Felipe (org). **Rumos do Jornalismo Cultural**. São Paulo: Summus, 2007.

TOCANTIS, Zeca. A produção literária em Imperatriz. In: **Imperatriz: 150 anos**. Imperatriz: Academia Imperatrizense de Letras, 2002.

TUBAU, Ivan. **Teoria y practica del periodismo cultural**. Barcelona: A.T.E. Fontes, 1982.

VILLA, María J. **Una aproximación teórica al periodismo cultural**. In: Revista Latina de Comunicación Social, v. 3, nº 35, 2000. Disponível em: <https://www.ull.es/publicaciones/latina/argentina2000/09villa.htm> Acesso em: 10 de outubro de 2016.

WAINER, Jean-Pierre. **A mundialização da cultura**. Bauru: EDUSC, 2000.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

WOITOWICZ, Karina Janz; GADINI, Sérgio Luiz. **A produção da cultura no cenário midiático**: Contribuições da Folkcomunicação para a análise do jornalismo cultural. In: XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Foz do Iguaçu, 2014. **Anais...** Intercom, 2014, p. 1-14.

_____. **Comunicação, Cultura e Resistência**: Da Folkcomunicação aos Estudos Culturais, aproximações e diálogos entre Luiz Beltrão e Stuart Hall. In: Revista Razón Y Palabra, v. 18, nº 2, 2014. Disponível em: <http://www.revistarazonypalabra.org/index.php/ryp/article/view/557/586>. Acesso em: 03 de março de 2017.

VICENTE, Wilq. **Cultura como prática social e política**. In: II Encontro Nacional de Pesquisa em Cultura, Rio de Janeiro, 2014. **Anais...** II Encontro Nacional de Pesquisa em Cultura, 2014, p.1-8.

APÊNDICE A – Livro de códigos para coleta de dados

Livro de códigos aplicado no levantamento quantitativo

1. CAPA

1.1. DATA – Data da publicação

1.2. TÍTULO – Transcrever o título da chamada ou manchete relacionada à cultura

1.3. TEMA

TIPO	CÓDIGO	EXPLICAÇÃO
Música	1	Compreende informações sobre shows, cantores e bandas, festivais, festas, concertos, premiações e lançamentos de CDs e DVDs.
Cinema	2	Refere-se a informações sobre lançamentos e estreias de filmes, festivais, concursos, atuação de atores e atrizes, premiações, críticas de filmes, etc.
Teatro/dança	3	Publicações relacionadas a peças de teatro, festivais, musicais, espetáculos de dança, concursos e oficinas/cursos.
Artes visuais	4	Trata-se de informações relacionadas a todo tipo de pintura (aquarelas, pinturas a óleo, afrescos), desenhos, grafite, fotografia, gravura e escultura.
Literatura	5	Publicações que tratem de lançamentos de livros, feiras, saraus, concursos, premiações, projetos de incentivo a leitura, críticas de livros e produções de escritores.
Patrimônio cultural	6	Refere-se aos bens materiais presentes no Maranhão (obras, objetos, documentos, edificações, sítios arqueológicos, etc).
Patrimônio natural/ Turismo	7	Textos sobre as praias, lagoas, cachoeiras e Parques Nacionais de Preservação no Maranhão (Lençóis Maranhenses e Chapadas das Mesas).
Gastronomia	8	Aborda a cobertura de temas relacionados a alimentação e espaços de consumo de comida (restaurantes, bares, lanchonetes, etc).
Políticas culturais	9	Remete as formulações e/ou propostas desenvolvidas pela administração pública, organizações não-governamentais e empresas privadas para o setor cultural.
Televisão	10	Textos sobre programas de televisão, novelas, vida privada das celebridades, novas contratações das emissoras, entre outros.
Moda/ Comportamento	11	Engloba textos sobre tendências de roupas, desfiles, beleza (maquiagem, penteados, cosméticos), hábitos sociais (consumo, alimentação, leitura, passeios e viagens), relacionamentos.
Tradições/cultura popular/	12	Compreende as manifestações artístico-culturais, folclóricas (Bumba-meu-boi; Tambor de Criola; Lindô, Cacuriá, Quadrilhas, Dança Portuguesa, Dança do coco, entre outros) e artesanato popular.
Outro	13	Todas as questões culturais que não se enquadram nas categorias listadas acima.

1.4. FORMATO

CÓDIGO	TIPO
1	Manchete com foto
2	Manchete sem foto
3	Chamada com foto
4	Chamada sem foto
5	Foto-legenda

2. PÁGINAS INTERNAS DOS JORNAIS

2.1. DATA – Data da publicação

2.2. TÍTULO – Transcrever o título do texto

2.3. EDITORIA – Nome do local em que a matéria foi publicada.

2.4. GÊNERO

CÓDIGO	TIPO
1	Informativo
2	Opinativo

2.5. FORMATO

TIPO	CÓDIGO	EXPLICAÇÃO
Notícia	1	Trata-se do relato de um fato recente de forma objetiva e com pelo menos uma fonte entrevistada.
Nota	2	Texto curto (máximo de 10 linhas) que traz as informações básicas do fato. Normalmente não traz aspas.
Reportagem	3	Relato jornalístico que vai além do factual. Caracteriza-se por ser um texto interpretativo com a presença de contextos, novas fontes, causas e efeitos do acontecimento na sociedade.
Entrevista	4	Reprodução direta (perguntas e respostas) de diálogo ocorrido entre o jornalista e a fonte.
Editorial	5	Texto opinativo, em espaço fixo no jornal, sem assinatura, que representa a opinião do próprio veículo de comunicação.
Crítica	6	Trata-se de um julgamento, interpretação baseada em argumentos que comprovem certa autoridade em determinados assuntos.
Artigo Assinado	7	Texto interpretativo/opinativo assinado por especialista ou figura de destaque.
Coluna Assinada	8	Texto (ou conjunto de textos) assinado por articulista do veículo ou agência. Normalmente com espaço fixo no jornal.
Opinião do leitor	9	Texto produzido por leitores do jornal com opinião sobre temas relacionados a cultura.
Outro	10	Outros formatos não enquadrados nas categorias estabelecidas.

2.6. – TEMA

TIPO	CÓDIGO	EXPLICAÇÃO
Música	1	Compreende informações sobre shows, cantores e bandas, festivais, festas, concertos, premiações e lançamentos de CDs e DVDs.
Cinema	2	Refere-se a informações sobre lançamentos e estreias de filmes, festivais, concursos, atuação de atores e atrizes, premiações, críticas de filmes, etc.
Teatro/dança	3	Publicações relacionadas a peças de teatro, festivais, musicais, espetáculos de dança, concursos e oficinas/cursos.
Artes visuais	4	Trata-se de informações relacionadas a todo tipo de pintura (aquarelas, pinturas a óleo, afrescos), desenhos, grafite, fotografia, gravura e escultura.
Literatura	5	Publicações que tratem de lançamentos de livros, feiras, saraus, concursos, premiações, projetos de incentivo a leitura, críticas de livros e produções de escritores.
Patrimônio cultural	6	Refere-se aos bens materiais presentes no Maranhão (obras, objetos, documentos, edificações, sítios arqueológicos, manifestações artístico-culturais, etc).
Patrimônio natural/ Turismo	7	Textos sobre as praias, lagoas, cachoeiras e Parques Nacionais de Preservação no Maranhão (Lençóis Maranhenses e Chapadas das Mesas).
Gastronomia	8	Aborda a cobertura de temas relacionados a alimentação e espaços de consumo de comida (restaurantes, bares, lanchonetes, etc).
Políticas culturais	9	Remete as formulações e/ou propostas desenvolvidas pela administração pública, organizações não-governamentais e empresas privadas para o setor cultural.
Televisão	10	Textos sobre programas de televisão, novelas, vida privada das celebridades, novas contratações das emissoras, entre outros.
Moda/ Comportamento	11	Engloba textos sobre tendências de roupas, desfiles, beleza (maquiagem, penteados, cosméticos), hábitos sociais (consumo, alimentação, leitura, passeios e viagens), relacionamentos.
Tradições/cultura popular/	12	Compreende as manifestações artístico-culturais, folclóricas (Bumba-meu-boi; Tambor de Criola; Lindô, Cacuriá, Quadrilhas, Dança Portuguesa, Dança do coco, entre outros) e artesanato popular.
Outro	13	Todas as questões culturais que não se enquadram nas categorias listadas acima.

2.7. ABRANGÊNCIA DA PAUTA

TIPO	CÓDIGO	EXPLICAÇÃO
Local	1	Aborda a realidade cultural das cidades sedes dos diários, no caso São Luís e Imperatriz.
Estadual	2	Trata do contexto cultural dos municípios maranhenses que não sejam os referenciados nas categorias local e regional.
Nacional	3	Refere-se a assuntos culturais dos estados brasileiros, menos o Maranhão.

Regional	4	Textos sobre a região metropolitana de São Luís (São José de Ribamar, Paço do Lumiar, Raposa e Alcântara), o sul do Maranhão e a microrregião do Bico do Papagaio (constituída por 25 municípios do Tocantins).
Internacional	5	Matérias relativas à realidade fora do Brasil.

2.8. FONTES

TIPO	CÓDIGO	EXPLICAÇÃO
Oficial	1	Quando alguém de um cargo público se manifesta sobre algum serviço mantido pelo estado, município, união.
Empresarial	2	Representa uma corporação/indústria/comércio. Geralmente possui interesses comerciais naquilo que falam.
Institucional	3	Representa uma organização social sem fins lucrativos ou um grupo social. Procura a mídia para defender uma causa social ou política.
Popular	4	Tem uma representatividade individual, não está vinculada a um grupo social específico.
Testemunhal	5	Funciona como álibi para a imprensa, pois representa aquilo que viu ou ouviu.
Especializada	6	Possui um saber específico ou reconhecido como tal pela sociedade. Pode ser um artista, esportista, entre outros.
Documental	7	Trata-se de uma bibliografia ou documento consultado pelo jornalista para fundamentar sua matéria.

Baseado em Aldo Schmitz (2011)

2.9. RECURSOS VISUAIS

CÓDIGO	TIPO
1	Fotografia
2	Ilustração
3	Infográfico

2.10. OBSERVAÇÕES

APÊNDICE B – Termos de autorização do uso das entrevistas



CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE ENTREVISTA

Pelo presente documento, EU Letícia Conceição M. Ponderoso, brasileiro (a), portador do RG 3330619 06555P-RS e do CPF 644.180.813-72 declaro ceder à Thays Assunção Reis, brasileira, portadora do RG 19346512001-3 e do CPF 032512083-81, mestranda da Universidade Estadual de Ponta Grossa, residente na Rua Tenente Hinon Silva, 441, apt.08, Centro – Ponta Grossa (PR), sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais da entrevista de caráter histórico e documental que prestei ao(a) pesquisador(a)/entrevistador(a) aqui referido(a) como subsídio à construção de sua dissertação de Mestrado em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. O(a) pesquisador(a) acima citado(a) fica conseqüentemente autorizado(a) a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, a mencionada entrevista, no todo ou em parte, editada ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva de garantia da integridade de seu conteúdo e identificação de fonte e autor.

Mão Leão, 08 de agosto de 2016.

Letícia Ponderoso

(assinatura do entrevistado/depoente)



CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE ENTREVISTA

Pelo presente documento, EU Leonardo P. S. Duz, brasileiro (a), portador do RG 168.1580.2001-0 e do CPF 037.788.16-72 declaro ceder à Thays Assunção Reis, brasileira, portadora do RG 19346512001-3 e do CPF 032512083-81, mestrande da Universidade Estadual de Ponta Grossa, residente na Rua Tenente Hiron Silva, 441, apt.08, Centro – Ponta Grossa (PR), sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais da entrevista de caráter histórico e documental que prestei ao(à) pesquisador(a)/entrevistador(a) aqui referido(a) como subsídio à construção de sua dissertação de Mestrado em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. O(a) pesquisador(a) acima citado(a) fica conseqüentemente autorizado(a) a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, a mencionada entrevista, no todo ou em parte, editada ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva de garantia da integridade de seu conteúdo e identificação de fonte e autor.

Imperatriz, 24 de april de 2016.

Leonardo P. S. Duz
(assinatura do entrevistado/depoente)



CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE ENTREVISTA

Pelo presente documento, EU André Luiz Rocha, brasileiro (a), portador do RG 05073775203-3 e do CPF 207349723-34 declaro ceder à Thays Assunção Reis, brasileira, portadora do RG 19346512001-3 e do CPF 032512083-81, mestranda da Universidade Estadual de Ponta Grossa, residente na Rua Tenente Hiron Silva, 441, apt.08, Centro -- Ponta Grossa (PR), sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais da entrevista de caráter histórico e documental que prestei ao(a) pesquisador(a)/entrevistador(a) aqui referido(a) como subsídio à construção de sua dissertação de Mestrado em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. O(a) pesquisador(a) acima citado(a) fica conseqüentemente autorizado(a) a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, a mencionada entrevista, no todo ou em parte, editada ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva de garantia da integridade de seu conteúdo e identificação de fonte e autor.

Inf., 25 de agosto de 2016.

(assinatura do entrevistado/depoente)



CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE ENTREVISTA

Pelo presente documento, EU Aurelio Vinicio B. B. B., brasileiro(a), portador do RG 20087894-4 e do CPF 629 096 813-00 declaro ceder à Thays Assunção Reis, brasileira, portadora do RG 19346512001-3 e do CPF 032512083-81, mestranda da Universidade Estadual de Ponta Grossa, residente na Rua Tenente Hiron Silva, 441, apt.08, Centro – Ponta Grossa (PR), sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais da entrevista de caráter histórico e documental que prestei ao(a) pesquisador(a)/entrevistador(a) aqui referido(a) como subsídio à construção de sua dissertação de Mestrado em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. O(a) pesquisador(a) acima citado(a) fica conseqüentemente autorizado(a) a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, a mencionada entrevista, no todo ou em parte, editada ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva de garantia da integridade de seu conteúdo e identificação de fonte e autor.

Itapecir, 08 de agosto de 2016.

Aurelio Vinicio B. B. B.
(assinatura do entrevistado/depoente)



CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE ENTREVISTA

Pelo presente documento, EU Bruna Maria P. Castelo Branco, brasileiro (a), portador do RG 65563796-0 e do CPF 335.912.153-34 declaro ceder à Thays Assunção Reis, brasileira, portadora do RG 19346512001-3 e do CPF 032512083-81, mestrande da Universidade Estadual de Ponta Grossa, residente na Rua Tenente Ilínon Silva, 441, apt.08, Centro – Ponta Grossa (PR), sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais da entrevista de caráter histórico e documental que prestei ao(a) pesquisador(a)/entrevistador(a) aqui referido(a) como subsídio à construção de sua dissertação de Mestrado em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. O(a) pesquisador(a) acima citado(a) fica conseqüentemente autorizado(a) a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, a mencionada entrevista, no todo ou em parte, editada ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva de garantia da integridade de seu conteúdo e identificação de fonte e autor.

Ponta Grossa, 08 de agosto de 2016.

Bruna Maria Paitas Castelo Branco
 (assinatura do entrevistado/depoente)



CESSÃO GRATUITA DE DIREITOS DE ENTREVISTA

Pelo presente documento, EU Sauvataraf C. Martins brasileiro (a), portador do RG 23281494-8 e do CPF 150.292.10337 declaro ceder à Thays Assunção Reis, brasileira, portadora do RG 19346512001-3 e do CPF 032512083-81, mestrande da Universidade Estadual de Ponta Grossa, residente na Rua Tenente Hinon Silva, 441, apt.08, Centro – Ponta Grossa (PR), sem quaisquer restrições quanto aos seus efeitos patrimoniais e financeiros, a plena propriedade e os direitos autorais da entrevista de caráter histórico e documental que prestei ao(à) pesquisador(a)/entrevistador(a) aqui referido(a) como subsídio à construção de sua dissertação de Mestrado em Jornalismo pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. O(a) pesquisador(a) acima citado(a) fica conseqüentemente autorizado(a) a utilizar, divulgar e publicar, para fins acadêmicos e culturais, a mencionada entrevista, no todo ou em parte, editada ou não, bem como permitir a terceiros o acesso ao mesmo para fins idênticos, com a única ressalva de garantia da integridade de seu conteúdo e identificação de fonte e autor.

São Luis, 08 de agosto de 2016.

Sauvataraf Cota Martins
(assinatura do entrevistado/depoente)



CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS

EU Celso Seno Seno Penna, brasileiro (a), natural de São Luís nascido a 11 de JUNHO de 1920 portador do RG 933.075 e do CPF 45045836315 venho, por meio deste documento, confirmar que permito a Thays Assunção Reis, mestranda da Universidade Estadual de Ponta Grossa/PR, residente na Rua Vinte e três, nº 23, Parque Buriti, Imperatriz – MA, assinado e qualificado, concedo para livre utilização dos direitos sobre minha imagem e som da minha voz, neste ato, a pesquisa sobre o Jornalismo Cultural no Maranhão.

Thays Assunção Reis
PESQUISADOR

[Assinatura]
CEDENTE

Rodrigues T. Reis
TESTEMUNHA

São Luís, 09 de fevereiro de 2016.

APÊNDICE C- Roteiro prévio de entrevistas realizadas com editores dos diários

Questões feitas aos editores dos cadernos/páginas de cultura dos jornais O Estado, O Imparcial e Jornal Pequeno

- 1) Em sua avaliação por que os setores música, cinema, literatura e teatro/dança são os mais tematizados nas páginas internas do jornal?
- 2) As manifestações populares, como bumba-boi e tambor de crioula, são muito presentes na cena cultural de São Luís. No entanto, no mês coletado houve poucas menções a elas nas páginas dos impressos. Tens alguma indicação porquê da baixa frequência noticiosa? Ou o tema só entra na agenda do jornal no período de São João?
- 3) Na coleta, observou-se a presença de poucas críticas culturais no mês de março. A baixa presença (de análise, crítica ou similar) seria, de fato, pouco habitual ou terias outras questões (motivos e justificativas) para isso?
- 4) O levantamento constata ainda uma frequência de notas informativas, principalmente de temas nacionais e internacionais. Quais motivos levam a edição a privilegiar este formato? É a rotina da editoria? Facilidade de edição? Pouco espaço ou outros fatores?
- 5) O jornal chega a vários municípios do interior do Estado. No entanto, as notícias culturais concentram-se no universo de São Luís ou até mesmo ao país. Por que o cenário cultural das outras cidades do interior e até mesmo de outros municípios da região metropolitana não entram nas páginas do veículo?
- 6) Quais os motivos que levam as matérias a usarem como fontes apenas os próprios artistas de que se fala ou os organizadores dos eventos?
- 7) A grande maioria das matérias abordadas pelo caderno segue uma lógica de agenda. No período analisado, verifica-se basicamente coberturas dos eventos nas páginas do caderno. Alguma hipótese ou indicação (explicativa)?
- 8) Por que as matérias de moda/comportamento, gastronomia e turismo e outros temas que não sejam referentes às “sete artes”, em geral, ficam fora do caderno de cultura?

Questões feitas ao editor do jornal O Progresso

- 1) Por que o jornal não apresenta uma editoria ou página específica de cultura diária? Em algum momento, a presença (ausência) de temas culturais no Progresso foi discutida pela direção e profissionais?
- 2) O jornal já apresentou uma editoria de cultura ou outras publicações culturais no passado? Se sim, quando e como funcionava?
- 3) Levantamento da pesquisa, que realizei, revela que mais de 90% do material publicado sobre cultura, em geral breves notas, é produzido por assessorias e muito pouco pela redação. Qual sua avaliação desta situação?
- 4) Em sua avaliação, qual seria a função do jornal O Progresso? Um veículo de debate ou divulgador de relese?
- 5) A direção do jornal tem algum retorno/interação ou diálogo com profissionais de arte/cultura (local ou regional) sobre a ausência da estrutura e espaço para temas setoriais na edição?
- 6) Na avaliação do editor do jornal, qual a ideia de cultura que orienta edição diária?

ANEXO A – Capas dos diários maranhenses

Capa da edição de final de semana do jornal O Estado do Maranhão

Cursos técnicos são alternativa para o mercado de trabalho



CIDADES 1 E 2

PH
Revista

Kely Moreno posa para ensaio fotográfico



Revista da tv

Marcelo Serrado e Rafael Vitti são destaque em "Velho Chico"



Capital e interior
R\$ 4,00
Outros estados
R\$ 5,00

São Luís, 19 e 20 de março de 2016
Sábado/Domingo Nº 19.575

O ESTADO

Maranhão

FUNDADORES: BANDEIRA TRIBUZO E JOSE SARNEY DIRETOR DE REDAÇÃO: CLÓVIS CABALAU
www.oestadoma.com.br

edição de fim de semana

Impeachment

Muita calma nessa hora!

Bancada maranhense prega cautela na análise do pedido de impeachment da presidente Dilma. Militantes vão às ruas em defesa do governo e de Lula. **POLÍTICA 2** E 3



PROTESTO
contra o impeachment
e a favor de Lula
reuniu militância na
Praça Deodoro,
em São Luís

Gilmar Mendes suspende posse de Lula e devolve investigação para Moro



Leia pelo celular

Vazamento de áudios é criticado por parlamentares da bancada maranhense

POLÍTICA 3

Balanco parcial

Mais de 1.000 armas apreendidas na Ilha

Polícia Militar revela que 868 armas brancas e 165 armas de fogo foram apreendidas por guarnições da corporação de janeiro à segunda quinzena deste mês na Região Metropolitana de São Luís. **POLÍCIA 6**

Ranking da Aneel

Cemar é a 1ª colocada em qualidade de serviço

Foram avaliadas todas as concessionárias do país de janeiro a dezembro de 2015 e subdivididas conforme o porte da empresa; a Cemar foi a 1ª colocada entre as de grande porte. **GERAL 4**

Reconhecimento

Empresas do Ano são premiadas em São Luís

CALL 800 368 2262

COLUNA DO SARNEY

A judicialização da política

O Brasil passa por uma deformação do regime democrático, com o que Nelson Jobim chamou de judicialização da política, o que dá margem a alegações de politização da Justiça.

Sem dúvida, se vê a cada dia o perigo que isso significa para o aperfeiçoamento do regime democrático: os partidos deixam de funcionar como instituições autônomas e independentes, que resolvem as próprias questões, para submeter-se à justiça. Ela é chamada para dirimir as disputas políticas, que são, pela natureza do regime, de competência *interna corporis* dos partidos.

Isto levou à deformação de que são assim tratadas as questões que envolvem alguns partidos, que deviam ser resolvidas pelas diversas Câmaras Legislativas e seus regimentos. Diga-se de passagem que estes são dispositivos estabelecidos pela própria Constituição (artigos 51, 52 e 57) e com competência por ela definida.

As consequências deste procedimento têm sido danosas. Criaram um tipo de democracia em que quem resolve as ques-

tões políticas são os tribunais e a Justiça. Mas é preciso fazer ressalva de que quem criou o modelo foram os partidos políticos, que foram à Justiça - e continuam indo - para resolver quaisquer controvérsias que existam na interpretação das regras de sua própria competência.

O resultado é que os partidos não funcionam e não decidem. E não existe democracia partidária interna - nem dão margem a que ela exista.

Quando estas questões envolvem o funcionamento do Congresso Nacional e a vida partidária dentro do Congresso Nacional, a regra devia ser a solução democrática das maiorias, que, em todo o mundo, dirimem os conflitos dentro das Casas Legislativas.

A Suprema Corte não pode ser chamada para resolver se as galerias devem ser esvaziadas ou não, o que já aconteceu. Outro absurdo que foi cometido é ela decidir a composição das comissões partidárias e de inquérito previstas na Constituição, que já foram objeto de interpretações judiciais no sentido de obrigar a nomeação

de membros. Enfim, é intrusão de toda maneira, na interpretação dos regimentos internos.

Renovo a observação de que a responsabilidade é dos partidos políticos, que demandam os tribunais, estabelecendo uma nova forma de decisão no funciona-

uma nova forma de decisão no funcionamento do Congresso Nacional. Quantas vezes, como parlamentar, vi, ao ser proclamada uma decisão que por qualquer modo não agradava a um lado, imediatamente a parte não satisfeita tomar o microfone dizendo que iria recorrer ao Supremo Tribunal Federal. Tornou-se um hábito resolver juridicamente os incidentes comuns a toda casa colegiada.

O Congresso Nacional entregou ao Supremo Tribunal Federal a mais alta responsabilidade do país, a de ser guarda da Constituição. Portanto, sua função deve ser exercer esta guarda e não interferir em questões menores, regimentais ou de normas inferiores a lei. Essa prática é antidemocrática, tem debilitado a democracia brasileira e muitas vezes criado graves impasses.

A GENTE CONTA...

Gorete Leite, a protetora que mantém 33 gatos em casa

PAG. 12



Um perfume
para chamar
de seu; dicas
para a escolha

PAGE 11

ligue e contrate:
(98) 3301-2800

CUIDAR DE VOCÊ. ESSE É O PLANO.

Central Nacional
Unimed

ANS - n° 22067-0

ESTADO MAIOR Janela partidária fecha sem definições de candidatos em São Luís. **POLÍTICA 3**
COTAÇÕES DÓLAR -1.88% (R\$ 3,58) EURO +0.01% (R\$ 4,12) **BAHIA DE MARES**
SABADO MARE BAIXA 12062 1.3m 0356 5.1m 10851 1.1m 10815 5.1m
DOMINGO MARE ALTA 0356 5.1m 10851 1.1m 10815 5.1m
MARE BAIXA 12062 1.3m 0356 5.1m 10851 1.1m 10815 5.1m
MARE ALTA 0454 5.3m 1708 5.3m
TEMPO 20°C MIN 33°C MAX

Capa da edição de domingo do jornal O Imparcial

www.oimparcial.com.br
EXEMPLAR DE ASSINANTE

O IMPARCIAL

Ano LXXXX N° 34.559 DOMINGO, 6 DE MARÇO DE 2016

EXCLUSIVO | As 23 batalhas de Roseana Sarney pela saúde

CAPITAL E INTERIOR R\$ 3,00

URBANO/PÁGINA 2

Estimulantes sexuais viram "febre" entre jovens

Seja pela vontade de impressionar seus/suas parceiros(as) ou pelo receio de "negar fogo", é cada vez maior o número de jovens entre 18 e 25 anos que utilizam estimulantes sexuais de forma indevida. A venda de medicamentos para disfunção erétil se tornou comum entre os jovens nas farmácias de São Luís.

URBANO/PÁGINA 2



EFEITO LAVA-JATO Caçadores de Pixuleco...

Lideranças, deputado e secretários petistas rasgam boneco antilula na Praça Maria Aragão



www.oimparcial.com.br
Assista ao vídeo do confronto na Praça Maria Aragão

Juiz Sérgio Moro justifica ação e repudia agressões

Dilma Rousseff participa de reunião com o ex-presidente

Polícia Federal recebe ato de aplausos em várias capitais



Fachada do Instituto Lula é pichada em São Paulo



Lula faz novo discurso e diz que aceita ser candidato



Militantes fazem vigília na casa do ex-presidente

PÁGINAS 2 E 3, GIRO E BASTIDORES

Negócios

O GAS É NOSSO - Operações da exploradora de gás Parnaíba Gás Natural, que já atua há dois anos no estado do Maranhão, entram em nova fase com as bacias em Lima Campos e Capinzal do Norte. **PÁGINA 6 GERAL**

Glicia Gentil

fala sobre o equilíbrio entre a carreira e vida pessoal



TV+

Rodrigo Santoro volta às novelas em 'Velho Chico' **SUPLEMENTO**



Tudo

Valorização dos cachos

Mulheres estão valorizando a beleza natural e se livrando da química nos cabelos, em salões especializados em tratar dos crespos e cacheados, a fim de garantir a atenção que os fios merecem.

Cultura

BOI DE COSTA DE MÃO - O projeto Lira Jovem incentiva jovens no interior do estado a manter viva a tradição dos seus ancestrais e resgatar as características musicais desse sotaque. **IMPAR**

NOSSOS TELEFONES: GERAL: 3212-2000 COMERCIAL: 3212-2030 CLASSIFICADOS: 3212-2020 CAA - CENTRAL DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE: 3212-2012 REDAÇÃO: 3212-2010

DIÁRIOS ASSOCIADOS **DA**

Capa do Jornal Pequeno

SÃO LUÍS - MARANHÃO | DOMINGO | 10 DE ABRIL DE 2016 | ANO LXIV | Nº 25.434 | R\$ 3,00



Nove delatores da Lava Jato já envolveram Edison Lobão em recebimento de propina

PÁG. 1 [C2]

Informações cruzadas revelam indício bilionário de omissão de receita no Maranhão

PÁG. 5 [C1]

“A confiança é a força da base partidária que construímos”, afirma o prefeito da capital em entrevista exclusiva ao JP

EDIVALDO CAMINHA PARA MAIOR COLIGAÇÃO PARTIDÁRIA NUMA DISPUTA ELEITORAL EM SL

Candidato à reeleição, o prefeito de São Luís, Edivaldo Holanda Júnior (PDT) deve ter a maior coligação partidária numa disputa eleitoral na Capital, desde a reeleição do também pedetista Jackson Lago no ano 2000, que teve 18 partidos coligados. Eleito em 2012 numa coligação de quatro partidos - PTC, PCdoB, PDT e PSB - Edivaldo, a seis meses da eleição, tem 12 partidos em sua base eleitoral. A articulação política do pedetista calcula que 15 partidos comporão a chapa.

PÁG. 3 [C1]

Prefeito leva ações do programa “Todos por São Luís” ao Coroadinho

PÁG. 4 [C1]



Agradecida, moradora do Coroadinho abraça o prefeito Edivaldo

Interior do Maranhão IDOSA INFARTA E MORRE APÓS ASSALTO A ÔNIBUS NA BR-226

Maria de Jesus Moreira Américo, de 70 anos, sofreu um infarto e morreu, logo após o ônibus da empresa Guanabara, em que ela viajava, ser assaltado em Barra do Corda (a 459 quilômetros de São Luís) por pelo menos seis homens armados com espingardas do tipo “bate-bucha” e facões.

PÁG. 12 [C1]



Gastão Vieira diz que a sua nomeação deve-se ao PROS e os seis deputados federais do partido

“Não dá para ninguém fazer política de balcão na Educação”, afirma Gastão

O ex-ministro do Turismo Gastão Vieira (PROS) retorna ao governo Dilma Rousseff para presidir o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), autarquia federal responsável pela execução de políticas educacionais do Ministério da Educação (MEC).

PÁG. 3 [C1]



Mais saúde

Nesses momentos em que a palavra “política” vira sinônimo de luta cega pelo poder, é importante lembrar que seu objetivo mais nobre é a promoção de uma sociedade com a máxima igualdade possível. E igualdade com qualidade de vida a todos, o que se traduz para milhões de pessoas em atendimento à saúde, área que figura entre os primeiros itens de preocupação do brasileiro em todas as pesquisas de opinião.

LEIA O ARTIGO COMPLETO NA PÁG. 4 [C1]

Morre em Imperatriz ex-prefeito de Riachão

Morreu, na madrugada de ontem (9), em Imperatriz, o ex-prefeito de Riachão (a 860 quilômetros de São Luís, no sul do Maranhão), Edmar Alves de Oliveira.

PÁG. 6 [C1]



Edmar chegou ao hospital dirigindo o próprio carro, mas não resistiu

Dez indícios que mostram que você é consumista

ESPECIAL - PÁG. 7 [C1]

CYAN

MAGENTA

VERDE

BLACK

Capa da edição de final de semana do jornal O Progresso



**Católicos celebram
Domingo de Ramos**
P7c1



**Impeachment: Comissão
atuará com isenção,
garante presidente**
P2c1

R\$ 2,00 Sefaz divulga lista de 63 mil empresas sujeitas a cancelamento e baixa no cadastro do ICMS P4c1

o progresso

DESDE 1970

Assinaturas: 3525-2278

www.oprogressonet.com

DOMINGO 20 DE MARÇO DE 2016

Madeira: "Maior obra da minha gestão foi ter destravado a cidade"



O prefeito destaca que incentivos para implantação de novas empresas têm mudado a economia de Imperatriz, gerando emprego e renda P5c1

CADERNO DE DOMINGO

Assim é bom! 47045000 - seu pelo o mundo oprimido - Imperatriz, 20 de março de 2016 Nº 676



VELHO ORICO
Dorinda confessa: Teresa, dentro sente o amor da infância do Lúcio por Dorinda.

ETÁ MUNDO BOM
Sandra conversa Anastácia e consola: E mais para pintar seu retrato.

TOTALMENTE DEMAIS
Dorinda fica triste e é levado para o hospital. Ela diz a Amora que ela culpa sua mãe.



Obras de pavimentação beneficiam escoamento da produção no estado P6c1

Previsão do tempo para Imperatriz
Encabeça o mês com paradas de chuva isoladas
VENTO: FRACOS
DIREÇÃO: E-N
INMET - Instituto Nacional de Meteorologia

Página da ACII
Sebrae entrega prêmio "Mulher de Negócios" P3c2



Esporte
Em palco diferente, Flamengo e Fluminense duelam pela Taça GB P5c2

FMF adia partida entre Moto e Imperatriz
P1c2

Farmácia & Plantão
P4c2